

A DEFESA NACIONAL

— REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES —

DIRECTOR-PRESIDENTE:

Tristão de Alencar Araripe

SECRETARIO:

Aluizio de M. Mendes

GERENTE:

Armando Baptista Gonçalves

Anno XXIV

Brasil Rio de Janeiro, Dezembro de 1937

N.º 283

*Não ha educação sem respeito,
respeito sem autoridade, auto-
ridade sem preceito.*

GÉRARD

SUMMARIO

- O Serviço Militar e a organização das Reservas — Pelo
Cel. *Miguel de Castro Ayres* 709

SECÇÃO DE SCIENCIA E HISTORIA

- Conferencia sobre o Duque de Caxias — Pelo Ten. Cel.
Onofre Muniz Gomes de Lima 713

- O trabalho typographico e suas difficuldades — Um ap-
pello — Pelo Cap. *Aluizio de Miranda Mendes* .. 734

- As Campanhas da Italia — Pelos Capitães *Nelson de Car-
valho e Allexinio Bittencourt* 746

SECÇÃO DE TACTICA GERAL

- A Guerra da Hespanha — Ensinamentos — Pelo Ten. Cel.
Carlos de Souza Reis 766

- Balanco da acção medica durante a campanha italiana na
Africa Oriental, entre 3-X-1935 e 9-V-1936, juncto
a meio milhão de soldados e cem mil operarios

brancos — Pelo Cap. Med. Dr. <i>Ervin Wolffen- büttel</i>	780
---	-----

SECÇÃO DE CAVALLARIA

O Combate da D. C. — Pelo Cap. <i>Eleuterio Brum Ferlich</i>	787
--	-----

SECÇÃO DE AVIAÇÃO

O Emprego das Unidades Aéreas — Estudo de um Caso Concreto — Pelo Ten. Cel. <i>A. S. M. Ararigboia</i>	803
---	-----

SECÇÃO DE PEDAGOGIA

A formação Cultural na Escola Militar	825
---	-----

SECÇÃO TECHNICA

Apparelho de carregar — Pelo 1.º Ten. <i>José Carneiro de Oliveira</i>	828
--	-----

VARIEDADES E NOTICIARIO

Conclusões do relatório apresentado ao C. A. de “A De- fesa Nacional”, pelo Major Tristão de Alencar Araripe, ao terminar o seu mandato	833
O Dia do Professor — Conferencia pelo Major <i>Lima Fi- gueiredo</i>	835
O Petroleo — Pelo Cap. <i>Jayme Alves de Lemos</i>	848
Resultado da eleição da nova Directoria d’“A Defesa Na- cional” para o proximo bienio 1938—39	860
O handicap da Artilharia e Cavallaria	861

O Serviço Militar e a Organização das Reservas

Cel. CASTRO AYRES

A 25 de Outubro ultimo, assisti, na E. E. M. a conferencia do Snr. Gen. Christovão Barcellos, sobre a Lei do Serviço Militar, elaborada por uma comissão presidida pelo mesmo General.

A conferencia do grande Chefe e meu presado amigo, encheu-me de patriotica alegria, por verificar que as idéas fundamentaes da Nova Lei, por mim ha onze annos escriptas, tinham sido acceitas.

Desde 1921, no commando da 7.^a/2.^o R. I., comecei a estudar as causas do quasi fracasso do sorteio militar, resultante do grande numero de insubmissos e elaborar uma modificação fundamental na Lei do Serviço Militar.

A partir de 1923, em serviço no 6.^o R. I., em CAÇAPAVA — S. PAULO, — melhor pude observar os factos, chegando em 1926 a elaborar o projecto final, pois tinha constatado que sendo o recenseamento ou alistamento militar, quasi exclusivamente feito pelo registro civil, o grande numero de insubmissos não existia de facto, pois em 100 individuos alistados nestas condições, 45 eram mortos e nos 55 restantes estavam incluídos os inutilizados, os isentos, os existentes no mesmo Estado e os residindo em outros e no estrangeiro.

De 100 individuos sorteados, 25 poderiam acorrer ao chamado para prestação do serviço militar, d'onde 75 insubmissos que de facto não existiam em sua totalidade.

Pelos estudos feitos pela brilhante commissão chegou ella á conclusão de que o numero de insubmisos attingia a 78% dos sorteados!

Meu projecto de 1926, acabava com o Sorteio Militar, determinando a chamada de toda a classe que tivesse completado no anno anterior á incorporação, 20 annos e chamei esta idade de idade militar.

Esse projecto que trazia em si, além d'essas idéas, a transformação dos Tiros de Guerra, e a criação de Escolas de preparação de officiaes e sargentos da reserva, em todas as capitães dos Estados, foi entregue aos Snrs. Generaes Floriano Ramos e Abilio de Noronha, Cmts. respectivamente da 4.^a Bda. I. e 2.^a D. I. em Outubro de 1926; a 27 do mesmo mez e anno ao futuro Ministro da Guerra General Nestor Passos e a 9 de Novembro ao futuro Presidente Washington Luis.

Os mezes passaram-se e nada foi feito...

Procurei em fins de 1927 o então Deputado, hoje Contra-Almirante Alvaro de Vasconcellos, entregando-lhe meu trabalho.

Este distincto amigo declarou-se que o projecto revolucionava o assumpto e lembrou-me ser o mesmo apresentado por um Deputado, official do Exército, sendo escolhido o nome do então Deputado Gen. Potyguara.

Este distincto Chefe chamou-me á Camara e trocou idéas sobre o assumpto, promettendo submetel-o ao julgamento da Camara; nada porém foi feito; ignorando até hoje os motivos de tal facto.

Resolvi publicar na "A Defesa Nacional" parte do meu trabalho, que é encontrado na referida Revista, em seu numero de Maio de 1931.

Nomeada a Comissão revisora da Lei do Serviço Militar perante ella compareci, expondo-lhe o trabalho que elaborara ha 11 annos.

A classe chamada ao serviço, era divida em 4 grupos: 1.º Gr. dos julgados promptos; 2.º Gr. dos doentes susceptiveis de cura; 3.º Gr. dos isentos; 4.º Gr. dos definitivamente julgados incapazes para o Serviço Militar.

O 1.º Gr. que ficava encostado aos Corpos de Tropa, excederia de muito ás necessidades do Exército, fazendo-se então um sorteio dentre os componentes do mesmo Gr., para a incorporação.

A illustre commissão extinguiu neste caso o sorteio, estabelecendo um habil e justo processo para a escolha dos homens necessarios ao preenchimento dos effectivos annuaes.

Pelo meu projecto de 1926, eram os Tiros de Guerra conservados, sendo porém creados pelo Ministerio da Guerra, em cada Estado, em numero proporcional á sua população e nelles seriam matriculados obrigatoriamente os não aproveitados do 1.º Gr., os do 2.º Gr. quando julgados promptos e os do 3.º Gr., uma vez que não residissem a uma distancia maior de 6 Km. de um dos Tiros creados.

Denominei os Tiros de Guerra de "Depositos Civis de Recrutas", porque a sua organização comportaria 1 Director-Cmt., official do Exército activo ou de suas reservas, nomeado pelo M. G.: 1 Secretario e 1 Thesoureiro, eleitos pelos socios do Deposito.

Além dos matriculados obrigatoriamente, poderiam ser matriculados voluntariamente, os maiores de 17 e menores de 20 annos.

A estes Depositos pertenceriam os officiaes e Sgts.

de 2.^a classe da Reserva, que residissem na Zona do Depósito respectivo.

As Escolas de Preparação para officiaes e sargentos da Reserva, pelo projecto de 1926, funcionariam em todos os Estados, nellas matriculados obrigatoriamente os rapazes que na idade militar tivessem o curso de humanidades ou fossem alumnos de qualquer Escola Superior.

Ao distincto e saudoso Ten-Cel. Luiz de Araujo Corrêa Lima, coube a merecida gloria da criação das Escolas de Preparação de Officiaes da Reserva, os C. P. O. R. actuaes, que inestimaveis serviços vem prestando ao BRASIL e ao seu Exército.

Para concluir, o projecto de 1926, em seu artigo 14, determinada: "Nenhum cidadão brasileiro poderá matricular-se em qualquer academia federal ou estabelecimento de ensino reconhecido; não poderá transitar de um Estado para outro, quer por estradas de ferro, quer por embarcações das companhias de navegação; não poderá exercer qualquer profissão liberar, nem alistar-se eleitor e casar-se civilmente, desde que tenha 20 annos completos, sem que apresente a certidão de alistamento ou caderneta militar.

A Constituição Federal de 10 de Novembro ultimo assim define o papel constitucional das Fôrças Armadas:

"Art. 161 — As fôrças armadas são instituições nacionaes permanentes, organizadas sobre a base de disciplina hierarchica e da fiel obediencia á autoridade do presidente da Republica".

Pelo disposto no artigo acima cessa toda e qualquer veleidade da subordinação meramente funcional para somente subsistir a disciplina hierarchica. Nesse particular seria interessante modificar o Reg. Disciplinar afim de attender esta circumstancia.

LITTERATURA · HISTORIA GEOGRAPHIA · SCIENCIA

O Duque de Caxias

Conferencia feita pelo Ten. Cel. ONOFRE MUNIZ GOMES DE LIMA, no Theatro da Paz em BELEM do PARA', no dia da gloriosa ephemeride em que se homenageia o maior brasileiro — Duque de CAXIAS.

O Exército festeja hoje — data anniversaria do natalicio do in-clito Duque de CAXIAS — o dia do Soldado.

Nosso patrono, meus patricios, foi incontestavelmente um typo perfeito de cidadão e de soldado. Deu á Patria todas as energias de sua brilhante intelligencia e todo esforço de seus musculos robustos, — no maior exemplo de devotamento patriotico. Trabalhou incessante e desmedidamente até quasi á morte em proveito publico. Nunca tardou em ouvir e obedecer o chamamento da Patria. Serviu-a sempre com o maximo desinteresse pessoal e inegualavel solicitude.

Descendente de uma das mais distinctas familias brasileiras, em cujo seio se contava mais de uma dezena de generaes illustres, — nada deveu senão a si. Fez-se como se proviêra da pobreza: morejando diuturnamente, cumprindo pontual e religiosamente suas obrigações, primeiramente de estudante, depois e sempre de official e cidadão.

Jamais o fasto e nem mesmo a gloria — a que attingiu pelo heroismo de sua bravura cavalheresca e pela sua excepcional capacidade de homem publico — lhe obscureceu a visão de largos horizontes, fazendo um fatuo ou vaidoso. Conservou sempre o encanto de sua simplicidade captivante, apesar do porte heraldico de sua impecavel attitude militar.

Nasceu aos 25 dias de Agosto de 1803, no arraial da ESTRELA, no Estado do RIO DE JANEIRO.

Chamava-se Luiz Alves de Lima.

Filho de Francisco de Lima e Silva, que chegou a marechal e senador, e de D. Mariana Candida de Oliveira Bello, foi-lhe permittido, por D. João VI e em attenção á brilhante tradição militar de sua familia, que verificasse praça aos 5 annos de idade, como cadête do Exército.

Aos 15 annos era alferes e em Janeiro de 1821 foi promovido a tenente, depois que concluiu com brilhantismo o curso de Infantaria.

Como ajudante do Batalhão do Imperador seguiu para BAHIA, em 1823, a combater as excellentes tropas portuguezas, que sob o commando do general MADEIRA se obstinavam em não reconhecer a nossa independencia politica.

Bateu-se com bravura no combate de PIRAJÁ e nos encontros de 3 de Maio e 3 de Junho, sendo promovido a capitão e condecorado com as veneras do Cruzeiro e da Guerra da Independencia.

Desencadeada a guerra de 1825-1828, marchou com seu batalhão (do Imperador) para a então provincia brasileira da CISPLATINA — hoje Republica do URUGUAY. Durante esta campanha distinguiu-se pela bravura. Foi galardoado com a Cruz de Aviz e promovido a Major a 2 de Dezembro de 1828, regressando á Côrte como 2.º Cmt. de seu batalhão, com o qual se sentia ligado desde os 5 annos de idade, pelo affecto e pelas glorias que já conquistára em suas denodadas fileiras.

De 1829 a 1831 dedicou-se inteiramente á efficiencia de seu valoroso batalhão, continuando a servir imperturbavelmente á disciplina e á ordem.

No dia 7 de Abril manteve a attitude de um verdadeiro soldado: sereno e reverente ao culto das virtudes militares. O movimento era chefiado por seu pae, então Commandante das armas da Côrte, o que lhe creava uma delicada situação. Enfrentou-a com sobranceria, sobrepondo o dever militar á qualquer consideração de ordem pessoal. Sustentou o Imperador sem vacillação, até que elle voluntariamente abdicou.

Foi o mais solido apoio da ordem no periodo regencial, em que a desordem politica e a indisciplina militar attingiram o mais alto grau. Encabeçando a reacção contra a desordem, organizou o celebre batalhão de officiaes soldados, conseguindo por esse meio e durante dois annos sustentar a ordem restabelecida, em um ambiente agitado pela vehemencia das paixões em delirio. Organizou nessa epoca, por determinação de FELJÓ, o batalhão dos municipaes-permanentes (origem da Polícia Militar do Districto Federal) que tão bons serviços prestou.

Em 1832 dominou promptamente a sedição denominada "abrilada", ficando em relevo a nobreza e o altruismo de seu

procedimento para com seu camarada e amigo, vencido, Major FRIAS DE VASCONCELLOS.

Já Tenente-Coronel, deixou em 1837 o commando dos municipaes-permanentes e seguiu para o RIO GRANDE DO SUL, acompanhando o Ministro da Guerra.

De volta á Côrte foi promovido a Coronel e pouco depois (1839) nomeado Presidente e Commandante das Armas do MARANHÃO, convulsionado pela revolução cognominada "balaçada".

Nesse momento abriu-se a mais ampla porta para o immenso amphitheatro em que sua vida, enaltecendo-se, encaminhou-o para a glória, apresentando o embrião do grande pacificador e administrador que encarnava. A pacificação do MARANHÃO, juntamente á ordem que impoz á administração provincial, despertaram a nação para o grande vulto que seria aquelle Coronel tão moço e já tão capaz, se devidamente aproveitadas suas invulgaes qualidades de chefe militar e civil.

Ficou celebre a sua ponderada proclamação aos maranhenses.

Reconhecendo isso e certamente grato á região que lhe abriera os humbraes da nobiliarchia imperial, ligou seu titulo ao nome da provincia d'onde regressou á Côrte em Julho de 41, como Barão de CAXIAS e deputado pelo MARANHÃO.

Mal chegára ao RIO o General e Barão de CAXIAS e já para elle appellava o Governo do jovem monarcha PEDRO II. A anarchia que revolvêra PERNAMBUCO, PARÁ, BAHIA, RIO DE JANEIRO, SERGIPE e MARANHÃO, estalára na provincia de SÃO PAULO, tendo o fóco principal em SOROCABA e por chefes RAPHAEL TOBIAS e o padre FEIJÓ, ex-Regente do Imperio, — em cujas funcções exercera a autoridade de fórma absolutamente repressora da desordem e da indisciplina e de quem fôra CAXIAS o maior collaborador em tão meritoria obra de defesa nacional.

FEIJÓ, o mais ferreo propugnador da disciplina — quando governo, havia-se transferido ao arraial da desordem, dando assim o mais triste e lamentavel exemplo de obliteração politica, frequente nos homens publicos insinceros e sujeitos ao despeito.

Era o caso de desordem mais grave, dos occorridos, não só por ser theatro SÃO PAULO, como sobretudo, por ser FEIJÓ seu chefe. Urgia, pois, esmagal-o promptamente, para preservar o BRASIL e o Imperio — nas mãos inexperientes, mas augustas, de um monarcha menino — do perigo da nação convencer-se da

incapacidade governamental de regimen e da necessidade de apellar para uma transformação politica nacional que, operada no momento, teria sido de funestas consequencias para unidade da patria.

Coube ao inolvidavel CAXIAS essa patriotica missão, possivelmente uma das que proporcionaram satisfação pela demonstração que permittiu de que a nação e o imperio deviam prevenir-se muito mais contra os politicos civis, quasi sempre truculentos na governança, que contra seus brilhantes e patriotas generaes, sempre magnanimos e indulgentes na victoria.

Essa é uma lição de que o Exército nunca se deve esquecer, pois contem o unico programma dentro do qual corresponderá a sua alta finalidade nacional.

CAXIAS nomeado em acto de 18 de Maio Commandante das Tropas e Primeiro Vice-Presidente da Provincia, partiu do RIO com tropas de reforço, desembarcou em SANTOS e celeremente atravessou a Serra do CUBATÃO, occupando inesperadamente S. PAULO (cidade), quando os rebeldes se encontravam ainda em PINHEIROS.

Conseguida a surpresa moral e material dos adversarios e conquistada a iniciativa das operações, accelerou fortemente seu rythmo de acção de modo a que os insurrectos não tivessem tempo de preparar-se.

Organizada a defensiva na cidade de SÃO PAULO correu ao encontro dos rebellados, batendo-os em TAUBATE' e CAÇAPAVA — que se renderam.

FELJO' suppondo possuir ascendencias sobre o general que lhe estivera subordinado quando o padre, Ministro da Justiça, sufocára as intencionas na Regencia, teve a velleidade de negociar condições para a rendição. Trocaram-se então cartas que nos devem encher, senão de orgulho, de alegria, porque d'ellas sobresahe em refulgente relevo a superioridade do nosso digno patrono sobre a embora grande personalidade de FELJO'.

O padre começou extranhando que fosse "o sr. LUIZ ALVES DE LIMA obrigado um dia a combater o padre FELJO'". E terminava desassombradamente: "Eu estaria em campo com minha espingarda, si não estivesse moribundo; mas faço o que posso".

CAXIAS não deixou passar a oportunidade de uma réplica e uma lição que se faziam necessarias, não só para registrar-se o exemplo da superioridade da comprehensão patriotica dos chefes

militares brasileiros, como para frizar a FEIJO' a punhalada que elle mesmo se vibrava — negando seu passado e compromettendo sua memoria — e respondeu-lhe estranhando tambem que o Regente disciplinador, mas truculento, o levasse a elle CAXIAS, a usar da fôrça para chamal-o á ordem, accrescentando:

“As ordens que eu recebi de S. M. o Imperador são em tudo semelhantes ás que me deu o Ministro da Justiça em nome da Regencia, nos dias 3 e 17 de Abril de 1832; isto é — que levasse a ferro e fogo todos os grupos armados que encontrasse; e da maneira que então as cumpri, as cumprirei agora”.

E sem outras considerações fechou sua resposta com esta sentença fulminante:

“Nenhuma resposta receberei que não seja a prompta dispersão e submissão dos rebeldes”.

A 10 de Junho de 1842, vespera do dia em que CAXIAS iniciou sua offensiva contra os paulistas, arrebentou, em BARBACENA, a revolução de MINAS, chefiada, além de outros por JOSE' FELICIANO PINTO DA CUNHA e por THEOPHILO OTTONI que havia, este, de alcançar grande projecção no scenario politico nacional.

O movimento propagou-se por varios municipios, inclusive por alguns confinantes com a provincia do RIO DE JANEIRO.

O governo imperial fez novo appello a CAXIAS que accelearou as operações em SÃO PAULO e prendeu Feijó a 21 de Junho, depois da rendição de CAÇAPAVA.

A 10 de Julho, ainda ausente da Côrte, foi expedido decreto nomeando-o Cmt. em chefe das Fôrças em Operações na Provincia de MINAS GERAES.

A 23 regressou ao RIO, a 25, já nomeado Ajudante de Campo de S. M. o Imperador, seguiu para PARAHYBA DO SUL e a 30, tudo de Julho, tomou contacto com a columna do Cel CID, uma das tres legalistas que operavam contra os rebeldes mineiros.

Depois de apossar-se de S. JOÃO DE REY, BARBACENA e OURO PRETO, explorando a desorientação e indecisão dos insurrectos que, embora victoriosos em QUELUZ DE MINAS, rumaram para SABARA' e SANTA LUZIA, desnorteados pela noticia da occupação de OURO PRETO pelos legalistas, organizou e executou seu plano de ataque ao arraial (SANTA LUZIA) por tres columnas convergentes, destroçando completamente os amotinados na acção do dia 20 de Agosto, preparada para 21, mas an-

tecipada para não perder as vantagens de bater o inimigo fóra dos bons entrincheiramentos que havia organizado, uma vez que elle, tomando por fraqueza o retraimento de CAXIAS, após os primeiros contactos, viera investil-o em campo raso.

Por tão relevantes serviços foi promovido por decreto de 29 de Agosto de 42, a Marechal de Campo Graduado.

Tinha apenas 39 annos.

A qualquer outro homem seria admissivel que encerrasse ahí sua carreira, sem arrecear-se da falta de brilho.

CAXIAS, no emtanto, estava apenas nos primeiros albores da aurora fulgurante da sua — que foi inegualavel.

Desde 1835 as labaredas da maior guerra civil do continente queimavam vorazes a campanha e as serras do RIO GRANDE, sem que houvesse apparecido o homem feliz e habil que restabelecesse a paz entre irmãos desavindos.

Era que os acontecimentos sangrentos aguardavam a predistinação do pacificador, para ampliar-lhe ainda mais as refulgencias de sua glorificação.

O destino reservára-lhe essa aureola estellar.

A nenhum outro caberia tamanha gloria.

Apenas um mez depois de restabelecer a ordem e a paz nas rechans de SÃO PAULO e de MINAS, novo acto official investia nosso glorioso patrono na Presidencia da Provincia e no Cmdo. em Chefe do Exército em operações no RIO GRANDE DO SUL.

A 9 de Novembro de 1842 tomou posse d'esses dois altos cargos immediatamente iniciou as medidas para o cumprimento de sua elevada e difficil missão.

Balanceou seus meios e os do adversario, de quem estudou os processos de acção.

Reconheceu logo que sua primeira tarefa era organizar, prover e instruir suas fôrças, — o que fez ao mesmo tempo que elaborava seu plano de operações.

Corrigida a situação critica em que encontrou a legalidade, providos os commandos de chefes capazes pela experiencia de enfrentar os ardorosos, bravos e experimentados conductores farroupilhas — senhores, pode-se dizer, não só da terra quanto do coração riograndenses, preparado seu instrumento de guerra, assumiu CAXIAS a direcção pessoal das operações e, tomando a offensiva, foi desbaratando, de victoria em victoria, todas as columnas que accommettia.

Foram dois annos de marchas incessantes através todo o RIO GRANDE. Devem sommar alguns milhares de kilometros as distancias palmilhadas nas innumeradas jornadas, sob sol abraçador ou debaixo d'agua e frio, — augmentado pelo açoute cortante do minuano inclemente.

Ardua foram as refregas e duros os combates. SÃO LOURENÇO, SÃO GABRIEL, SANT'ANNA, SANTA MARIA, PONCHE VERDE, ALEGRETE, TRIUMPHO, CAMAQUAM, PIRATININ, CANGUASSU' e finalmente PORONGOS, são os marcos lendarios d'essa cruzada sangrenta e dolorosa, mas que teve o merito de argamassar com o sangue de seus mortos a unidade da Patria, elevando ainda mais alto o nome de CAXIAS, — o pacificador.

Encerrada a guerra civil, o Governo Imperial confirmou sua promoção a Marechal de Campo e elevou-o á dignidade de Conde.

Recebeu do povo todas as distincções e recompensas dignas de um benemerito, sobrelevando entre todas sua eleição a senador pela quasi unanimidade do eleitorado da Provincia em que durante quasi tres annos fizera a guerra, em defesa da integridade do BRASIL.

Esse pronunciamento politico do RIO GRANDE — civicamente o mais consciente agrupamento humano do BRASIL — permite perceberem-se as extraordinarias virtudes de nosso excelso patrono, o maior dos brasileiros de todos os tempos, que podem ser synthetizadas na trilogia sublime: patriotismo, heroismo e magnanimidade.

Aqui se fechou o ciclo luminoso da actuação de CAXIAS a prol da estabilidade nacional brasileira, dominando primeiro e disciplinando, empós, os factores internos que a perturbavam.

Se nelle sua figura homERICA foi grande, ainda se vae tornar maior no de nossos conflictos internacionaes, — em que verdadeiramente se agigantou.

Os seculares e historicos litigios ibericos entre PORTUGAL e HESPAÑHA transferiram-se ás populações americanas — luzas e hespanholas — dos povoadores do novo mundo, aggravados pelas dissensões e choques oriundos da expansão mutua e consequentes difficuldades do estabelecimento das raias delimitadoras dos respectivos territorios.

D'esses factores — psychologico, politico e geographico, — qualquer d'elles, isoladamente, sufficiente e bastante como germen de luctas, nasceram as desintelligencias entre nós e nossos vizinhos,

particularmente os platinos, divergencias essas que em varias épocas nos levaram á guerra.

Do fim do seculo 18 ao espirar ao terceiro quartel do 19, só em breves periodos conhecemos a paz. A guerra foi o estado normal e permanente em que vivemos.

No termo da primeira phase — que se pôde admittir encerrada com a guerra de 1825-1828, CAXIAS ainda era muito jovem, mas assim mesmo seu nome já figurou com brilho nos annaes d'essa campanha.

Nella aprendeu de experiencia propria a comprehender e sentir a psychologia das populações hispanicas do RIO DA PRATA, não só da élite como da massa — cujo contacto viveu então na estacada e na sortida.

Tal conhecimento deu-lhe a intuição das modalidades volitivas dos homens do pampa, e por ella suas acuradas faculdades intellectuaes viriam permittir-lhe prever, na maturidade, a todo momento e conforme o conjuncto de circumstancias, a maneira pela qual iriam agir.

Eis porque viu sempre claro e sempre jogou certo no taboleiro tactico e estrategico de nossas guerras da segunda phase.

Pela paz de 1828 o BRASIL e a ARGENTINA se tornarm fiadores da independencia do URUGUAY.

A politica de BUENOS AIRES, porém, jamais se conformára com aquella solução que contrariou suas pretensões de annexar-lhe a BANDA ORIENTAL, e nunca deixára de crear-nos situações delicadas, insuflando os politicos uruguayos á pratica de actos hostis aos interesses vultuosissimos de nossos numerosos patrios residentes na Republica, consequencia do facto de voluntariamente haver-se incorporado ao BRASIL, para livrar-se da cobiça de nações europeas e da propria ARGENTINA.

Taes violencias culminaram com a invasão victoriosa de ORIBE no URUGUAY. Matador de brasileiros, era preposto de ROSAS que, através de numerosos e nefandos crimes, estrangulára as liberdades publicas na ARGENTINA, a que se impuzé-
ra como truculento dictador.

Cansado o BRASIL de esperar que o governo uruguayo, attendendo suas repetidas e amistosas solicitações pudesse garantir já não os interesses mas a propria vida dos brasileiros radicados no paiz e deante da impotencia do dito governo em face de ORIBE, resolveu solucionar o caso por si.

Afim de retirar de ORIBE sua verdadeira fonte de recursos e poder — que era ROSAS, aproveitou-se dos resentimentos dos politicos argentinos contra o tyranno e alliou-se a URQUIZA, Presidente da Provincia argentina de ENTRE RIOS, homem de guerra, valente e experimentado — cuja divergencia com o dictador lhe creára a possibilidade muito viavel de ser por elle destruido, se perdesse a oportunidade de enfrontal-o amparado no grande prestigio politico e no consideravel poder militar do BRASIL.

Embora a finalidade dos entendimentos entre o Imperio e URQUIZA fôsse a destruição da influencia politica de ROSAS na ARGENTINA, a principio, para evitar que o tyranno accionasse a tempo seus recursos bellicos e sua dominação politica na maioria das provincias de seu paiz, as negociações tiveram como objectivo ostensivo a libertação da autoridade governamental uruguaya — assediada e ameaçada pelas forças sob o commando de ORIBE. Só depois de attingido o successo nessa primeira phase, se tornaria publico a finalidade principal da alliança, embora as medidas para alcançal-a já estivessem estabelecidas desde as primeiras conversações para o accôrdo. Foi por isso que o primeiro convenio firmado entre o BRASIL, FLORES — presidente do URUGUAY e URQUIZA, datado de 23 de Maio de 1851 era fundamentado exclusivamente na necessidade da pacificação e defesa da autonomia uruguayas, emquanto que o que estabeleceu a verdadeira e publica alliança contra Rosas só se firmou a 25 de Novembro d'esse mesmo anno.

Sob as injunções d'esses graves intuitos, o Governo Imperial nomeou CAXIAS Presidente e Cmt. das Armas do RIO GRANDE DO SUL, pela segunda vez.

A organização do Exército Imperial de Operações, sua articulação e dispositivo iniciais e successivos, seus deslocamentos accordes com o plano de campanha prestabelecido, sendo modelares, honrariam a capacidade dos melhores cabos de guerra.

CAXIAS, já nessa primeira oportunidade que se lhe deparou para revelar-se realmente general, se apresentou com o estylo amplo e fecundo, caracteristico dos grandes-capitães.

E' verdadeiramente notavel o aprimoramento technico, com que solucionou os problemas militares de toda especie, nessa campanha, por todos os titulos memoravel.

Esmagado ORIBE, pacificou o URUGUAY e assignado o con-

venio de 25 de Novembro, o objectivo politico transferiu-se para a personalidade de ROSAS e o theatro de operações para o territorio argentino.

A psychologia como a ethica politica não só aconselhavam, porém exigiam o commando em chefe em mãos argentinas. Foi d'elle investido URQUIZA — que, reforçado pelas tropas uruguayas sob o commando de FLORES e por uma divisão forte do Exército Imperial ás ordens do bravo e impeccavel General MARQUES DE SOUZA, futuro Conde de PORTO ALEGRE, depois da reunião do exército internacional em DIAMANTE e após longas e penosas marchas, derrotou o dictador na renhida batalha de MONTE CASEROS (3 de Fevereiro de 1852), para cuja victoria contribuíram de maneira brilhante as armas brasileiras sob os commandos immediato de MARQUES de SOUZA e do legendario OSORIO.

CAXIAS, depois de ter organizado a divisão que destacou com URQUIZA, manteve o grosso de suas tropas nas immediações de COLONIA, no URUGUAY, prompto a atravessar o RIO DA PRATA na Esquadra Imperial, ao mando de GREENFELL, e cooperar para a decisão e victoria dos alliados em territorio argentino, casos as forças de URQUIZA se mostrassem insufficientes.

A 4 de Fevereiro de 52 encontrou-se com URQUIZA e Marques de SOUZA na quinta de PALERMO, nas immediações de BUENOS AIRES, onde commemoravam a grande victoria alliada, a prol das liberdades do povo argentino.

O Governo Imperial honrou-o, finda a campanha, com o titulo de Marquez.

Em 1855, em consequencia de seus grandes serviços á nação e por isso já factor politico de revelo, fez parte do brilhante gabinete presidido pelo Marquez de PARANA', ao lado do eminente COTEGIPE e do grande RIO BRANCO.

Ministro da Guerra, transformou completamente a organização e administração do exército: instituiu o cargo de Ajudante General em substituição ao de Commandante das Armas da Côte, com o fim de subtrahir o supremo commando aos azares das mutações ministeriaes; reformou a Justiça Militar, adequando-a convenientemente á defesa da disciplina do Exército e afastando-a do systema arbitrario de classificar e julgar delictos; cuidou do recrutamento do pessoal e dos quadros, do Corpo de Saúde, das Inspe-

ções Militares, da Defeza Nacional do Paiz, da vida arregimentada, da organização da Tropa, de obras militares, da Escola de Applicação, das recompensas aos officiaes e praças e dos Arsenaes de Guerra.

E' quasi incomprehensivel como em tão curto prazo, e occupado com assumptos prementes da politica, pôde um só homem realizar tamanha e multiplice reforça de serviços.

A 3 de Setembro de 1856 foi elevado á Presidencia do Conselho em consequencia da morte repentina do Marquez de PARANA'. Pelas cicunstancias politicas do momento, foi apenas de mezes sua permanencia nesse alto cargo onde relevantes serviços teria prestado ao Exército, como occorreu mais tarde, quando foi chamado a essa mesma função no Gabinete de 2 de Março de 1861.

Nesse alto cargo encontraram-no os primordios da celebre questão Christie, cujo desenvolvimento escapou-lhe na phase aguda, por ter sido substituido o Gabinete, mas de cujos aborrecimentos e desconsiderações á Nação e ao Governo brasileiros não se furtou, como attesta sua apreensiva e dolorosa correspondencia sobre o assumpto com seu compadre e velho amigo Visconde do RIO BRANCO.

Marechal do Exército, senador do Imperio e Conselheiro da Guerra no intervallo das sessões, exercendo portanto uma especie de vice-throno, a elle mais que a qualquer outro cidadão, abaixo do Imperador devêra ter affectado esse caso, — torado delicado pelas insolencias graves mandadas praticar pelo representante inglez, de tão malfadada memoria, na séde do proprio Governo Imperial.

Esse incidente revelou ao mesmo tempo que a vivacidade e o ardor de nossos sentimentos civicos, a nossa desorganização geral, de que derivavam nossa fraqueza e a falta completa dos mais elementares recursos de defesa.

E a guerra batia-nos á porta com suas imprevisiveis e perigosas consequencias.

E' que o clima politico uruguayo, continuando propicio ás ambições dos caudilhos incultos e sanguinarios, pela incapacidade da opinião publica para — orientada pelos expoentes de sua cultura, typo LAMAS — senão controlar pelo menos inspirar a acção governamental, voltara ao ambiente do tempo da invasão e depredações oribianas com os mesmos procedimentos criminosos e perversos contra os brasileiros residentes não só no territorio da Republica,

mas também contra os moradores no RIO GRANDE — nas proximidades da fronteira.

A situação agora, muito semelhante a de 1851, pois o lugar de ROSAS poderia ser preenchido pelo dictador e tyranno paraguayo SOLANO LOPEZ — já aparelhado, no momento, politica e militarmente para uma acção em grande estylo, era no emtanto mais delicada. URQUIZA se tornára um vulto proeminente na ARGENTINA. O facto de haver derrubado ROSAS, exercido a dictadura pre-constitucional e promulgado a Constituição — que ALBERDI redigira, dera-lhe um grande relevo nacional. E' bem verdade que a ascensão politica de Mitre e Sarmiento — os verdadeiros plasmadores da ARGENTINA actual — poderia permittir um novo ponto de apoio á politica imperial, uma vez que chegára ao conhecimento do Governo de BUENOS AIRES as maquinações diabolicas dos então manipuladores da politica uruguaya — juncto a LOPEZ, no sentido de conseguirem uma colligação contra MITRE, afim de evitar a ascensão de FLORES no URUGUAY, colligação cujo pivot não podia deixar de ser URQUIZA que, no momento azado — como fizera a ROSAS, para corrigir seu deslocamento no quadro politico nacional e para satisfazer seu complexo caudilhesco, em cheque com as novas circunstancias que estavam permittindo o apparecimento e impondo o valor da cultura na ARGENTINA, decidira da situação, definindo-se contra BUENOS AIRES.

Mas, mesmo que se conseguisse um entendimento com MITRE, a prudencia e a experiencia aconselhavam conquistar o caudilho entre-riano, dada a instabilidade na acção politica argentina embóra previamente combinada — quando em jogo interesses brasileiros no PRATA.

E URQUIZA continuava esphinge.

Os Blancos no poder, a politica do URUGUAY — pratica e objectiva — era a consubstanciada na consolidação da independencia, com embasamento no fortalecimento do cerne nacional da população. D'ahi sua obliteração perigosa, manifestada nas suas violencias não só contra a propriedade, mas contra a vida dos estrangeiros residentes na Republica, — particularmente dos brasileiros cujas pessoas, pelos vultuosissimos interesses de toda especie que representavam, cumpria afugentar do paiz, pela insegurança e mesmo pelo terror, propositadamente estabelecidos.

Fosse, embora, legitima a aspiração, o processo era inadequado pela selvageria e deshumanidade que o caracterizavam, oriundas

do exíguo prazo em que tencionam resolver, pelo extermínio ou pela fuga de nossos patricios, um problema de tão largas proporções economicas e politicas, na solução do qual o tempo não poderia deixar de ser computado como um factor primordial.

Assim não comprehendeu a ala agitada e ambiciosa de influencia, e sobretudo de mando, do partido blanco — que chefiado por LAPIDO, HERRERA, NIN Y REGES, LAS CARRERAS e SAGASTUME, empolgou o governo e levou o presidente Aguirre aos mesmos desatinos da época de ORIBE.

O BRASIL, fiel á nossa politica de cooperação para o equilibrio no PRATA — de que era logica e imperiosa consequencia o respeito, por si e pelos demais Estados sul-americanos, á independencia uruguaya — exgotou todos os meios amistosos e suasorios para afastar o conflicto armado, mesmo depois da ameaça de uma guerra civil no RIO GRANDE, onde o General NETTO, com cerca de oito mil cidadãos, descrente da protecção do Governo Imperial, levantar-se-hia e se uniria ao General FLORES — chefe uruguayo do partido colorado — para junctos defenderem a vida e os haveres, diariamente sacrificados e roubados, não só pelos particulares blancos como pelas proprias autoridades uruguayas.

Desattendidas systematicamente todas as nossas justas reclamações, só então o Governo Imperial enviou a MONTEVIDE'O em missão especial o Conselheiro SARAIVA.

Typo da moderação, da veracidade e do bom senso, seu nome representava uma garantia e um programma pacifico, apesar de autorizado a apresentar ultimatum, caso AGUIRRE persistisse em negar-se a tomar as providencias que os factos pela sua gravidade reclamavam.

SARAIVA, depois de exustivo esforço, em que foi auxiliado pelos bons officios dos representantes inglez e argentino, THORNTON e ELISALDE, conseguiu de AGUIRRE a acceitação de sua proposta, o que implicava na renuncia do General FLORES de apoderar-se do governo pelas armas.

Durou pouco a illusão.

AGUIRRE, dominado pela ala exaltada de seu partido, recuou.

SARAIVA apresentou o ultimatum e retirou-se para BUENOS AIRES no que foi imitado por ELISALDE e THORNTON, certamente para exprimirem sua solidariedade com a actuação de nosso eminente emissario, facto impossivel se a razão não lhe tivesse assistido até o termo das negociações.

TAMANDARE' e MENNA BARRETO iniciaram as operações militares e já de accôrdo com o General FLORES assaltaram e conquistaram PAYSANDU'.

Havia-se accendido o estopim com que Las Carreros, Lapido e Sagastume, em particular, tinham escorvado a situação politica platina contra o BRASIL, no sentido de uma colligação contra o Imperio, da qual a figura do dictador do PARAGUAY era o factor central e principal e á que se suppuzeram, fatalmente MITRE teria que adherir, não só pelas occultas aspirações politicas de BUENOS AIRES como pelo receio de comprometter, além do seu governo, o futuro de sua influencia politica.

Essa supposição possivelmente proviêra do conhecimento que deviam ter das demarches de LOPEZ juncto a MITRE, em 1863, no sentido de uma alliança entre ambos.

Contra quem poderia ser tal pacto ?

Assim, julgaram, possivelmente, que não estando fechadas as portas para um entendimento d'essa natureza, não seria tarefa de Hercules attrahir MITRE ao bloco anti-imperial, no momento conveniente.

Eis por que, julgado impatriotico mesmo para Caxias, o tratado da triplice alliança contra o PARAGUAY, pelas suppostas abdições de soberania, impressão explicavel na época pela paixão dos julgadores naquelle momento, deve ser interpretado, como a unica solução capaz de desviar do BRASIL o objectivo de uma colligação ideada, para, por uma simples substituição de componentes, viral-a contra o mais perigoso dos factores anti-brasileiros, aquelle tempo.

Sim. Pois se outra solução mais vantajosa houvesse, certo os habeis e próbos diplomatas e politicos do Imperio teriam feito triumphar, dentro de suas honrosas tradições de sagazes negociadores.

Ponderem-se as consequencias para a Patria, se a lucta se tivesse que se desenvolver sem o BRASIL haver jungido ao seu destino no conflicto, por força d'aquelle instrumento contractual, a ARGENTINA de MITRE e o URURGUAY de FLORES e ver-se-há meridianamente que o Imperio negociou o tratado na base de maior beneficiado, apesar das apparencias, pseudo desfavoraveis, de que é inquinado.

Com sua assignatura o BRASIL virou o feitiço contra os feiteiros e adquiriu a faculdade de impôr aos habeis e infernaes organizadores da mais diabolica maquinação politica preparada con-

tra si, a derrota e a destruição que imaginavam haver-lhe architectado.

Vencidas essa grave etapa do momento politico de então, desencadeada a guerra sobre a exclusiva responsabilidade do tyranno guaycuru' invadidos a ARGENTINA e o BRASIL, quasi se não comprehende que o Imperio não houvesse investido CAXIAS no Commando em Chefe de seu Exército de Operações. Mas é que o Grande Condestavel, tendo apresentado embóra a BEAU-REPAIRE ROHAN, por sollicitação d'este, seu brilhante plano de guerra contra LOPEZ, era, pelo menos no começo da lucta, um factor psychologico inconveniente áquella funcção, uma vez que em seu elevado criterio o tratado fora militarmente, sob o ponto de vista commando, desfavoravel á significação politica do BRASIL.

Isso não absolve, no emtanto, os chefes do partido liberal, então no poder, das culpas imperdoaveis de, por pecuinha, haverem afastado o Marechal e Marquez, o mais notavel conselheiro militar do Imperio, dos Conselhos em que se decidiam as medidas atinentes á guerra.

Uma cousa não implicava a outra.

A lucta já tinha quasi dois annos de curso, quando CAXIAS foi nomeado Cmt. em Chefe Brasileiro.

Depois dos brilhantes feitos de RIACHUELO, PASSO DA PATRIA, TUYUTY e CURUZU', occorrera o insuccesso de CURUPAITY que tanto impressionára a opinião publica, pelas circumstancias de havel-o precedido a celebre conferencias entre LOPEZ e MITRE, dias após nossa victoria em CURUZU'.

Além d'isso, á acção contra CURUPAITY seguiu-se a paralisação quasi completa das operações e em consequencia o exército se aniquilava estacionado nos acampamentos de TUYUTY.

A situação reclamava um correctivo e um propulsor.

Nomeado Cmt. em Chefe Brasileiro, CAXIAS assumiu seu posto a 18 de Novembro de 66 em TUYUTY e iniciou, immediatamente, as providencias para a continuação da offensiva geral, terrestre e fluvial.

Até Fevereiro de 67 preparou e aguçou seu instrumento de guerra.

A retirada de MITRE e FLORES para seus paizes, pôz-lhe nas mãos em 9 d'este mez o Commando em Chefe dos Alliados.

CAXIAS aproveitou-se d'essa feliz occorrença para executar

seu racional plano de operações, cujo primeiro objectivo era o desbordamento e isolamento de HUMAYTA', cortando-lhe as communicações por terra e agua com ASSUMPÇÃO.

A irrupção da cholera-morbus nos ultimos dias de Março e a prolongação de seu surto até o fim de Maio, não consentindo na execução de qualquer operação, CAXIAS empregou o tempo em melhorar seu campo fortificado de TUYUTY e na preparação para futura manobra de novos elementos, notadamente a observação aérea e linhas telegraphicas.

Do estudo das condições militares do Exército Aliado — particularmente do Imperial, tão afastado de suas bases de operações — e da situação de insegurança politica na ARGENTINA e no URUGUAY, colligiu por uma actuação estrategica prudente.

Postos em condições o Exército, CAXIAS applicando judiciosamente o principio de economia de fôrças, iniciou a manobra de dedobrimento do quadrilatero de HUMAYTA' com a execução de sua magistral marcha de flanco para TUYA' CUÊ.

A 31 de Julho estava concluido com pleno exito o movimento e CAXIAS em um magnifico dispositivo, cuja articulação lhe permittia atacar com sua respeitavel massa de manobra (26.000 homens), da base de partida PASSO do ANGULO-PASSO do ESPINILHO, na direcção de PASSO-PUCU', quando ainda as organizações paraguayas nessa frente não haviam sido reforçadas e occasionar a queda da linha geral CURUPAITY-SAUCE-ESTERO ROJAS.

A chegada, porém, de MITRE neste mesmo dia e sua assumção ao commando a 1.º de Agosto, não só impediram a execução d'essa operação que bem succedida poderia até ter terminado a guerra, como reiniciaram a paralisação completa da offensiva, dando ao inimigo tempo e liberdade para reforçar suas posições.

Tal attitude — talvez procedente da apthia do Commando em Chefe, mas possivelmente oriunda de outras causas de natureza politica — prolongou-se durante toda permanencia de MITRE no theatro de operações.

Nesse decurso as operações offensivas parciaes realizadas (passagem de CURUPAITY pela Esquadra a 15 de Agosto e occupação de TAYÍ pelo 1.º C. E. B. a 2 de Novembro), esta ultima cortando o trafego fluvial entre ASSUMPÇÃO e HUMAYTA', foram determinadas pelo Marquez de CAXIAS.

Não fôra ainda sua acertada previsão de technico de guerra

reforçando ao maximo as organizações defensivas occupadas pelo 2.º C. E. B. deixado de guarnição na base de Operações de TUYUTY, e possivelmente o violento ataque de BARRIOS contra ella a 3 de Novembro teria sido inicialmente victorioso e de consequencias talvez irreparaveis para os alliados.

MITRE que se manteve impassivel durante o ataque de BARRIOS, permaneceu inactivo depois de nossa victoria, perdendo a occasião esplendida de atacar de surpresa com sua massa de TUYU'-CUÊ na direcção de PASSO-PUCU', explorando a derrota e as perdas soffridas pelo valente general paraguayo.

A retirada definitiva do Presidente Argentino para BUENOS AIRES a 12 de Janeiro de 68, em vista do fallecimento do Vice-Presidente em exercicio, além de callar os murmurios correntes no Exército Brasileiro, repôz. nas mãos de CAXIAS o Cmdo. em Chefe dos Alliados.

Não demoraram as providencias para a retomada do plano de operações, pela continuacão das complementares á completa consecucão do primeiro objectivo — derrubada, pela manobra, do quadrilatero de HUMAYTA' — o que occorreu a 25 de Julho, depois dos acontecimentos brilhantes da passagem da Esquadra e tomada do Estabelecimento, do reconhecimento do rio até ASSUMPÇÃO, da repulsão á heroica abordagem aos nossos couraçados, do ataque combinado do 2.º e 3.º C. E. B. de que resultou o encurtamento da frente do sitio — pela queda do saliente CURUPAITY-LAGUNA, LOPEZ-ESTERO ROJAS.

A queda de HUMAYTA' que encerrou a primeira phase da ampla manobra de CAXIAS contra LOPEZ, representando embora um golpe material e sobretudo moral, terrivel contra o dictador, não foi, entretanto de consequencia decisiva para a lucta. LOPEZ, presentindo a tempo a imminencia de seu envolvimento se teimasse em manter-se naquella formidavel posição fortificada, providenciára desde principios de Março a retirada de seu grosso para a linha de TEBIQUARY, operação realizada sob a protecção da heroica resistencia opposta pela cobertura, inicialmente ao mando do Cel. ALLEN e depois ás ordens do bravo e denodado Coronel MARTINEZ.

CAXIAS não demorou em ter informações seguras do retraimento do tyranno e lançou sem perda de tempo o reconhecimento terrestre sob o Commando de MENNA BARRETO em combina-

ção com uma divisão naval que subuiu o PARAGUAY até o rio TEBIQUARY.

Informado sobre o valor do inimigo e de suas posições na nova linha de defesa, bem como sobre a natureza do terreno que teria de percorrer entre TUYU'-CUÊ e o TEBIQUARY, projectou as medidas para a realização da segunda phase de sua manobra:

- mudança de sua base de operações para HUMAYTA' — fortemente guarnecida pelo 2.º C. E. B., reforçado com os argentinos ás ordens do General GELLY y OBES;
- marcha para o norte com o 1.º e o 3.º C. E. B., combinadamente com a Esquadra, em busca do inimigo.

Embora pareça á primeira vista que CAXIAS não haja applicado bem o principio de economia de fôrças na repartição de suas tropas, reservando á guarnição de sua base 1/3 de seus effectivos, a consideração da insegurança das instituições e situação politicas, agravada agora, na ARGENTINA e no URUGUAY, creandolhe uma grande ameaça á retaguarda e á que devia poder attender sem demora e a qualquer instante, demonstra que o grande General mais uma vez o empregou com propriedade e consequentemente com sabedoria.

A mesma sabia applicação do referido principio, por isso que em absoluta correspondencia com as circunstancias occasionaes e locais, fez CAXIAS na repartição equalitaria de seu effectivo entre a vanguarda e o grosso, na marcha para o norte, — em que o inimigo só oppoz resistencia no arroio YACARE' a 26 de Agosto e em um reducto á margem esquerda de TEBIQUARY 2 dias depois, sendo em ambos os recontros batidos pela extrema vanguarda, ao mando do valoroso ANDRADE NEVES.

Apesar do TEBIQUARY ser um curso d'agua capaz de constituir um serio obstaculo pela sua consideravel largura, LOPEZ cedo se deu conta da fraqueza de sua posição, não só por ser muito baixa a margem norte d'elle — onde estava installada, como porque, não tendo apoio em seu flanco esquerdo, tinha o direito sujeito aos fogos da esquadra que entrasse rio acima. E mudou-se, sem lucta, nos ultimos dias de Agosto para a formidavel posição á margem do PIKISSIRY, cuja organização iniciára em meiado d'este mez.

A travessia do TEBIQUARY pelo Exército, sob chuvas torrencias durou de 1 a 8 de Setembro.

Depois do choque da vanguarda com um troço inimigo no rio SURUBY-HY a 23 de Setembro o Exército o atravessou e acampou em PALMAS, na bocca da picada com que se iniciava o caminho que transpondo o PIKISSIRY ia a ASSUMPÇÃO.

Os reconhecimentos levados a effeito logo mostraram a CAXIAS a impossibilidade do successo de um ataque frontal. A linha do PIKISSIRY — apoiada á direita na fortaleza de ANGUSTURA e á esquerda na extensa e intransponivel lagoa IPOA', além da matta da margem sul, através da qual só havia a picada que arrancando de PALMA canalizava toda acção de investimento frontal, fadada portanto ao insuccesso, — apresentava um sensível commandamento da margem norte, alliado ao obstaculo que o rio constituia, ampliando em frente do unico ponto de passagem, pela inundação consequente de seu represamento.

Mas taes circunstancias não foram sufficientes para entibiar a fortaleza de animo do maior general brasileiro e quiçá sul-americano, cuja avançada idade se rejuvenecia a todo instante no indomavel espirito sertanista que enrijou a tempera varonil de todas as gerações de chefes do Brasil-Imperio.

E Caxias concebeu, então, e realizou, após, a mais bella manobra de sua longa e gloriosa vida de chefe militar. A concepção é de tal audacia que raia a temeridade e arrojo equivalente só haviam tido alguns dos capitães excepcionaes — e em pleno vigor da mocidade. CAXIAS contava, porém, sessenta e cinco annos, idade normalmente velutudinaria nos homens communs.

Não sendo possível investir de frente o inimigo, o Grande Soldado impoz-se ataca-lo pela retaguarda.

A simplicidade do problema — que se expõe nas poucas palavras acima — é apenas enganadôra, pois sua solução exige, como exigiu, emprehendimentos cujas difficuldades só podem ser superadas por chefes realmente excepcionaes e que disponham de commandantes e tropa encarnando no mais alto gráu as dignificantes virtudes militares de abnegação, espirito de sacrificio e absoluta disciplina.

Decidido desbordar o flanco direito de LOPEZ, para envolvê-lo e aniquilal-o, a uma distancia abrigadora dos fogos da fortaleza de ANGUSTURA, impunha-se a tarefa preliminar da abertura de uma estrada de mais de 11 Km. na matta virgem que cobre o grande CHACO da margem direita do Rio PARAGUAY, por onde deveria passar um exército de 25.000 homens, inclusive ar-

tilharia. Eurgia apromptal-a, pois se estava no meiado de Outubro e as grandes cheias que cobrem o pantanal começariam com o início da primeira quinzena de Dezembro. Em 23 dias essa obra gigantesca estava terminada.

Transportada sua massa de manobra para margem direita do PARAGUAY, percorrida a estrada do CHACO até seu ponto terminal defronte de VILLETA, retransportada pela Esquadra para a margem esquerda, em SANTO ANTONIO, CAXIAS, no fim da jornada de 5 de Dezembro, dispondo de cerca de 25.000 homens á retaguarda do inimigo havia conseguido a surpresa estrategica pela realização com pleno exito da primeira phase da ultima parte de seu grandioso plano de manobra.

Operações de tal envergadura, em busca da batalha de aniquilamento pelo envolvimento integral do grosso inimigo, só as tendo realizado os generaes de maior renome, collocam CAXIAS na galeria de ANNIBAL, NAPOLEÃO, MOLTKE e LUNDEN-DORFF.

Era o início da Dezembrada epica, cujos esplendores heroicos se inscreveram nos clarões das epopéas de ITORORO' — onde a bravura pessoal de Caxias repetiu na velhice a valentia da mocidade de NAPOLEÃO em ARCOLE, de AVAHY, de LOMAS VALENTINAS e da ruptura homerica da inexpugnável posição da linha de PIKISSIRY.

Maior e melhor exito no mesmo prazo ainda não foi conseguido por nenhum outro grande general.

Realmente. CAXIAS de 5 de Dezembro a 5 de Janeiro seguinte, isto é, em 31 dias, engajou e venceu tres renhidas batalhas, uma das quaes durou seis dias, e depois de esmagar o grosso inimigo, contra-marchando, percorreu considerável distancia e occupou ASSUMPÇÃO.

Tudo consequencia da manobra que, triumphante ainda, levantava bem alto o pedestal majestoso do inabalável monumento historico de um dos maiores generaes de todos os tempos.

Com a saúde seriamente combalida e as energias momentaneamente exgotadas, deu por finda sua missão no theatro de operações, pois a guerra estava virtualmente terminada, com a victoria completa do BRASIL.

O que restava fazer era aprisionar LOPEZ e completar a occupação militar do PARAGUAY, missão innegavelmente ao alcance de qualquer de seus generaes subordinados.

Possivelmente seu grande tino politico, servido pela sua profunda penetração psychologica, lhe teria permittido presentir a intenção da Corôa de ligar a Dynastia Imperial ás tradições militares de nossa maior guerra.

Abrindo possibilidades á semelhante occorrendia, entregou o commando em chefe ao seu collega GUILHERME XAVIER de SOUZA, no dia 18 de Janeiro de 69, embarcando dias depois para o RIO DE JANEIRO.

Chegando á Corte foi elevado a Duque.

Havia sido tudo: barão, visconde, conde, marechal, marquez, duque. E em seu peito refulgiam as principaes condecorações, inclusive a Gran Cruz de Pedro I — só concedida a soberanos. Era Senador na politica e Conselheiro de Estado na Côrte.

Em 1875, substituindo o grande RIO BRANCO, foi investido pela terceira vez na Presidencia do Conselho, assignalando sua ultima passagem pelo Governo com um dos maiores actos de benemerencia de sua vida gloriosa — a pacificação religiosa, consequente da amnistia aos Bispos do PARA' e de PERNAMBUCO, D. Antonio Macedo Costa e D. Vital de Oliveira, pelo decreto de 17 de Setembro d'esse anno.

Morreu na Fazenda de SANTA MONICA, no Estado do RIO DE JANEIRO, no dia 7 de Maio de 1880, em um ambiente de paz e simplicidade, attentada pela dispensa de todas as honras officiaes e no seu ultimo desejo — que foi cumprido — de ser seu corpo conduzido ao tumulo por seis soldados de exemplar comportamento.

Foi sepultado no cemiterio de SÃO FRANCISCO DE PAULA, em CATUMBY, na Capital Federal. Seus restos mortaes jazem hoje na basilica de SÃO FRANCISCO XAVIER, ex-matriz da parochia de sua residencia — na então Côrte.

O grande Duque e invicto general prestou por tal fórma sua maior homenagem, na pessoa d'aquellas seis humildes praças, á memoria dos innumeró collaboradores anonymos de sua gloria imperecivel, sendo assim o fundador do culto ao soldado desconhecido.

Justo até á morte.

Honremos-lhe a memoria sacrosanta, para sermos dignos filhos d'essa augusta Patria, — a que elle serviu com immenso devotamento e que amou com todas as forças de seu grande coração.

Salve!!! CAXIAS!!!

O trabalho typographico e suas difficuldades

U M A P P E L L O

Pelo Cap. ALUIZIO DE MIRANDA MENDES

No estado actual das coisas, as artes graphicas attingiram um desenvolvimento tal que exigem — no presente momento — uma technica particular e operarios especializados, intelligentes e extremamente devotados.

A confecção d'uma obra graphica qualquer, jornal, livro ou revista, é uma obra de arte que exige e impõe o conhecimento aprofundado da technica typographica, não só por parte dos operarios executantes, como tambem por parte dos autores, publicistas, etc., sem o que a obra a imprimir sahirá cheia de erros grossellos ou então exigirá, para o seu completo acabamento, um tempo excessivo e, nas mais das vezes, inadmissivel.

Ora, o tempo é dinheiro e, quando se trata de obras typographicas quotidianas, hebdomadarias, quinzenaes ou mensaes, o tempo é forçosamente limitado a um dia, uma semana, etc., e, dentro d'esse prazo, a obra deverá estar concluida e, quiçá, mesmo, divulgada.

A "A Defesa Nacional" é uma revista mensal. Em rigor deveria sahir, isto é, ser distribuida até o ultimo dia de cada mez.

Mas, o que é necessario á sua confecção ou composição?

A sua enumeração mostrará a somma de esforços despendidos em se pôr na rua um numero qualquer da nossa Revista:

1.º — Inicialmente a collaboração, não só boa na essencia como excellente na fórma, na apresentação, de tal maneira que a sua copia pelos typographos (monotypistas ou linotypistas) seja facil e rapida.

2.º — Em seguida o trabalho de impressão typographica propriamente dita, comprehendendo geralmente:

- a) — a composição (prosa ou poesia);
- b) — a paginação;
- c) — a distribuição (monotypia) após a impressão.

3.º — A encadernação.

4.º — Finalmente, a remessa.

Então, uma idéa fundamental surge desde já, quando desejamos sinceramente concorrer para o perfeito acabamento d'uma obra typographica qualquer: a collaboração deve ser, antes de tudo, **efficiente cooperação** — porque — como em toda e qualquer outra arte, nas artes graphicas o que não serve prejudica.

OS ORIGINAES

Tratando-se de collaboração benevola e graciosa, os originaes são geralmente escriptos pela grande massa dos seus assignantes para os quaes a Directoria não dispõe de nenhum poder de controle ou de direcção.

Ora, como infelizmente no BRASIL não possuímos uma orthographia official, unica e uniforme, essa collaboração é apresentada nas mais variadas orthographias; desde a phonetica pura até a etimologia passando-se pelos mais espantosos hybridismos.

A "A Defesa Nacional" nunca recebe dois artigos escriptos na mesma orthographia !

Acresce além d'isso outra séria difficuldade. A collaboração é enviada á Redacção da Revista, manuscripta ou dactylographada. Rarissima é a collaboração manuscripta mandada em calligraphia legivel e bonita. O que geralmente succede é justamente o contrario, parecendo até proposital o desejo de difficultar a impressão... Quanta á collaboração dactylographada que tão bem poderia apresentar fôrma linda e limpa, é não raras vezes enviada em segunda, terceira ou mesmo quarta prova em papel carbonado, apagada, imperceptivel e inteiramente desmaiada!

Acrescente-se a tudo isso o evidente proposito que todos têm de economisar papel, mandando os originaes batidos á maquina com espaços simples (entrelinha reduzida), serrados e que a simples leitura cança a vista, fatiga e enjoa. Artigos cheios de razuras, correcções manuscriptas inintelligiveis, borrões, indicações particulares pouco comprehensiveis, griphos em excesso que si realizados fossem transformariam o artigo em verdadeiro dominó, etc., são outras tantas difficuldades que ainda mais vêm complicar o problema.

A "A Defesa Nacional" é pobre e não possui **revisores**. O Secretario da Revista é quem faz esse penoso trabalho. E elle se impoz ainda o elementar dever de procurar unificar por todos

os meios a orthographia, corrigindo os artigos, confeccionando numeros da Revista com a maior variedade possivel de artigos de toda especie.

O Secretario, como aliás os demais Directores, não é remunerado, exercendo esses encargos nas horas de folga ou de descanso. Não é justo, portanto, que elle consuma seu tempo — precioso pelo descanso que lhe dá ou pelas distrações que lhe proporciona — em recopiar artigos ou em corrigir tres ou quatro vezes “provas de revisão” que custam caro. Cumpre ainda notar que a “A Defesa Nacional” sendo espalhada em todo o BRASIL e em varios paizes do mundo, deve ter uma apresentação digna do Exército Nacional. Todos os collaboradores que nos honram com os seus trabalhos devem, pois, interessar-se pela sua boa contextura e seu excellente acabamento.

Como então poderão os nossos distinctos collaboradores concorrerem para semelhante mistér?

Bastaria que mandassem boa collaboração: (1)

- bem escripta, em redacção portugûesa correcta;
- dactylographada (ou mesmo manuscripta em calligraphia legivel e clara) com duplos espaços (entrelinha normal), bem visivel, limpa e nitida;
- trabalho limpo e sympathico, isto é, bem apresentado;
- tanto quanto possivel escripta na orthographia da “A Defesa Nacional” que é a orthographia etimologica utilizada por Candido de Figueiredo no seu “Diccionario da Lingua Portugûesa”.

Eis ahi a primeira parte d’essa cooperação que desejamos ver realizada por parte dos nossos dignos camaradas, brilhantes collaboradores d’esta Revista.

A IMPRESSÃO

De posse de originaes bem legiveis, passamos ao arduo e difficil trabalho de impressão. Vejamos resumidamente quaes são

(1) A partir do anno vindouro a “A Defesa Nacional” não mais publicará programmas de instrucção. Trata-se, muitas vezes de optima collaboração, mas attendendo á grande quantidade que nos têm sido enviada ficamos na impossibilidade de publical-os todos.

as suas difficuldades e que somma consideravel de esforços ella exige.

A impressão pode effectuar-se por meio de:

- monotypia;
- ou linotypia.

Na monotypia as palavras e as linhas são compostas letra por letra, cada letra constituindo um typo, uma unidade.

Na linotypia o texto é composto linha a linha; cada linha formando um todo indiviso, uma verdadeira unidade. Estas linhas são feitas em maquinas especiaes denominadas **linotype**. Hoje em dia já existem tambem maquinas aperfeiçoadas para trabalhar em monotypia e taesapparelhos ou maquinas de typographar são denominadas **monotype**.

Tanto num como noutro processo, o operario copia cuidadosamente os originaes. O ideal seria que elle pudesse copiar os maquinaalmente sem se preoccupar em decifrar correcções nelles introduzidas.

Chamam-se **caracteres** ou **typos** a reunião de todas as sortes de letras. Todos os typos são identicos em altura e a sua espessura é determinada pela fórma da letra.

Chama-se **corpo** do typo, o seu tamanho. Os caracteres mais usados são os corpos 6 a 12 e os menos utilizados são os de corpos 5, 14, 16, 18, 20, 22 e 24. Com excepção do corpo 5, os demais (a partir do corpo 14) empregam-se somente nos grandes formatos. Esses numeros indicam no corpo da letra o numero de **pontos**.

O **ponto** "é uma medida convencional; é a unidade que serve de base para se estabelecer, com regularidade, a fundição dos caracteres, a sua espessura e altura e representa pouco mais ou menos, a terça parte d'um millimetro; é com auxilio d'essa medida mathematica que se estabelece o comprimento e a largura das paginas, a uniformidade das tabellas, a disposição dos titulos entre si, a symetria e a exactidão exigida ainda mesmo nos trabalhos menos importantes".

Exemplos de caracteres:

Romano:

Patriotismo é amor, civismo é respeito, (1)

Italico:

Um prende o homem á Patria pelo coração, outro pelo dever. (1)

Negrito:

O primeiro é a religião da qual o segundo é o rito. (1)

Exemplo de tamanho dos typos:

Corpo 6:

Previne-te na mocidade, economisando para a velhice.

Corpo 8:

As fronteiras materializam a personalidade da patria.

Corpo 10:

Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste. (2)

Corpo 12:

Aure-verde pendão da esperança.

Corpo 14:

Independência ou morte!

Apresentadas essas poucas definições iniciaes passemos agora a impressão propriamente.

A COMPOSIÇÃO

Por maior que seja a atenção com que os compositores typographos executem seu trabalho (mesmo com excellentes originaes bem dactylographados) sempre apparecem erros e irregularidades mais ou menos numerosas. As vezes são "pasteis", isto é, uma letra posta em lugar de outra; outras vezes, uma letra, palavra, linha ou oração composta duas vezes, isto é, um "doublon"; enfim, pode ser uma palavra, uma phrase omittida, isto é, um "salto" ou "bourdon". Ha ainda letras ou palavras viradas, transpostas, mal divididas; linhas apertadas ou cheias de mais, ou por demais espacejadas; as letras quebradas, cahidas, fora de linha ou de type differente do resto da composição; palavras com erro de orthographia; griphos em lugar de letras ordinarias (italico ou negrito em lugar de romano); maiusculas envés de minusculas e vice-versa; pontuação defeituosa, etc.

A linotypia evita alguns d'estes erros.

A tarefa de procurar e indicar essas irregularidades é confiada a empregados chamados "corretores" ou "revisores" — coisa que, aliás, a "A Defesa Nacional" não possui — e dá-se o nome de "correcção" ou "revisão" ao trabalho que se executa para esse fim, bem como a operação pela qual se remedeia os erros na composição.

(1) Coelho Netto.

(2) Olavo Bilac.

As varias tiragens feitas sobre a composição, antes ou depois da **paginação**, para ser o trabalho submittido á correccão são designados pelo nome de "provas".

Fazem-se tantas provas quantas forem necessarias á boa correccão do trabalho ou de accôrdo com as circumstancias: exigencias do autor ou editor, grau de perfeição que se deseja obter, importancia da obra, **maior ou menor facilidade para se ler o original**, etc..

A primeira prova, chamada "primeira typographica" é sempre remettida aos revisores que a conferem com o original. Geralmente o revisor tem um auxiliar, chamado conferente. O primeiro lê pausadamente a prova, enquanto o segundo acompanha a leitura no original e indica os erros.

Fazem-se logo em seguida as correccões indicadas e procede-se a tiragem de outra prova, dita a "segunda". As correccões — indicadas nas margens das provas — são feitas segundo uma convenção especial hoje em dia quasi universal. A figura abaixo dá uma idéa de como são ellas realizadas.

*11/11 1e /i Diz o Mal. PETA: "Todo official dev, em principio, ser
Hna instructor e educador"; isto ~~franc~~ FRANÇA. No BRASIL o offi-
8 cial tem quets er instructor e educador. Temos q uensinar tudo ao
/c homem (educal-o e instruil-o). /O nosso recruta-bisonhò apprende
11 calçar b comnosco desde offa botina; o comer á meza /o trato com seu
S 8 semelhante até os mais complicados manejos com o armamento
8 10 /i /s e off esempenh de delicadas missões indifluaes. Além d'isso
S deve se tornar apdo a que agir no ambito de uma pequena unidade.*

Fig. 1

Tiram-se tantas provas quantas o exija o autor ou editor, até que elle dê a autorisação definitiva para imprimir; somente, a não haver convenção em contrario, todas as provas além da segunda, e as correccões que d'ellas resultam, são pagas separadamente e fora do preço estipulado para a obra. Cada **pagina** de nossa Revista custa, no mínimo, 16\$000 com direito a duas provas. Si, dentro d'estas duas provas não se conseguir corrigir definitivamente a Revista, a prova paginada sahirá forçosamente com erros.

A composição será tanto melhor executada quanto mais exactamente ella reproduzir o modelo ou original. Isso depende do original e da competencia technica dos typographos e dos revisores.

E' indispensavel muito cuidado para obter-se uma bôa composição, como seja o de ler-se perfeitamente bem o original. Familiarizar-se anticipadamtnte com o texto escripto pelo autor, é de grannde vantagem. O tempo empregado nessa operação preliminar é largamente compensado pelo beneficio que d'isso resulta, pois o compositor evitará quaesquer embaraços que possa encontrar no correr do trabalho.

A "A Defesa Nacional" é quasi toda ella linotypada. Isso significa que o erro comettido em uma letra que seja, exige a copia da linha inteira.

A PAGINAÇÃO

Dentre os trabalhos typographicos, a composição de linhas não é o mais difficil: é o trabalho do compositor propriamente dito. Com attenção e gosto consegue-se executal-o bem e em pouco tempo. Nada obstante, os trabalhos nas maquinas monotypo ou linotypo requerem solidos conhecimentos e uma technica especial.

O compositor deve familiarizar-se com os trabalhos de **paginação**, mappas, combinações de titulos, **emendas de provas**, etc., e uma infinidade de outros cuja enumeração seria interminavel e que exige da parte de quem os executa conhecimento da arte e uma somma de gosto que só se adquire com a pratica.

Ordinariamente, quando se principia uma obra, os compositores occupam-se exclusivamente da composição de linhas e trabalham sob a direcção de outro que é o encarregado da paginação e de tudo o que se relaciona com ella.

O paginador deve procurar, summariamente, ter conhecimento do trabalho que lhe é confiado, isto é, si por qualquer lado, elle apresenta execução difficil, si ha tabellas, notas, divisões, quadros, **clichés**, etc. e, si algumas d'essas partes devem ser compostas de preferencia, para que não interrompam a marcha regular do trabalho.

Os trabalhos de mathematica, por exemplo, são quasi sempre de composição difficilima.

Denomina-se **formato da obra** o tamanho da pagina impressa. E' função do tamanho das linhas e dos typos, bem como do numero de **pontos** a dar a cada linha. A pagina da "A Defesa Nacional" méde cerca de 294/440 pontos.

As diversas partes dos originaes, quando compostas, formam um certo numero de linhas que, convenientemente atadas e postas sobre um chumaço de papel formam um bloco de linhas denominado de "paquet". Para a primeira typographica este paquet pode não ter, no tocante ao comprimento da pagina, o tamanho do formato da obra. Depois de lidas, revistas e emendadas as primeiras provas, o paginador forma novos paquets, já agora no formato definitivo da obra, pouco mais ou menos paginados com suas tabellas, clichés, etc.. E' geralmente d'estes segundos paquets que se extrahem as segundas typographicas.

Como são feitas as emendas de provas?

FRENTE

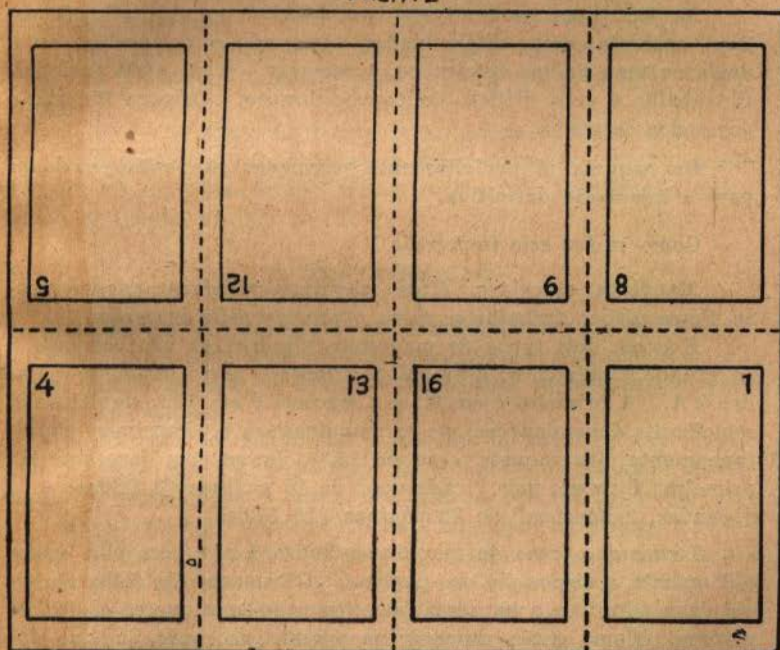


Fig. 2

Tomemos, por exemplo, as primeiras typographicas, já revisadas, corrigidas, isto é, com todos os erros assignalados á mar-

gem (fig. 1). Essas provas são remetidas, junctamente com os paquets, ao compositor.

Si se trata de monotypia, elle afrouxa os paquets e ahi substitue cautelosamente os typos onde os erros foram assignalados. Si, ao contrario, trata-se de linotypia, o operario começa por recopiar as linhas onde os erros foram marcados. As linhas erradas são então substituidas pelas linhas corrigidas e quando todas as paginas soffrerem esse trabalho, os paquets são reconstituídos no formado da obra, com seus clichés, tabellas, etc. para com elles assim emendados, serem retiradas as segundas typographicas. Correções novas serão introduzidas e o mesmo trabalho anterior é repetido.

Muitas vezes, na linotypia, um **doublon** ou um salto (**bourdon**) acarreta sérias difficuldades, obrigando o compositor ou a desfazer uma pagina inteira ou a recopiar um ou mais periodos. O trabalho é pois, difficil, delicado e moroso. Cumpre facilitá-lo por todos os meios.

Os paquets já perfeitamente paginados são então enviados para a **impressão definitiva**.

Como se faz esta impressão ?

Maquinas especiaes, ditas maquinas-cylindros, encarregam-se d'esse ultimo trabalho e novos operarios nelle intervêm.

Existem dois typos de maquinas-cylindros de uso corrente e de grande rendimento: a maquina-cylindro 1 A e a maquina-cylindro 2 A. A primeira é em 8.º e a segunda é em 16.º, significando semelhante denominações que as maquinas em 8.º imprimem simultaneamente oito paquets, e as em 16.º o fazem com dezeseis. As primeiras formam, pois, "cadernos" de 16 paginas (8 folhas) e as segundas, "cadernos" de 32 paginas (16 folhas).

Tomemos o caso da maquina-cylindro 1 A e com ella exemplifiquemos a disposição das paginas. O tamanho da folha de papel deve permittir a impressão de oito paquets no verso e oito no reverso. Como então numerar as paginas de modo que, ao dobrar a folha de papel, as paginas se succedam na ordem natural dos numeros inteiros?

Supponhamos que a primeira pagina da revista tenha o numero

1. Ordenemos os numeros de paginas da seguinte maneira:

1	2
4	3
5	6
8	7
9	10
12	11
13	14
16	15

Os numeros escriptos á esquerda numerarão os paquets que constituirão o verso da grande folha a imprimir, isto é, o que em linguagem typographica se chama **a frente**; os numeros da direita formarão **a costa**.

Semelhante technica não é facil como apparentemente pode parecer. O minimo descuido pôde acarretar os mais sérios transtornos.

Impresso o papel na frente e nas costas, a folha é dobrada de maneira que o 1 e o 8 venham se superpor ao 4 e o 5; em seguida que o 1 e o 16 se superponham ao 8 e o 9; finalmente, que o 1 se superponha ao 16.

A DISTRIBUIÇÃO

Depois que a composição tem passado pelos seus tramites ordinarios, isto é, que prehendera o seu papel typographico, os paquets voltam ás mãos do compositor e os seus caracteres são novamente aproveitados.

Si se trata de monotypia, o trabalho de restituir aos "caixotins" o typo que foi empregado na composição, chama-se **destribuir**. A destribuição é, então, um processo inverso da composição.

Si se trata de composição feita a maquina (monotypo ou linotypo) as linhas ou typos usados são recuperados por intermedio d'uma maquina especial que as funde e forma blocos de liga metallica chumbo-antimonio-estanho, que são de novo utilizadas pelo mono ou linotypo para fabricar os seus caracteres.

A ENCADERNAÇÃO

Impressa as folhas em 8.º ou em 16.º, são ellas remettidas para os encadernadores que as dobram e grampeiam os cadernos que d'isso resultam.

Em seguida, encapadas, as obras de certo acabamento são ainda postas em prensa e cuidadosamente cortadas ou aparadas.

Esse trabalho requer também bom gosto e muita boa vontade por parte dos encadernadores.

A nossa Revista tem a sua encadernação grapiada e cuidadosamente recortada.

A dobragem das folhas, a reunião dos cadernos de 3.000 exemplares a cerca de 120 a 150 paginas, como sóe ser os da "A Defesa Nacional", a grampagem e o recorte d'esse numero avultado de exemplares, é labor ingrato que exige tempo e muita paciência.

A REMESSA

Impressa e encadernada, a Revista é mandada para a Redação. Ahi o trabalho não pára e grande é ainda o esforço despendido pela Gerencia em remettel-a aos representantes em cada corpo de tropa ou repartição militar. Que luta! Que trabalho e quantas difficuldades a vencer para fazel-a chegar todos os meses ás mãos dos nossos assignantes!

Manipular com cerca de 2.500 exemplares da "A Defesa Nacional" representa o esforço de manipulação de cerca de 500 a 600 kilos.

Cumpre ainda notar, que si existem calcos, mappas ou outra qualquer separata, é mistér dobral-os attentamente e collocal-os criteriosamente no interior de cada revista. Esse trabalho custa tempo e dinheiro. Cada calco, mappa, etc. dobrado e collocado dentro da Revista custa 20 réis por exemplar dobrado.

Imagine-se o trabalho que não custa a organização dos massos de Revista a serem remettidos para os representantes na Capital Federal e nos Estados! E tudo isso é recebido pelos nossos assignantes como si nem-um esforço custasse...

CONCLUSÃO

Corrigir mensalmente todos os originaes, cerca 150 paginas dactylographadas, afim de collocal-os na mesma orthographia e separar o joio do trigo, "rever" sem conferente, duas provas typographicas, ler a prova paginada (no total: ler quatro vezes cada artigo publicado na Revista), providenciar para a remessa dos exemplares aos nossos representantes, eis a labuta terrivel que urge

impreterivelmente desempenhar mensalmente — no curto espaço de 30 dias apenas — sem se levar em linha de conta os deveres formaes, as verdadeiras obrigações que temos de realizar nos cargos militares de que somos titulares. E taes deveres não são faceis, mas, — mercê de Deus — são todos elles cumpridos á risca.

Eis ahi, na sua singeleza, descriptas as difficuldades de impressão d'um numero qualquer da "A Defesa Nacional". Eis ahi tambem o verdadeiro sentido e a razão do "Aviso Importante" que, em cada numero, fazemos seguir ao Summario da nossa Revista.

O nosso appello consiste apenas em rogar aos nossos carissimos leitores e collaboradores que nos ajudem na nossa tarefa e dêem valor ao nosso esforço desinteressado.

Deixamos de lado e nem mesmo fizemos allusão ás criticas, ás recriminações e até mesmo aos protestos que alguns nos lançam de longe sem se aperceberem da flagrante injustiça que commettem.

A satisfação do homem sincero é o testemunho da sua pura consciencia.

A insubordinação é crise grave, a desobediencia é covardia e o desrespeito ás normas estabelecidas é grande defeito de educação. O insubordinado ou desobediente attenta contra a propria Honra militar da corporação a que jurou servir, e o desrespeitoso — inadaptado á vida que voluntariamente escolhera — offende a dignidade da carreira que abraçara.

As Campanhas da Italia

(NOTAS DE AULA DE UMA DAS CAMPANHAS ESTUDADAS NUM CURSO DE HISTORIA MILITAR PARA OFFICIAES SUB-ALTERNOS DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAES)

Pelos Capitães **NELSON DE CARVALHO**
e **ALEXINIO BITTENCOURT**

I — SITUAÇÃO POLITICA DA EUROPA — O panorama politico da EUROPA pela época da Revolução Franceza (1789) era bem differente d'aquelle que se conhece hoje.

Em particular a ALLEMANHA e a ITALIA si bem que já assim denominadas era uma colcha de retalhos quanto á sua constituição politica. De commun entre os diversos principados, ducados, reinados, etc., d'essas regiões, só existiam, entre uns a lingua, entre outros os costumes ou a religião. Em quasi todos o governo absoluto: direito de vida e de morte. De vez em quando uma guerra os unia na defesa commun dos territorios.

A INGLATERRA, a AUSTRIA, a RUSSIA, a POLONIA e o IMPERIO OTOMANO, além da FRANÇA, eram o que se chamariam hoje "Grandes potencias". A AUSTRIA, principalmente, era uma grande nação. Expandia-se, visando de perto os Estados do Norte da ITALIA.

II — SITUAÇÃO POLITICA DA FRANÇA — Na FRANÇA a revolução de 89 visava um regimen de "Egualdade, Liberdade e Fraternidade" um governo democratico, "do povo, pelo povo e para o povo".

Essa revolução resultava de muitos factores: o despotismo dos ultimos reis (Luiz XIV dizia "L'Etat c'est moi", quando seus ministros lhe ponderavam a inconveniencia de alguma decisão); a devassidão dos costumes d'esses reis com o luxo pomposo da corte onde se reunia uma nobreza cortezã e ociosa, e que exigia largos gastos; em consequencia, o descalabro das finanças ameaçando a bancarrota do Estado e que successivos ministros das finanças procuravam atenuar, escorçando o povo de impostos; a miseria reinante nas massas populares; os privilegios da nobreza e do clero, entre elles o de não pagar impostos quando eram dos que mais gastavam e usufruiam dos bens publicos; o movimento philosophico

dos pensadores com suas obras, esclarecendo a massa, orientando-a no sentido da reivindicação de seus direitos e liberdades (Rousseau publica o "Contracto Social", em que se assentavam as bases de um regimen social equitativo. — Voltaire espalhava pamphletos vasados de ironia desnudando tudo aos olhos da multidão. — O "Espirito das Leis", de Montesquieux, continha novas idéas politicas, — a "Enciclopedia", organizada por Diderot e D'Alembert, condensava os conhecimentos humanos e os punha ao alcance do povo); a independencia dos ESTADOS UNIDOS (1776), já sob o influxo das idéas novas dos philosophos de FRANÇA, com sua "Declaração dos Direitos", tudo isso ia fazendo a preparação da massa para a revolução.

A oportunidade deu a LUIZ XVI "um bom subdito e mau rei". A Rainha era então Maria Antonieta, antipathizada pelos francezes.

São convocados os Estados Geraes (1) já sob a pressão dos acontecimentos, o que ha muito não se fazia. O clero e a nobreza se recusam a reunião em commum com os representantes do povo que se reúnem em separado declarando-se em Assembléa Nacional, logo depois transformada em Assembléa Constituinte. (2)

E o rei vae se acomodando, sem animo para reagir.

A Revolução vae se impondo e seus ideaes se concretisando; a BASTILHA, feroz prisão de estado, é tomada enchendo de jubilo a população que viu nisso o symbolo da victoria de sua soberania.

A constituinte abóle ainda os privilegios, declara os direitos do cidadão, a liberdade de imprensa e dos cultos religiosos. Por fim promulga a carta constitucional a que Luiz XVI adere pres-

(1) Estados Geraes: assembléa de representantes do clero, da nobreza e do povo, convocada para um determinado fim.

(2) Quando se trata de promulgar uma constituição, reúnem-se os representantes do povo, eleitos previamente, em Assembléa Constituinte, e organizam uma carta constitucional que regulará as acções do governo, a vida civil, as relações do governo e do povo etc.. Promulgada a constituição, em geral a constituinte se transforma em Assembléa Legislativa, ou camara ordinaria.

Isso mesmo se passou no BRASIL após a revolução de 30, sendo que a assembléa constituinte, ao terminar seus trabalhos, elegeu o 1.^o Presidente da 2.^a Republica, transformando-se, a seguir, em Assembléa Legislativa.

No caso, já havendo um rei e elle aquíescendo, Luiz XVI jura fidelidade á Constituição.

tando-lhe juramento de fidelidade. O Rei já não era um monarca absoluto: tinha uma constituição a respeitar — era já uma grande victoria da revolução.

A assembléa constituinte se transforma em Assembléa Legislativa. Formam-se partidos politicos; Robespierre dirige os Jacobinos, da esquerda revolucionaria; os montanhesees são dirigidos pela trinca Marat, Danton e Camilo Desmoulin.

O rei recusa-se a assignar um decreto punindo os emigrados nobres.

O povo enfurecido invade as TULLERIES, palacio real, e o rei refugia-se na Assembléa. E' deposto e preso com toda a familia real.

Nova Assembléa é reunida. Vae-se transformar a constituição adoptando a fórma republicana.

E' o periodo da Convenção Nacional, do nome da Assembléa.

Em homenagem ao acontecimento reforma-se o calendario. Uma nova era se esboçava para a FRANÇA.

Aos poucos, porém, o entusiasmo vae transpondo os limites do bom senso. Praticam-se excessos. O rei, a rainha, nobres e sabios illustres são guilhotinados. Os dirigentes não se comprehendem. Vão-se guilhotinando tambem cada vez que um partido dominante assume o poder. A guilhotina funciona dia e noite: é o Terror.

Tendo a Convenção Nacional redigido uma nova constituição republicana, o poder executivo ia ser conferido a um DIRECTORIO de 5 membros.

Esse directorio iria consolidar o novo regimen na FRANÇA, e proseguir nas luctas exteriores contra os varios estados europeus colligados contra a Nação Franceza, temendo pela estabilidade das corôas que lhes ornavam as cabeças absolutistas...

REPERCUSSÃO DA REVOLUÇÃO! — No resto da EUROPA, como até então, na FRANÇA, as monarchias eram absolutas e baseadas no Direito Divino de Governar. A Revolução puzera em cheque a estabilidade dos thronos europeus, já abalados pelas novas idéas philosophicas e pela independencia americana. As dynastias européas se colligam então contra a FRANÇA, na esperança de repôr no throno Luiz XVI e depois Luiz XVIII, uma vez guilhotinado aquelle (dynastia dos Bourbons).

Um periodo de guerra começa então em 1792 (VALMY) e se estende até 1815 (WARTELOO) onde os Exércitos de FRANÇA são esmagados.

Nesses 23 annos de lucta, porém, a obra da revolução mais e mais se consolida e como a Fenix da lenda, renasce mais forte e vibrante a cada golpe que lhe desfecham, irradiando-se por toda parte.

— Foram as seguintes as campanhas da Revolução, do Consulado e do Imperio:

A) PERIODO REVOLUCIONARIO — Inspirados pelo partido contra revolucionario formado pelos nobres emigrados, a PRUSSIA, a AUSTRIA e o reino de SARDENHA se comprometteram a repor o rei no throno. Os francezes vencem em VALMY e JEMAPES (1792).

Pelo guilhotinamento de Luiz XVI a AUSTRIA, a PRUSSIA, a ALLEMANHA, a ITALIA, a INGLATERRA e a HOLLANDA formam a 1.^a colligação contra a FRANÇA. CARNOT organiza a victoria, dando commandos nos differentes theatros de operações e generaes novos, vibrantes de enthusiasmo — HOCHÉ, MARCEAU, JOURDAN, KLEBER:

— Jourdan vence em FLEURUS (1794) e a BELGICA passa á FRANÇA.

— Piechegru invade a HOLLANDA e captura a propria esquadra hollandeza lançando a sua cavallaria no mar do Norte, então gelado — (1795).

— A HOLLANDA, a PRUSSIA, os estados allemães, a HES-PANHA, retiram-se da colligação e reconhecem a Republica Franceza (Tratado de BÂLE).

Essas campanhas atravessam o periodo da convenção e se estendem ao Directorio. As demais potencias colligadas proseguem a lucta.

— Marceau, e Jourdan obtem victorias na ALLEMANHA e Napoleão faz a famosa campanha da ITALIA (1796) vencendo definitivamente a colligação.

Durante essas campanhas a FRANÇA estendeu suas fronteiras, annexando a BELGICA (perdida pela AUSTRIA), a SABOIA e o condado de NICE (perdido pelo reinado da SARDENHA).

Como, porém, essas guerras não visavam conquistas e sim a defesa dos ideaes democraticos instituidos em FRANÇA, novos estados iam se formando no modelo da FRANÇA; Republica Bata-

va (HOLLANDA); Republica Helvetica (SUISSA); Republica Liguriana (GENEBRA); Republica Cisalpina (MILÃO); Republica de NAPOLES.

Dos colligados, restava a INGLATERRA.

A esquadra ingleza, porém impede a ida á INGLATERRA. Napoleão se volta então para as INDIAS, via EGYPTO e ARABIA, ameaçando os interesses inglezes na ASIA e na AFRICA. Carnot approva o plano.

Após algumas victorias contra mameluços e turcos, açulados pelos inglezes, retorna elle a FRANÇA, onde os acontecimentos se precipitam com a formação da 2.^a colligação.

Em 1811, Menou capitula aos inglezes, no EGYPTO, que retorna á TURQUIA.

CONSULADO — Napoleão se proclama consul e assume a direcção da Revolução.

Em 1799, a 2.^a colligação reúne a AUSTRIA, a INGLATERRA, a RUSSIA e os Estados da ITALIA.

Napoleão estando ainda no EGYPTO, os francezes são batidos e perdem o Norte da ITALIA para os austriacos que ameaçam ainda a linha do RHENO.

Assignalam-se as victorias de Messena em ZURICH, de Napoleão em MARENGO, e de Marceau em HOHELINDEN (1800).

Os tratados de LUNEVILLE (1801) e a paz de AMIENS (1802), está com os inglezes, põem termo á colligação.

A EUROPA retorna á situação politica de 1797, tendo augmentando a influencia da FRANÇA (ITALIA superior, ALLEMANHA do Sul estados da margem esquerda do RHENO).

Em 1804 Napoleão é aclamado imperador dos francezes.

D'aqui a WARTELOO, a ambição de Napoleão (3) e o desejo de revanche das potencias vencidas desencadearão mais 5 colligações.

— A terceira reúne a AUSTRIA e a RUSSIA, além da INGLATERRA. Ella termina pela victoria do imperador em ULM e AUSTERLITZ fazendo-se a paz de PRESBURGO (1805).

A INGLATERRA, tendo vencido a esquadra franceza em TRAFALGAR, proseguirá porém.

(3) Censurar em Napoleão o amor do poder é censurar no escultor o amor do marmore ou no musico o amor dos sons. A questão não é saber si elle ama o poder, mas porque o ama e o que faz d'elle. — Merejowsky.

Entre outras modificações políticas, forma-se a Confederação do RHENO. Desaparecia a ALLEMANHA.

— A PRUSSIA, a INGLATERRA e a RUSSIA se reúnem para libertar a ALLEMANHA. E' a quarta colligação que terminaria com as victorias — de IENA e AURSTEAD sobre os prussianos (1806), e de EYLAU e FRIEDLAND (1807) sobre os russos. Faz-se o tratado de TILSIT que enfraquecia sobremodo a PRUSSIA. Como já fizera depois do tratado de PRESBURGO após TILIST, Napoleão reparte com seus irmãos, parentes e generaes os estados submettidos.

A INGLATERRA, porém, continua invicta. Napoleão manda fechar ao commercio inglez todos os portos da EUROPA, contando assim arruinal-a (1806).

A SUECIA desobedeceu e tem a sua Capital bombardeada; o papa recusa-se e Napoleão toma conta de seus estados; PORTUGAL é invadido por Junot e D. João VI foge para o BRASIL, finalmente a HESPAHANHA é tambem dominada e José Bonaparte, fica sendo seu rei (1808); a RUSSIA, opportunamente, seria invadida.

Durante 5 annos, porém, os hespanhões reagem com guerrilhas que abatem muito os exércitos de occupação e repercutem na EUROPA.

— Em 1809 a AUSTRIA é mais uma vez vencida, em WAGRAM, e faz-se o tratado de VIENNA. (5.ª colligação).

Seu filho com Maria Luiza, ainda no berço, é feito rei de ROMA (1811).

A FRANÇA era maior que nunca. Suas fronteiras iam até o ELBA (ALLEMANHA) e o TIBRE (ITALIA).

Essa gloria, porém, não tinha bases solidas. Todos os povos subjugados esperavam o momento da reacção, que se preparava nas massas populares trabalhada pelos pensadores (ALLEMANHA, principalmente). Por outro lado a reacção hespanhola provava que a FRANÇA não era invicta.

A desastrosa campanha da RUSSIA seria o toque de reunir para a libertação tão anciosamente esperada.

Essa campanha da RUSSIA (1812) teve como causa a desobediencia do Tzar ao fechamento de seus portos ao commercio inglez.

Napoleão resolveu dominal-a, num assomo de orgulho, de despeito e de ambição.

Napoleão vae a MOSCOU, é verdade, mas á custa de victorias (SMOLENSKO e BORODINO) que foram verdadeiras sangrias no exército francez a que um inverno dos mais rigidos até então conhecidos, enregelava. E o inimigo retirando sempre e tudo incendiando á sua passagem: nenhum recurso natural para os francezes; tudo tinha que vir da FRANÇA.

E resolve-se a retirada, com sortidas do inimigo pela retaguarda. A transposição do BEREZINA, que degelava, foi o ultimo marco d'essa catastrophica expedição em que perto de ... 400.000 francezes pagaram caro o odio e o orgulho do seu Imperador.

O exército da ITALIA, de AUSTERLITZ, de IENA e WAGRAM ficara para sempre encerrado nos gelos da RUSSIA. A estrella do corso entrava em declinio.

— A PRUSSIA, em 1813, num movimento vibrante de patriotismo pela sua liberdade colliga-se á RUSSIA. A Batalha das Nações (LEIPZIG) a termina com uma retirada incrível de Napoleão, depois de estar cercado por todos os lados.

— Em 1814 o theatro de operações é o proprio territorio francez. Napoleão defende-se da invasão com todos os brilhantes recursos de seu genio. Mas o exército da ITALIA não podia reviver naquelles recrutas bisonhos e inexperientes. A Batalha de LAON abre PARIS aos alliados, e elles entram na capital do mundo...

Napoleão abdica e retira-se para a Ilha de ELBA. Luiz XVIII é aclamado rei de FRANÇA. (1814).

Napoleão regressa, porém, de ELBA e num esforço supremo e fugidio (100 dias) tenta reviver os seus dias gloriosos. A RUSSIA, a INGLATERRA, a AUSTRIA e a PRUSSIA, porém, formam a 7.ª colligação contra a FRANÇA e embargam os passos do Imperador, que já passára por LIGNY em WARTELOO, e d'esta vez para sempre.

Um general inglez, Welington, seria seu vencedor e a propria INGLATERRA, que elle tanto odiára, sua algóz.

Em SANTA HELENA, ilhota perdida nos confins do mundo, em 1821, "Bonaparte restituiu a Deus o mais poderoso sobre de vida que jamais animou argila humana".

— Pelo Congresso de VIENNA a FRANÇA ficou menor do que em 1789. Mas a Revolução era um facto consumado.

EVOLUÇÃO DA ARTE MILITAR — No ponto de vista militar, as guerras da Revolução (Assembléa Nacional e Constituinte, Convenção e Directorio) do Consulado e do Imperio, mercê de generaes illustres, como Carnot, e do genio inconfundivel de Napoleão Bonaparte, aliás bem servidos pelo entusiasmo popular sobrevivendo da victoria da Revolução, são ferteis fontes de ensinamentos para aquelles que se dedicam á vida militar.

Anteriormente, os exércitos em geral, eram conglomerados de mercenarios, verdadeiros soldados de aluguel recrutados aqui e ali, para se baterem a soldo de um determinado rei ou imperador. Eram valentes, bravos esses mercenarios, mas punham essa bravura a serviço da aventura. Eram aventureiros. Faltava-lhes ardor patriótico, essa fé inabalavel na victoria d'uma causa justa, sentimentos que Revolução despertou na massa popular: todos queriam se bater pela defesa da Patria em perigo. Num ambiente assim, o "levantamento em massa" (mobilização) foi obra de boa vontade. A FRANÇA pôde então organizar verdadeiramente, um Exército Nacional, de moral alevantado e ardor combativo, o proprio povo em armas pela defesa de sua Patria, de sua Liberdade, de sua Soberania.

A "Marselheza", hymno nacional, fremia-os de enthusiasmo. (4)

Essas guerras, por sua natureza, tinham de conduzir a resultados definitivos, um verdadeiro "vencer ou tombar" entre as idéas nascentes da Democracia e as arcaicas Autocracias despoticas, no justo limiar em que ambas se encontrando não mais podiam subsistir em commum.

Esse era o Exército. Quem seria o General capaz de manejar esse florete de tempera tão rija e flexivel, contra tantos outros floretes menos virtuosos, sim, mas bem mais numerosos?

Esse General existia já; seria Napoleão Bonaparte e crearia por seu turno uma esgrima nova digna d'esse florete novo.

Uma arte militar nova surge, com effeito, d'essa luta em que estava em jogo o advento d'uma era mais feliz para a Humanidade.

Da revolução surge, então, um Exército Nacional á feição moderna, comportando divisões autonomas, órgãos manobreiros, emi-

(4) E' preciso bem compenetrar-se do estado de animo do povo francez nesse periodo critico de sua historia, cercado de inimigos por todos os lados, inimgos desejosos de destruir-lhe a conquista de sua Liberdade, tão penosamente conquistado, para bem sentir-se a bravura com que se bateu.

nentemente elasticos, materia prima de excellente qualidade que nas mãos geniaes do Grande Corso iriam assentar as bases de uma Estrategia inteiramente refundida.

O conhecimento dos principios basicos d'essa Estrategia será objecto do estudo das campanhas Napoleonicas que ora encetamos.

CAMPANHA DE 1796

Desde 1796 o estado de Guerra se prolongava entre a França e um dos exércitos collocados contra ella (austro-sardos), tendo por theatro de operações o Norte da ITALIA. Pelo territorio da ALLEMANHA, um outro e grande exército Austriaco luctava contra ella.

Temos então a FRANÇA em lucta aberta, em 96, em regiões diversas separadas entre si pelos ALPES.

O plano francez era o seguinte:

Os exércitos de Marceau e Jourdan forçariam o inimigo pelo vale do DANUBIO (ALLEMANHA) enquanto que, pelo Norte da ITALIA, o exército da ITALIA deveria, pelo vale do PO', fazer junção com o corpo principal, para junctos iniciarem uma grande offensiva sobre VIENNA e assim forçarem os autriacos á paz.

O theatro italiano era pois secundario. O esforço principal seria pela ALLEMANHA.

Em 96 dão a Napoleão o commando d'esse Exército, em substituição a Sherer. Este tinha obtido uma victoria em LOANO e, por ella assegurado a posse de SABOIA e NICE á FRANÇA (Riviera). Seus exércitos occupavam as cristas dos APENINOS, desde SAVONA até ORME'A.

— O theatro de operações (terreno): No Norte da ITALIA, a uma simples inspecção, destaca-se a planicie do PO', notavel curso d'agua que se estende de Oeste para Leste numa extensão de cerca de 600 km. com numerosos affluentes, formando outros tantos vales, destacando-se o STURAM, o TANARO e o BORMIDA na margem Sul.

E' um vale fertilissimo, cultivado, onde se encontram boa cidade, inclusive TURIM (Capital de PIEMONTE, povincia que com a ILHA DE SARDENHA forma o REINO DE SARDENHA, um dos varios Estados da ITALIA de então. Piemonteses ou sardos, assim se chamavam seus habitantes) e MILÃO (capital da

LOMBARDIA, região essa em que se encontram varios outros Estados); MANTUA, praça forte e grande emporio commercial, eixo das communicações com a EUROPA CENTRAL; e facilidade de communicações principalmente no sentido E.-O..

E' uma região em que um exército encontraria facilidade de movimentos e, possibilidades de viver e combater ás suas expensas.

Essa immensa planície, com uma area de cerca de 600.000 km² é quasi toda ella fechada por uma cinta de Cordilheiras, salvo a Leste onde o rio desagua no golfo de VIENNA (mar ADRIATICO).

De NICE a GENOVA, os ALPES MARITIMOS varrem muito proximo á costa e têm o aspecto d'uma grande barreira (2.000 m. em certos pontos) praticamente intransponivel, menos em certos passos, faceis de defender. Eis as passagens que da orla conduzem á planície através dos ALPES. Os Colos de TENDA, ORNELLE e LA ROCHETA, dando nos vales do STURA, do TANARO, do SCRIVA (afluentes do PO' pela margem direita).

O Collo de CADIBONA (a 600 m.) através dos APENINOS, conduz ao vale do BORMIDA. E' a passagem mais favoravel. E' cortado por estradas regulares que conduzem de SAVONA á ALEXANDRIA, por AQUI e DEGO bifurcando em CARCARE para TURIM e CEVA por MANDOVÌ.

No Colo de La ROCHETA passa uma estrada ligando GENOVA a MILÃO por TORTONA e PAVIA. Pelo colo de ORME'A corre um caminho que vae a CEVA, praticavel á Artilharia.

A parte Sul d'esta cinta apresenta uma faixa estreita (12 m.) com uma unica estrada ao longo da costa passando por NICE, ALBENGA, SAVONA, GENOVA. E' a estrada da CARNIHA. Poucas cidades ahi se encontram e os recursos naturaes são poucos.

Por ella é que os francezes se abasteciam; era a sua linha de communicação com a FRANÇA, que apresentava em muitos logares, entre a rocha talhada a pique e o mar, passagens de 1m,30 de largura (3 ou 4 pés). Quando esse penoso caminho se afastava algumas toezas da orla do mar, apresentava subidas ingremes ou escidas precipitadas. Os contrafortes da vertente do lado do O' são orientados de S. para N. e compartimentam nitidamente o terreno. As ligações lateraes se tornam por isso quasi impossiveis.

Napoleão conhecia como a palma de suas mãos a topographia d'essa região.

Ahi estivera como commandante da Artilharia, em 1795 e quando membro do Comité de Salvação Publica (Convenção Nacional) prevera um plano de operações na ITALIA baseado no conhecimento que tinha d'esse terreno. E' de notar-se que esse é um dos rarissimos planos de operações traçados com antecedencia, que se realiza integralmente, como se verá.

A situação material do Exército francez era premississima. Como vimos, elle se encontra na faixa maritima, a mais pobre, em recursos naturaes.

Mal alimentados, mal fardados, descalços, sem aasalhos, esse mal estar material concorria muito para um certo cansaço, que se lhe notava. O Exército se sentia abandonado pelo Governo de PARIS.

A linha de communicações para FRANÇA por onde normalmente se abastecia, era a estrada da Costa, de GENOVA a NICE, e d'ali pela PROVENÇA (Provincia franceza) até PARIS pelo vale do RHODANO (MARSELHA, LEÃO). Na sua parte maritima essa linha era hostilisada pelos vasos de guerra da frota ingleza (a INGLATERRA era aliada dos colligados contra a FRANÇA) e no proprio territorio francez pelos reaccionarios Realistas.

Nessa situação angustiosa, que vinha desde 92, foi que NAPOLEÃO, substituindo Sherer, assumiu o commando do exército da ITALIA, em NICE.

Seu primeiro cuidado foi levantar o moral de seus soldados. Disse-lhes então numa proclamação vibrante, entre outras cousas:

"Soldados! Estaes mal vestidos, mal nutridos e o governo, que vos deve tudo, nada vos pode dar. Eu vou levar-vos ao paraizo terrestre onde achareis planicies fecundas, grandes herdades, ferteis provincias em que vos esperam a honra, a Gloria e a fortuna".

Imagine-se o effeito d'essas palavras n'um exército maltrapilho e esfomeado!

A esse homem se antepunha Baulieu, ancião de 72 annos, onde a experiencia de muitas batalhas, vitoriosas por uma arte militar rotineira, não contrabalançava o entusiasmo juvenil e o genio creador da arte militar moderna. NAPOLEÃO, nos seus planos, se punha na capa de BEAULIEU e antevia a face da Estrategia então em voga no seculo 18, as reacções do seu adversario,

julgando sempre que BEAULIEU jamais se afastaria da rotina e dos preconceitos em voga.

Desculpemos BEAULIEU. Só os genios têm fôrça e confiança em si mesmo, bastante para agir contra tudo o que está asentado e amadurecido por muitos seculos. Si assim não fora... todos seriam genios.

NAPOLEÃO, em uma palavra, conhecia a "equação pessoal de BEAULIEU".

Despresava com audacia incrível, as possibilidades do inimigo que não as preconizadas pela rotina Estrategica.

SITUAÇÃO GERAL — O exército Austro-Piemontez, com Beaulieu e Coli á frente, de accôrdo com a Estrategia de então, tinha adoptado um dispositivo que lhes permittia a cobertura de TURIM, capital do PIEMONTE, e de MILÃO, da LOMBARDIA.

Os Austriacos buscavam ainda ligar-se á esquadra ingleza em GENOVA. Geographicamente não se entendiam. Estrategicamente muito menos, por isso que a ligação que se deveria fazer em torno de CAIRO éra theorica e quasi nulla. Por outro lado, os piemonteses aspiravam a paz e só a pressão energica da AUSTRIA os mantinha em estado de guerra. Essas preocupações dos dois generaes mantinham Coli para MANDОВI-CE'VA e Beaulieu para AQUI NOVI.

NAPOLEÃO está ao par d'essas dissensões do campo inimigo, vantagem que pesava decisivamente no resultado de seu plano, ao par do conhecimento topographico que tinha do N. da ITALIA.

FÔRÇAS INIMIGAS: — Os Austros Piemonteses se encontram:

— 20.000 homens, constituindo a ala direita, sob o Commando do duque de Aosta, guardando as passagens dos Alpes Francezes entre a FRANÇA e o N.-O. da ITALIA.

— 25.000 piemonteses ás ordens de Coli, face ao Vale do TANARO, cerca de CEVA, na ala esquerda.

— 40.000 Austriacos sob o commando de Beaulieu, face ao Vale do BORMIDA e o colo de LA ROCHETA.

— PROVERA com um destacamento liga austros e piemonteses.

— **FRANCEZES** contam 4 divisões e 6 DC.

Infantaria: Serurier, Augereau, Massena e Laharpe.

Ligação: Macquart com 6.000 homens.

Cavallaria: Kelerman e Steingel.

A Infantaria se estende do colo de TENDA ás proximidades de SAVONA. Kelerman com 15.000 homens face, ao duque D'Aosta, sobre os Alpes francezes, do colo de ARGENTIERS ao massiço de S. BERNARDO.

— 9.000 homens guarnecem a linha de comunicações.

Ao todo o exército francez conta com 38.000 homens e 40 canhões contra 85.000 austro-piemonteses e 200 canhões numa extensão de 350 km.

Os dois exércitos mantêm postos avançados ao longo da crista dos ALPES.

Sem resultado decisivo assim se mantinham desde o inicio da campanha, salvo um ou outro exito localizado.

IDE'AS ESTRATEGICAS — Tendo meditado profundamente no principio de economia de Fôrças, que Carnot revelára em toda a sua fecundidade esse principio entrava nas suas especulações.

A campanha contra os austro-sardos, que óra estudamos, apresenta sob esse aspecto um modelo primoroso a que se deve dedicar toda a attenção.

Em todas as suas manobras NAPOLEÃO applica esse principio, variando a execução segundo elle dispõe ou não de superioridade numerica, no inicio das operações. Si é mais fraco, elle procura conduzir o grosso das fôrças a uma posição central d'onde, manobrando em linha interior, actuará sobre cada um dos diferentes pontos em que o inimigo se apresente, abalando e deslocando seu dispositivo por golpes rapidos e repetidos.

As manobras de MONTENOTE e CASTILONE e a batalha de RIVOLI são characteristics d'esse modo de agir.

Si pelo contrario elle é mais forte, então abandona as medidas, para só buscar resultados fulminantes e decisivos, recorrendo á sua manobra favorita "sobre as alas e a retaguarda do adversario", cortando-o de suas communicações e destruindo-lhe as fôrças ou obrigando-o á capitulação. Exemplos: LODI e BASSANO, como manobras, e CASTILONE como batalha.

Esses são os principios em que assentará seus planos de campanha. Sempre que possivel, surprehenderá o inimigo em "flagrante delicto" (concentração, execução).

Um plano estrategico resulta de um conjunto de idéas assentes sobre os principios de guerra, onde todas as possibilidades de operações são encaradas, visando uma decisão, isto é, a escolha,

entre todos os planos, d'aquelle que se apresenta mais favoravel ao exito.

Ha pois um methodo de raciocinio para buscar a decisao no quadro estrategico. Elle assenta sobre o terreno e as possibilidades do inimigo levando em conta os meios de que dispoe o chefe. O plano estrategico pois e difficil de ser assentado de vez que tem de ser encarado num quadro vasto onde devem ser feitas previsoes para um longo periodo de operações.

A estrategia e a arte dos grandes chefes.

Já o plano tactico subordinado ao estrategico, e encarado para um periodo de poucos dias (1, 3, a 5) e a solucao dependerá das differentes manobras tendentes a tirar partido d'um judicioso emprego de fogo (processos de combate).

PLANO DE CARNOT — Carnot, então membro do Directorio, concebera um plano de operações contra os inimigos colligados, que consistia em conduzir um exército pelo vale do DANUBIO, com Marceau e Jourdan, em direcção á VIENNA, emquanto um outro, operando pelo vale do PO', na ITALIA, deveria dar a mão ao primeiro através dos ALPES, na junção da estrada de VIENNA, vinda da ITALIA, com a Estrada Imperial de VIENNA que atravessa o territorio austriaco ao longo do vale do DANUBIO.

Por outro lado Napoleão assenta o seu: O terreno era-lhe familiar e o inimigo sabia-o fraccionado moral e estrategicamente.

Quanto aos meios, era mais fraco numericamente. Trata-se então de intrometter-se no centro do dispositivo inimigo e bater-lhe as forças separadamente. Para isso, necessario se torna evitá-lhe a junção.

Então sua idéa de manobra vai consistir em desviar a attenção ao inimigo (de Coli e Beaulieu) do ponto em que pretende agir, para mais accentuar a brecha que os separa e nella se intrometter.

PREPARAÇÃO DA MANOBRA

E' a idéa de manobra em execução e o proprio dispositivo francez o traduz:

2. — Divisão Laharpe, reforçada pelas Bdas. Cervoni e 1/2 Bda. Rapon, na direcção de GENOVA, sobre o flanco direito francez.

Laharpe cobre-se por sua vez, ao N. com Rampon e a L. com Cervoni.

Entretanto, NAPOLEÃO provoca do ministro francez o pedido de livre passagem pelo colo de La ROCHETE e as chaves de GAVI, annunciando ainda que os francezes pretendiam penetrar na LOMBARDIA e apoiar em GENOVA essas operações. GENOVA estremece. O Senado se installa em sessão permanente. O contra-choque repercute em MILÃO. Era a finta contra Beaulieu que Laharpe mais accentuava.

— Div. Serurier, face a Coli, no vale do TANARO.

— Finalmente, o grosso, na região de SAVONA, (Massena, Augerau, alguns elementos de Laharpe) está prompto para transpor o CADIBONA o mais rapido possivel. Postos avançados nas cristas do MONTE LEGINO e CETI PANE (ALPES). Duas D. C. em LOANO guarnecem a linha de comunicação.

— A intenção de NAPOLEÃO está clara: enquanto as fintas distraem o inimigo no TANARO e La ROCHETA elle se transportará para CARCARE com as "divisões de batalha" (como elle chamava o grosso, em opposição as D. que guarneciam os P. A.) cahindo assim no centro do dispositivo inimigo.

Antes de passar a offensiva, porém, elle está num dispositivo de espera estrategica, aguardando as reacções do inimigo ás fintas esboçadas.

Até o dia 15 de Abril NAPOLEÃO esperava passar á offensiva. Até lá elle conta que o inimigo mais e mais alargue a brecha que elle desejava e provocara por essa dupla finta no TANARO e em La ROCHETA.

Uma vez na brecha, elle teria possibilidade de appôr 25 a 30.000 homens quer contra os Austriacos, pela reunião ao grosso da divisão Laharpe, flg. dir., quer contra Coli, com a junção a esse mesmo grosso da divisão Serurier, flg. esq..

E' admiravel de concepção essa manobra! Ella permitiria enfrentar cada um dos adversarios, mantidos em separado por uma dupla finta habilidosa, quasi que com egualdade de effeitos.

DESENVOLVIMENTO DA MANOBRA

Beaulieu, deante do movimento de Laharpe, se apressa a cobrir directamente a praça de GENOVA, receando não se poder ligar á frota ingleza, e tanger depois os francezes ao longo da

costa para lá dos ALPES, como era de seu plano. Cahira assim, na armadilha do Corso.

Destaca para isso Argentau com 12.000 homens, de Aqui por MONTENOTI para SAVONA, afim de cortar os francezes d'essa praça. Elle proprio desceria por La ROCHETA com 15.000 homens, por NOVI.

Contava assim esmagar toda a direita franceza. Um destacamento de 3.000 homens, sob WUKASSOVICH, faria a ligação entre as duas columnas, ligação theorica, porquanto ellas estão separadas pelos contrafortes da vertente N. dos ALPES, impecilho serio a um soccorro mutuo em tempo util.

Argentau topa a Bda. Rampon no MONTE LEGINO, instalada num reducto que os proprios austriacos haviam preparado no anno anterior, d'onde resiste ás investidas do adversario. Por outro lado Cervoni é atacado além de VOLTRI, a 10, e manobrando em retirada vem se junctar á div. Laharpe, deixando Voltri em poder dos Austriacos.

Estamos na tarde de 11 de Abril. NAPOLEÃO é informado dos acontecimentos e calcula que Beaulieu se limitará a occupar Voltri o que lhe bastava para assegurar a cobertura de GENOVA como mandava a rotina estrategica de então. Por outro lado, conta tambem que uma vez transpostos os apeninos, Beaulieu se retiraria para o N. afim de cobrir suas communicações com MILÃO. E os factos confirmarão as hypotheses de NAPOLEÃO, como veremos.

Das duas columnas Austriacas a mais perigosa é a de Argentau que lhe ameaçava o plano de se intrometter no centro do dispositivo austro-sardo.

E' contra ella que BONAPARTE vae se voltar primeiramente. Elle conta ter o grosso do exército em MONTE LEGINO na manhã de 12, quando então poderá bater-se contra os Austriacos, logo que elles renovem o ataque áquelle reducto.

De facto, marchando toda a noite de 11 para 12, ao amanhecer Laharpe, Massena e Argentau se encontraram em MONTE LEGINO e NAPOLEÃO vae então applicar a manobra sobre a ala e os flancos do inimigo aproveitando a superioridade numerica do momento.

Laharpe deixa Cervoni face a Voltri.

A 12 enquanto Laharpe e Rampon aguentam os ataques ao reducto, Massena cahe-lhe no flanco e na retaguarda derrotando

completamente a columna de Argentau, que deixa 4 bandeiras, 5 canhões e 2.000 prisioneiros nas mãos dos francezes. O mais fica no campo de batalha ou se dispersa. A esse tempo Augerau que deveria cortar a retirada do inimigo, attinge apenas CARCARE. Assim seus destroços se reúnem em DEGO.

BONAPARTE realiza pois, a 1.^a parte do seu plano: eil-o postado na região de CARCARE. no centro do dispositivo inimigo.

OPERAÇÕES COMPLEMENTARES

Napoleão voltar-se-ha agora contra os piemonteses: — elles poderiam-lhe cahir no flanco e cortar-o de sua linha de communicações. Além d'isso, esse era o seu plano primitivo. Cobrir-se-ha no flanco direito contra Argentau. Entretanto, Beaulieu, em Voltri, ao ter noticia do desastre de MONTENOTI, retira-se para AQUI, como previra NAPOLEÃO, afim de cobrir as communicações com MILÃO, ameaçada pelo movimento de NAPOLEÃO, para o N.. Para cobrir a retirada despacha 1 columna para DEGO.

Coli por seu turno, faz avançar para Milesimo, de Céva, uma forte guarda avançada.

NAPOLEÃO, fiel ao seu plano, cobre-se com as divisões Massena, e parte de Laharpe, na região de DEGO, contra os Austriacos e com Augerau marcha para Milesimo e Céva, para atacar de frente os piemonteses. Sarrurier, de Garesio, actuaria no seu flanco direito enquanto que Massena se rebateria sobre o seu flanco esquerdo, deixando uma parte de suas forças na cobertura das retaguardas francezas contra uma incursão austri.: por DEGO.

Augerau em marcha para O. topa em MILESIMO com os P. A. de Coli (13-IV) e os rebate sobre CE'VA. Provera que se refugiara em COSSERIA (na região O. de MILESIMO) capitula no dia seguinte á mingua de recursos.

NAPOLEÃO tem conhecimento, a esse tempo, da concentração de Beaulieu em AQUI e do reforçamento de DEGO. Isso o inquieta pela ameaça que essas forças representam no seu flanco. Elle determina a Massena que ataque DEGO e para isso o reforça com elementos da div. Augereau, de vez que Coli não o importuna no momento. Elle quer despreocupar-se dos Austriacos para voltar-se definitivamente contra os piemonteses. Massena, a 14

derrota o inimigo (4.000 homens) e occupa a forte posição de DEGO. A 15 um reforço (3.000 homens com WUKASSOVICH) é batido, também d'esta vez com o auxilio de Laharpe, pois Massena chegou a perder a posição. Os Austriacos batem em retirada, desordenadamente para AQUI, e d'ahi Beaulieu se retira para ALEXANDRIA onde se manterá até que NAPOLEÃO se desembarace dos piemonteses. A separação dos dois aliados era então um facto consumado. Beaulieu abandonava completamente Coli, como previra NAPOLEÃO.

OPERAÇÕES CONTRA PIEMONTESES

O plano de operações contra os piemonteses é um desdobramento do primitivo. Assim como, reunindo Laharpe, flg. da direita, NAPOLEÃO poudé se apresentar superior em numero contra Argentau, assim também, reunindo Serrurier que fixava Coli, deante do TANARO, elle conta ter superioridade numerica contra os Sardos. Apenas tomara medidas de segurança para se cobrir á retaguarda contra uma incursão Austriaca sobre DEGO-CARCARE, ameaçando-lhe as communicações.

Mais tarde, necessitando das forças de cobertura para ficar certo de ser mais forte no momento decisivo, elle lançará mão de um recurso habil: mudança da linha de communicações de NICE e ORME'A-SAVONA-CARCARE, para NICE-ORME'A-GARESSIO-CE'VA, o que aliás elle já previra com bastante antecedencia.

A oportunidade da mudança é que ia depender da occupação de CE'VA. Com isso a divisão Serrurier, face a DEGO, se tornaria disponivel, bem como as D. C. ao longo da RIVIE'RA, cujo emprego ia ser possivel, de vez que a região CE'VA-CONITURIM está em plena planície. Era um reforço consideravel.

Assentado o plano as divisões vão-se movimentar para agirem em commum.

- Serrurier de GARESSIO para CEVA;
- Laharpe, para DEGO, cobertura contra os austriacos;
- Massena para S. BENEDICTO, quer secundar Laharpe, quer para impedir a junção dos austriacos aos piemonteses por AQUI-CHERASCO,
- Q. G. em MILESIMO, região já ultrapassada por Augerau.
- Cavallaria ainda guarnecendo as communicações pelo litoral que os Inglezes hostilisavam do mar.

A 16 Serrurier fracassa um ataque ao campo entrincheirado de CE'VA, que a 17 Coli abandona durante a noite ao presentir a chegada de Augerau, que iria reforçar uma nova tentativa de Serrurier. Elle se retira para traz do Cursalia, cobrindo MONDOVI, importante nó de comunicação com TURIM. D'esse modo, CE'VA é occupada e NAPOLEÃO encara o encurtamento da linha de comunicações já prevista.

Por outro lado, CE'VA é: uma praça forte de que NAPOLEÃO se aproveitará para se cobrir convenientemente a retaguarda face a Leste.

As jornadas de 18 e 19 permitem determinar o contorno inimigo no CURSALIA; Coli se extendia de MADONA de VIGO a LESEGNÓ, com o centro em S. MIGUEL.

A 20 Serrurier deveria atacar de frente e Augerau reforçado com 1 Bda. da Divisão Serrurier, desbordaria por LESEGNÓ para se rebater sobre o flanco de Coli: as 2 bdas. de Serrurier (Fiorela e Gleu) conseguem tomar pé nos seus objectivos, porém, Augerau se atraza e não completa a manobra, desbordando pelo flanco... Coli poudé assim contra-atacar e repelir as Bdas. Serrurier para além do rio.

NAPOLEÃO resolve lançar mão da Div. Laharpe (em DEGO) e das Divisões de Cav. (na RIVIERA), encurtando a linha de comunicações, afim de atacar Coli com todas fôrças reunidas.

Para isso Massena deveria ser substituido por Laharpe em S. BENEDICTO, e viria se junctar ao grosso enquanto as D. C. abandonariam a RIVIERA com o mesmo fim.

Novo ataque é assentado: Serrurier e Massena atacariam de frente cabendo a Augerau desbordar pela esquerda e cahir na retaguarda de Coli cortando-lhe a retirada para FOSSANO ou CHERASCO, direcções que de MANDÓVI vão dar a TURIM.

A 22 esse ataque cahiu no vazio. Coli retirára-se á noite para traz do ELERO presentido o ataque geral, porém é tenazmente seguido por Massena, Serrurier e Augerau.

O adversario teme um combate decisivo. NAPOLEÃO sentindo-o desmoralisado percebe que elle se retiraria para TURIM. D'ahi as ordens a Massena e Augerau para se dirigirem pelo TARNARO para CHERASCO enquanto Serrurier marcharia para FOSSANO. Laharpe, á frente de S. BENEDICTO, prolongava a ameaça sobre as comunicações de Coli, com TURIM, por CHERASCO.

De facto, Coli se retirava ás pressas para a sua capital. As divisões de NAPOLEÃO o perseguem tentando cortar-lhe a retirada. A côrte de TURIM em desespero, propõe a paz.

A esse tempo AUGERAU entra em ALBA, MASSENA em CHERASCO, LAHARPE se dirige para AQUI.

CONI em poder dos francezes, NAPOLEÃO, encurta ainda mais a linha de comunicações, que passa agora em NICE-Colo de TENDA-CONI.

A divisão VALOIS, que guardava esse Colo e o de ARDENTA, via Orméa, fica também disponível.

Um armistício é assignado em CHERASCO, a 28, de vez que o tratado de paz só pode ser assignado pelo Directorio.

O guerreiro cede a palma ao politico. NAPOLEÃO conseguia para a FRANÇA a annexação de NICE e SABOIA e prevenido as operações contra os austriacos exigira também as chaves das praças-fortes de CONI, CE'VA, ALEXANDRIA e TORTANA, o que assegurava a livre passagem das fôrças francezas pelo PIEMONTE.

As pontes do PO' em VALENÇA e CASALE seriam franqueadas.

Em um mez de campanha e 15 dias de operações effectivas os piemonteses estavam fóra de combate.

SANCCÕES

Quando violo a regra que me determina não matar, muito terei que analysar meu acto, pois nelle jamais encontrarei a repriminação ou o castigo... O laço que reúne o acto á sua consequencia é aqui um laço synthetico. Chama-se **sanccões** as consequencias assim intimamente ligados ao acto por um laço synthetico. Mas, si não é a natureza intrinseca do acto que arrasta ou acarreta a sanccão, o que é então?

— E' o facto "de que o acto não está conforme a regra que o prescreveu. E, com effeito, um mesmo acto será censuravel ou não segundo exista ou não uma regra que o prohiba... Assim o homicidio, tão infamante em tempo ordinario, não o é em tempo de guerra porque não ha nessa occasião, preceito algum que o prohiba. Um acto intrinsecamente o mesmo, reprochavel hoje entre os povos civilizados não o era na Grecia porque na Grecia não violava nenhum preceito pre-estabelecido" (Dürkheim)

SECÇÃO DE TACTICA GERAL

Redactor : ALUIZIO DE M. MENDES

A Guerra da Hespanha

ENSINAMENTOS

Pelo Ten.-Cel. C. de Souza Reis

Começava a reinar, em toda parte, uma relativa impaciencia pelos resultados praticos, de ordem technica, obtidos nos acontecimentos militares da HESPANHA.

O theatro de operações da Peninsula IBERICA permittiu, pela primeira vez, após as hostilidades de 1914-1918, a experimentação das theorias e doutrinas do emprego dos novos materiaes, utilizados nos combates aéreos e terrestres, principalmente, dos **engenhos motorizados**.

E' evidente que se não podem comparar os meios technicos e as condições da guerra civil da HESPANHA com os de que dispõem, para campanhas de grandes proporções, os exércitos das principaes potencias militares, isto é, da ALLEMANHA, da ITALIA, da FRANÇA, do JAPÃO, dos E. U. da AMERICA do NORTE e da U. R. S. S.. Todavia, varios technicos conseguiram recentemente, salientar diversos ensinamentos praticos, colhidos na campanha militar hespanhola, conforme veremos nas linhas que seguem.

AVIAÇÃO E DEFESA CONTRA AVIÕES

Relativamente á aviação,, certas observações, feitas pelos especialistas, nos facultam fazer uma idéa bastante exacta sobre os materiaes e a sua devida utilização, quer sejam de construcção allemã, italiana, francezá ou russa, tripulados, na guerra da HESPANHA, pelos hespanhoes ou pelos estrangeiros.

Mencionaremos osapparelhos que merecem ser, particularmente, citados com o fito de salientarmos as vantagens e os inconvenientes constatados no seu devido emprego.

O exército do general Franco dispõe de apparelhos de caça, allemães, HEINKEL e ARADO, italianos FIAT, bem assim, de bombardeio, italianos, SAVOIA-MARCHETTI, CAPRONI e allemães JUNKERS, no começo d'este anno, no total de 200 aviões, no minimo. Sob o ponto de vista da potencia de fogo, são os HEINKEL e ARADO os mais bem armados e defendidos em comparação a outros aviões munidos de torres de difficil manobra ou mal dispostas para o tiro ou, ainda, vulneraveis em virtude de dispõem de radiadores de agua e de oleo, reservatorios de essencia expostos aos tiros do inimigo, o que occasiona, facilmente, frequentes incendios. No combate contra as tropas terrestres, os aviões italianos se têm mostrado, particularmente, temiveis pelo effeito das bombas e da metralha.

Do lado das forças do governo de VALENCIA são os aviões da U. R. S. S. que se têm revelado os mais efficazes, não só quanto ao seu numero, orçado, aproximadamente, em 200 unidades, como relativamente á sua qualidade. Esses apparelhos são os de caça, de **fuselagem** curta, biplano I 15 e monoplano I 16, de motor WRIGHT-CYCLONE, armados de 4 metralhadoras synchronizadas, dotados de **pilotagem sem visibilidade**, isto é, P. S. V. e do **horizonte artificial** "Sperry" que materializa a direcção horizontal por meio d'um systema giroscopico, da potencia de 650-730 cv., mono-motor sem compressor, do peso de, mais ou menos, 1 tonelada, podendo desenvolver as velocidades de 100 a 350 km/h e sendo de construcção mixta, isto é, de metal e de madeira. Seu raio de acção, avaliado em tempo, é de 2 horas e 30 minutos.

Convém mencionarmos que certas metralhadoras synchronizada, do typo BREDA, atiram balas **perfurantes** de nucleo de aço, balas **traçantes** e balas **communs**, dispostas em **carregadores** de 750 cartuchos, obedecen-

C. A. motorizados, dotados de **lagartas**, os resultados obtidos pelos novos dispositivos, empregados pelos alemães, obrigaram, muitas vezes, aos aviadores a não descenderem abaixo de 2.500 metros.

Dizem os technicos que, na U. R. S. S., certos materiaes, construidos ultimamente, se inspiram, claramente, nessas concepções germanicas em materia de defesa aérea terrestre. No curso dos combates aéreos, travados no territorio hespanhol, durante esses ultimos mezes, observaram os technicos que os ataques contra os aviões de bombardeio se operam, principalmente, á retaguarda dos aparelhos. D'onde a necessidade de se proteger, os aviões, em seu vôo, empregando-se uma blindagem que envolva ao habitaculo dos aviadores.

D'essa protecção dependerá, por conseguinte, a propria existencia do aparelho e de sua tripulação. A mencionada blindagem de protecção apresenta, actualmente, a fórma do corpo do piloto e do encosto do assento que tambem é revestido d'essa blindagem. Essas medidas fazem evitar, muitas vezes, os estragos produzidos pelas novas balas perfurantes de nucleo de aço, cada vez mais temiveis, pois dilaceram chapas da espessura de 20 milimetros. Mas, a superioridade em velocidade constitue a melhor defesa durante o dia.

Digamos algumas palavras, agora, sobre o papel do **compressor** no avião de combate. Si o engajamento aéreo tiver logar em altitudes variando de 100 a 3.000 metros, não haverá necessidade do referido **compressor**, porque os aviões **monoplace**, dotados d'esse ultimo, destinam-se aos combates travados entre as altitudes de 4.000 e 10.000 metros. Os ARADO 68 e os HEINKEL 52, desprovidos de **compressores**, revelaram-se, segundo o declararam os especialistas, superiores aos dotados d'aquelles, porque os sobrepujam sob o ponto de vista da maneabilidade mas os egualam quanto ás suas qualidades militares. A vantagem do avião dotado de **compressor** consiste em poder, rapidamente, da altitude de 3.000 m., como um seu refugio, attingir á de mais de 6.000 metros, porque a velocidade ascensional d'um avião **monoplace**, munido de **compressor**, se assegura

superior a partir de 4.000 metros, precisamente nas condições em que a perseguição do inimigo se evidencia inteiramente inoperante, conforme, exactamente, o referem os technicos.

Recordemos que a aviação do General FRANCO comportava, recentemente,apparelhos allemães DORNIER leves para bombardeio, podendo, com a velocidade de 450 km/h., transportar 600 kg. de bombas e a tripulação de 2 homens, bem assim, os novos HEINKEL destinados ás mesmas missões que, em consequencia de sua grande velocidade, podem ser efficientemente desempenhadas sem a protecção dos aviões **monoplaces** de caça. Seu armamento consiste em metralhadoras de precisão, do ultimo modelo, de tiro acelerado e de facil manejo. Um official **observador**, recentemente chegado á FRANÇA e vindo da HESPAÑHA, assignalou a superioridade dos mencionados aviões sobre os de bombardeio francezes POTEZ 54. Esses ultimos revelaram-se, na campanha hespanhola, inferiores, ainda, no combate, aos apparelhos allemães, italianos e sovieticos, tudo por causa da sua relativa lentidão, tambem, devido, a estarem sujeitos, frequentemente, a reparos..

Em compensação os DEWOITINE 510, parece, se têm portado muito bem. Ha, outrosim, os aviões LOIRE-GOURDOU-LESSEURRE 32C1, incorporados á aviação do governo de VALENCIA, cujo emprego se aguarda com muita confiança. Segundo dizem os technicos, os apparelhos do typo "**motor-canhão**", dos quaes existem alguns exemplares na HESPAÑHA, confirmaram, ali, a sua superioridade de fogo já assignalada, mesmo sem ser em combate.

Quanto á D. C. A., os novos materiaes allemães, recentemente empregados, têm sido os mais temiveis em consequencia do seu facil deslocamento, da grande velocidade e da excellente precisão do tiro, de tal modo que oito decimos dos aviões, postos fóra de combate, têm-no sido pela Artilharia Anti-Aérea constituida d'aquelles materiaes. Existem, no theatro da guerra da HESPAÑHA, baterias de 6 peças de 40 mm., atirando, cada uma, 300 obuzes num minuto. Revelaram,

tambem, sua grande efficacia contra os aviões, os canhões da D. C. A. de tubos conjugados e dos calibres da gamma de 100 a 150 mm.

Mas, voltemos ao assumpto da aviação que, momentaneamente, interrompemos. Segundo as observações colhidas pelos proprios combatentes da aviação, sempre a experiencia parece ter demonstrado que as metralhadoras sincronizadas, que atiram através do campo da helice e se acham installadas na frente do piloto, são preferiveis ás metralhadoras, dispostas nas azas, commandadas á **distancia** d'um modo forçado, sendo, dest'arte, inaccessiveis ao atirador.

Referem os technicos, observadores da marcha das operações na HESPANHA, que, em consecuencia das prolongadas experiencias adquiridas durante muitos mezes, muito ha a se fazer, ainda, para se obter a completa cooperação mutua da infantaria e da aviação, não só na defensiva como na offensiva. A tactica allemã tende para esse fim essencial, isto é, obter a mais perfeita ligação possivel da arma aérea, em suas evoluções entre 100 e 2.000 metros, com as outras armas.

Outra constatação, tambem importante e feita pelos technicos, refere-se ao facto que é preciso, antes de tudo, se evitarem as complicações nos modernosapparelhos de caça afim de se não ser obrigado a appellar, exclusivamente a pilotos especializados, por conseguinte, difficeis de serem recrutados, occasionando, portanto, demoras em se tornarem verdadeiros pilotos destinados a essa categoria de aparelhos assim complicados. Convém, pois, não se abusar dos typos especiaes de aparelhos que exigem, precisamente, aquelles pilotos muito especializados. Taes aparelhos não convém aos pilotos de media categoria que devem, essencialmente, constituir as reservas do pessoal do exército do ar.

Enfim, ha, ainda, outra importante questão a ser mencionada aqui. Trata-se do que segue. A pratica parece ter demonstrado que um avião inteiramente metalico não pode competir, quanto á simplicidade de reparos a que é commumente sujeito, com um aparelho de construcção mixta, isto é, constituido de metal e de

madeira. Esse ultimo, effectivamente, pode ser preparado, frequentemente no proprio local em que se faça mistér, immediatamente, a sua reparação. Além d'isso, a fabricação em serie dos appparelhos de construcção mixta, durante o tempo de guerra, é muito mais rapida e facil, custando, outrosim, menos caro do que a dos aviões inteiramente metallicos. Tudo isso, evidentemente, parece constituir uma importante circumstancia que não deverá ser despresada pelas nações armadas.

O dispositivo de "atterrissagem" escamoteavel, electrico, pneumatico ou não, é de facil vulnerabilidade para que seja adoptado nos exércitos, conforme o declaram os técnicos. A maior parte das vezes, na HESPANHA, vêm-se os pilotos aterrar sem se utilizarem d'aquelle dispositivo de "atterrissagem".

Os presentes commentarios sobre as observações, imparcialmente colhidas através da campanha hespanhola, tendem a orientar a producção aeronautica e militar no sentido da fabricação, em grande serie, de **monoplaces** leves, de construcção mixta, capazes de apoiarem ás tropas terrestres e susceptiveis de atacarem, outrosim, aos appparelhos inimigos de bombardeio. Esses appparelhos devem ser simples, faceis de serem pilotados, velozes, com a velocidade minima de 400 km/h., maneaveis, principalmente si, com as mesmas caracteristicas de ordem geral dos que ora mencionamos, fôrem **biplanos** tal como a experiencia acaba de demonstral-o na HESPANHA. Os aviões d'esse genero devem ser fornecidos, em grande escala, ás forças aéreas que, por outro lado, devem contar com um grande numero de pilotos bem instruidos. Conforme a formula estabelecida por um especialista que teve occasião de tomar parte nas accções militares da Peninsula IBERICA, a **qualidade do material** é menos indispensavel do que a **qualidade do piloto** e do que o **numero dos effectivos aéreos engajados nos combates**.

Estes, ainda, por outro lado, devem rigorosamente, cooperar com os effectivos engajados, simultaneamente, em terra.

ENGENHOS MOTORIZADOS

No dominio dos **engenhos motorizados**, ha certos factos dignos de registro. Parece, com effeito, que os carros de combate não têm apresentado os esperados resultados na offensiva. Muitos d'estes engenhos incendiaram-se em consequencia de terem sido attingidos, por simples garrafas de essencia, nas suas **obras vivas** onde o fogo se communica immediatamente ao oleo e ao carburante. Esses engenhos blindados, poderosamente armados, do valor de muitas centenas de contos de réis, arderam, quais tochas, com todas as suas tripulações. Foi o que aconteceu, de modo notavel, com os carros sovieticos de 12 toneladas da velocidade de 55 km/h e os de 28 toneladas da velocidade de 40 km/h. que, armados de canhões e de metralhadoras, ficaram immoveis no campo de batalha, declara um observador, como outrora, por occasião da offensiva franceza, em CHEMIN-DES-DAMES, no anno de 1917. Os dois grupos de carros francezes engajados perderam, então, 80 % do seu material e do seu pessoal.

Na HESPAÑA, a arma blindada está demonstrando mais uma vez, que o successo do seu emprego depende, em grande parte, sob o ponto de vista tecnico, da potencia de fogo e da respectiva protecção de dita arma e, sob o ponto de vista tactico, da sua ligação com a infantaria. Accrescentemos que, em terreno cheio de lodo, o carro pesado muitas vezes se atóla e assim se reduz á impotencia sendo perfurado pelos projeteis especiaes, de grande velocidade inicial, das novas armas contra carros. As formações, engajadas, em março de 1937, nos combates de GUADALAJARA, abrangendo mais de 30.000 homens transportados, ao campo de batalha, por vehiculos blindados e motorizados, com Artilharia rebocada por tractores e carros de assalto, aquellas formações, pela primeira vez em materia d'uma real experiencia, na opinião dos technicos, demonstraram o que segue.

Convém não contarmos, muito, empregando, actualmente, as divisões blindadas, como um decisivo

sucesso baseado na mobilidade e na rapidez d'um ataque theoricamente montado segundo um minucioso plano, cujo bom exito depende, essencialmente, da **precisão da execução**. Si esses ataque não se desenvolver, com effeito, normalmente, a manobra fracassará e seguir-se-ha a derrota para as divisões de assalto; então, o inimigo aproveitar-se-ha da sua desarticulação para metralhal-as e bombardeal-as com a sua aviação. Foi o que succedeu, conforme o dizem os technicos, em ALCARRIA, com as tropas nacionalistas, na frente de GUADALAJARA. Effectivamente, qual outrora a cavallaria, o que podemos chamar a **aviação de deter**, voando muito baixo, isto é, a pequena altitude, dizimou á infantaria adversaria com os seus fogos, as suas bombas e as suas granadas, contribuindo, dest'arte, para semear a confusão, a derrota e a morte no campo do inimigo.

Essas considerações, declara outro technico, são sufficientes para demonstrar, aos theoricos dos estados-maiores, principalmente, aos do REICH e aos da U. R. S. S., como é conveniente não se illudirem com o que a introduccção da arma blindada na guerra moderna possa trazer de vantagens decisivas numa offensiva contra um adversario bem aparelhado, na defensiva, perfeitamente organizado em suas linhas fortificadas e abundantemente provido de armas automaticas de diversos calibres, desempenhando varias missões, simultaneamente, com armas contra carros e outras mais, em cooperação com a **aviação de deter** a intervir nos momentos opportunos.

Segundo diz um technico, nos exércitos beligerantes hespanhoes, ha carros de combate de diversas origens e dos mais modernos typos. Existem, conforme já o dissemos, carros russos de 12 toneladas da velocidade de 55 km/h. nas estradas, armados de 1 canhão e de 1 metralhadora, bem assim, outros carros de 28 toneladas, da velocidade de 40 km/h., munidos de 1 canhão e de 3 metralhadoras.

Esses **tanks** são bem armados, velozes e sufficientemente protegidos. Os carros allemães são os das divisões motorizadas do REICH, da velocidade de 50

km/h. e armados de 3 metralhadoras, mas não sufficientemente protegidos. E' uma questão, pois, de se procurar reforçar ás suas respectivas blindagens. Os carros italianos são léves, isto é, do peso de 2.500 kg., armados de 2 metralhadoras e da velocidade de 45 km/h., mas de insufficiente protecção aos effeitos dos tiros dos canhões contra-carros. Esses ultimos **tanks** foram, exactamente, os que fizeram a campanha da ABYSSINIA.

PROBLEMAS DAS FABRICAÇÕES

O especialista SABAZAN, em consequencia das informações de que teve conhecimento, assignalou certos pontos nos quaes ha, precisamente, logar de se fixar, d'um modo muito especial, a nossa attenção.

No que concerne á aviação, convem salientarmos a usura extraordinariamente rapida do material de vôo, empregado pelos beligerantes na HESPANHA, que ultrapassa a todas as previsões, o que é constatado nas destruições em combates, devido a bombardeios a aerodromos, nos accidentes em que têm sido, aliás, vitimados muitos pilotos e em outras mais circumstancias.

Quanto aosapparelhos francezes constatamos que, em geral, são solidos, bem cuidados, mesmo em certas minucias de constituição, o que, evidentemente, eleva o seu preço de custo. Mas, uma fabricação, em semelhantes condições, em tempo de guerra, naturalmente virá influir sobre a redução do numero de aviões, tornando-o, mesmo, insufficiente. A construcção franceza é, effectivamente, muito lenta e bastante onerosa, exigindo grande numero de pilotos especializados. D'onde um recrutamento restricto e difficil. Esses problemas, no caso d'um conflicto, acarretam muitos inconvenientes para a sua solução. Actualmente, em FRANÇA, um apparelho de caça, sem o motor, custa, aproximadamente, 400.000 francos, o que, aliás, não é cousa alguma ou mal chega para uma cellula **monoplacete**. A mão de obra necessaria á sua construcção pode ser avaliada em 15.000 horas. Os mais modernos

aviões de bombardeio, recentemente adoptados, dão lugar, para cada unidade, a uma despesa de mais de... 2.000.000 de francos. Podemos avaliar, assim, quanto deverá custar a fabricação, em grande serie, deapparelhos necessarios á dotação das fôrças aéreas da FRANÇA, em sufficiente quantidade. Têm sido adoptadas, em outros paizes, outras formulas mais economicas e rapidas. A U. R. S. S., por exemplo, emprega a construcção mixta, constituida de metal e de madeira, conforme os technicos o constatarem nos varios theatros de operações da HESPAÑHA, tendo, sempre, o cuidado de se esmerar na simplicidade e na solidez dos apparelhos, vizando não só a baixa do preço do custo, como tornar mais faceis e menos demoradas as reparações do material de vôo. Esse material tem apresentado resultados plenamente satisfatorios, na campanha da Peninsula IBERICA, contra os apparelhos das diversas nações fornecedoras dos dois grupos belligerantes. Sobre esse assumpto, o technico SABAZAN salientou a manifesta inferioridade dos POTEZ do typo 54, dos quaes 240 unidades, aliás, fôram encomendadas, ha cerca de dois annos, pelo Ministerio do Ar da FRANÇA. Diz um especialista que esse typo dos POTEZ é **um avião proprio para tudo e que não é bom para cousa alguma**.... A experiencia da guerra aérea, desenvolvida na HESPAÑHA, poz em evidencia a necessidade de se procurar **especializar** os materiaes em funcção das missões a serem cumpridas. Convém assignalarmos que as peças de Artilharia semi-automaticas, do modelo OERLIKON, de diversos calibres, utilizadas na defesa anti-aérea, apresentaram excellentes resultados nas medias altitudes, pois, abaixo de 2.500 metros o tiro é preciso e efficaz. Esse facto é tão patente que os aviadores agora procuram, na Peninsula IBERICA, evitar os sectores que são dotados de baterias constituidas d'esse material da D. C. A. Resulta, d'ahi, que os apparelhos executam vôo muito baixos, rentes, mesmo, ao sólo, ou, então, se elevam além de 3.000 metros, afim de reduzir, o mais possivel, o perigo de serem abatidos. Eis a razão porque os aviões voando muito alto devem ser

propulsionados por motores com **compressores**. Em compensação, o **compressor** é inútil aos aviões em seus vôos baixos. Mas, são indispensáveis **blindagens**, leves e resistentes aos efeitos dos projecteis de pequeno calibre, afim de protegerem, principalmente, às **obras vivas** do avião quando em desempenho de qualquer missão a muito pequena altitude.

A U. R. S. S. forneceu, á HESPAÑHA, aparelhos blindados, a titulo de experiencia d'aquella nova formula. E' evidente que, o problema da aviação de caça se reveste de duplo aspecto, o das baixas e o das elevadas altitudes. Os sovietistas da U.R.S.S. parece terem abordado e, mesmo, quasi resolvido, convenientemente, esse assumpto.

Os aparelhos DEWOITINE, fornecidos pela FRANÇA, dizem os technicos que se revelaram bastante superiores aos seus adversarios quando faziam evoluções a mais de 4.000 metros. Mas, nos vôos baixos, aquellos aparelhos, incontestavelmente, são sobrepujados por quaisquer dos outros aviões inimigos.

Enfim, no dominio da guerra aérea, constata-se que a principal condição de successo no combate, tambem aéreo, repousa na superioridade da potencia de fogo e, como exemplo, um technico considera o avião "**motor-canhão**" de 20 a 23 mm. do typo OERLIKON. Outro, sim, no dominio acima referido, parece que, dóravante, as missões longinquoas da aviação militar só poderão ser, efficientemente, executadas, do modo positivamente pratico, durante os vôos nocturnos.

Antes de terminarmos, registemos que o technico BARDOUX citou que um relatorio feito por outro técnico e allemão, assignála que as armas contra os carros fizeram mais progresso do que os **tanks** que se mostraram facilmente vulneraveis, principalmente aos projecteis de 20 mm., das peças de grande velocidade inicial, que perforaram as blindagens dos engenhos de 8 toneladas. A experiencia, no scenario da guerra de HESPAÑHA, egualmente, demonstrou que os carros de assalto devem ser aptos a effectuar as marchas a ré sem fazerem meias voltas e a executar essas manobras sem diminuir suas

velocidades para esse fim. E' um assumpto que tem sido objecto de constantes estudos feitos na ALLEMANHA, na INGLATERRA, nos ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE e em outros paizes, tendo sido, em consequencia, de experiencias satisfatorias, adoptados varios dispositivos nos engenhos dos Exércitos d'aquellas nações. Vêr sobre os referidos dispositivos, os estudos intitulados **"Motorização dos Exércitos"** e **"Exército Motorizado e Mecanizado da Allemanha"** do Tenente-Coronel Carlos de Souza Reis, publicados, respectivamente, nos exemplares dos supplementos do "JORNAL DO BRASIL" de 25 de Abril e 18 de Julho de 1937.

Para finalizarmos, mencionemos que, do impressionante orçamento destinado ás fôrças aéreas da GRÃ BRETANHA, isto é, orçamento de, aproximadamente, 88.600.000 libras esterlinas, esse paiz parece ter applicado uma grande parte á aviação de bombardeio, aliás em desaccôrdo com varias opiniões manifestada a respeito, pela FRANÇA. Os especialistas do Ministerio do Ar da INGLATERRA são de parecer, com effeito, que osapparelhos de bombardeio velozes e **maneaveis**, como os construidos, actualmente, pelas grandes potencias aéreas da EUROPA e pela Republica dos ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE, são aptos a desempenhar as suas missões, embora estejam muito afastados os seus respectivos objectivos no territorio inimigo, sem correrem o perigo de ser abatidos pelos meios de defesa anti-aérea do adversario.

Os mais velozes aviões de caça, no estado actual dos seus meios de ataque, difficilmente podem deter aos apparelhos modernos de bombardeio cuja velocidade é, muitas vezes, comparavel á sua. Quanto á D. C. A., constituida de especialistas da Artilharia terrestre com aperfeiçoadas peças semi-automaticas, a despeito de seus indiscutiveis progressos, difficilmente pode se oppor ás incursões dos modernos apparelhos em seus vôos a grande altitudes a partir de 3.000 metros, por exemplo, deslocando-se, lateralmente, a 400 km/h., segundo dizem os britannicos. O mesmo se dá relativamente á rêde de obstaculos constituidos de balões captivos dispostos a

elevadas alturas. Os inglezes, conforme o declara um técnico, não acreditam, absolutamente, na efficacia d'essa rêde a que acabamos de nos referir. Essa opinião dos altos representantes das AIR ROYAL FORCES já data de bastante tempo. Ha varios annos diversos aviadores da GRÃ BREITANHA expuzeram seu modo de encarar o que concerne ao papel a ser desempenhado, na guerra aérea, por uma poderosa aviação de bombardeio, de maneira que se acredita, mesmo, em virtude de tudo isso, o ministro do Ar, em LONDRES, tenciona destinar, aosapparelhos de bombardeio, mais de dois terços do orçamento das novas construcções da Aeronautica. As proporções, actualmente admittidas pelo novo programma das forças aéreas da INGLATERRA, são de 6 aviões de bombardeio para 2 de caça e outros 2 de reconhecimento. Essa concepção firmou-se, mesmo, completamente, d'uma vigorosa fórma, depois de varias constatações feitas durante recentes combates travados na guerra da HESPAÑA e, aliás, observados, com interesse, por muitos officiaes britannicos.

O homem se eleva acima da terra alçado por duas mirificas azas: a simplicidade e a pureza.

A simplicidade deve estar na intenção e a pureza na affeição.

(Imitação de Christo — Livro II, Cap. IV)

Balanço da acção medica durante a campanha italiana na Africa Oriental entre 3-X-1935 e 9-V-1936, juncto a meio milhão de soldados e 100.000 operarios brancos

(Comparação com outras campanhas)

Pelo Cap. Med. Dr. *Ervin Wolffenbüttel*

“Não é exaggerado affirmar-se que entre as causas que contribuíram mais para o grande successo do exército italiano deve figurar o estado sanitario das tropas, o que principalmente foi devido á perfeita organização do serviço medico”.

1.º — ORGANIZAÇÃO

135 grandes hospitaes de campanha. Cada hospital dispunha de um laboratorio bacteriologico e de um instituto de radiologia. Além d'isso, 55 hospitaes menores. 13 estações de cirurgia, 15 secções de radiologia, 11 ambulancias odontologicas e de cirurgia dos maxilares, 4 centros para exames bacteriologicos e higienicos, 12 formações de desinfeccão, 6 estações de bonificação, 139 installações de distillação da agua e sua distribuição, bem como 4 grandes depositos para material sanitario. Tudo isso para as tropas de terra. Accrescentam-se-lhe 20 estações sanitarias da marinha ao longo da costa e 8 grandes navios hospitaes. A secção sanitaria do ar installou outras 20 estações sanitarias. Finalmente 30 hospitaes das colonias limitrophes foram postos á disposição das tropas.

Para tratar de doentes e feridos haviam 2.484 *medicos militares*, dos quaes 1889 das tropas de terra, 117 da marinha, 42 das forças do ar, 316 da milicia para a defesa nacional e 220 das autoridades coloniaes. Além d'isso, quando havia muito serviço, apresentavam-se expontaneamente os medicos das grandes firmas para servirem nos hospitaes militares.

O *personal auxiliar* comprehendia ao todo 16.723 cabeças, dos quaes 384 irmãs voluntarias da Cruz Vermelha Italiana e 200 irmãs de caridade, catholicas. Os soldados sanitarios attingiam a 15.500. Nos hospitaes de marinha e nos navios hospitaes 639 militares faziam os serviços auxiliares.

2.º — RESULTADOS

MALARIA — Durante a *guerra mundial* de 1914-1918, das tropas inglezas e sul-africanas que combatiam na Africa, baixaram, entre 3-6-1916 e 27-10-1917, nada menos que 3.036 officiaes e 104.666 soldados aos hospitaes. Pela experiencia na MACEDONIA e na AFRICA ALLEMÃ o exército italiano devia ter tido 200.000 doentes de malária. Graças, porém, á rigorosa profilaxia, observaram-se durante toda a campanha, entre meio milhão de soldados e 100.000 operarios brancos, ao todo apenas 1.241 casos de malária. Entre estes, 23 perniciosos, que foram mortaes. Todos os demais puderam ser curados. *Qual foi a profilaxia?* Na Somalia funcionava um Bureau contra a malária, que dirigia os trabalhos. Depois que as tropas passaram a movimentar-se, por impraticavel, abandonou-se a profilaxia mecanica (mosquiteiros, etc.), passando á quininição preventiva, exclusivamente. Desde o momento em que o soldado italiano pisava em terra africana recebia tres comprimidos de quinino por dia, distribuidos pelo sub-official. Isso representava uma dose diaria de 60 centigrammos. O medicamento geralmente era administrado pouco antes das refeições.

DISENTERIA — Durante toda a campanha só baixaram aos hospitaes 453 disentericos. Só um unico foi caso mortal, e mesmo este só falleceu alguns dias após os combates, de modo que em todo o periodo da lucta não houve um só caso letal. Pela experiencia da guerra mundial, precisava contar-se com pelo menos de 80 a 100 mil disentericos, dos quaes 3 a 4 mil teriam morrido.

TIPHO E PARA-TIPHO. — Em todas as guerras do passado houve grande numero de casos de tippo e para-tippo. Assim, por exemplo, a FRANÇA durante a *campanha da Tunisia* (em 1881) com uma tropa de 20.000 homens, contava 4.200 casos de tippo, dos quaes 1.039 mortaes. Na *guerra dos Boers* contaram-se 59.750 casos, dos quaes 8.227 mortaes. Na campanha abyssinica, entre as tropas da SOMALIA, não houve um só caso de tippo. Na ERITRÉA foram denunciados alguns poucos casos. O seu numero, porém, foi muito menor do que aquelle, que ao mesmo tempo, foi evidenciado na terra patria. Nas demais frentes, durante toda a campanha, só foram denunciados 458 casos de tippo. D'estes morreram 161. Estas cifras tão baixa não teriam sido attingidas se todo soldado e todo operario não tivesse sido vaccinado com vaccina multivalente, antes de partirem para a *front*.

TIPHO EXANTEMATICO. — Egualmente favoraveis foram os resultados no tippo exantematico. Durante a guerra mundial uma quarta parte do exército servio foi victimado por essa epidemia. Também nas tropas abyssinias ella grassava fortemente. Entre as italianas durante toda a campanha não foi observado um só caso. Este bello resultado é attribuivel á profilaxia pela vacina, de um lado, e da higiene nas casernas e abrigos, por bem como á higiene pessoal.

FEBRE RECURRENTE. — Os casos de febre recorrente no exército italiano attingiram a 17, dos quaes nenhum mortal.

VARIOLA. — Nas tropas abyssinias, bem como entre a popu-

lação civil, foram constatados numerosos casos de variola. Pelos médicos italianos foi diagnosticado um unico caso e este foi curado.

INSOLAÇÃO. — Durante todo o tempo da guerra foram constatados 30 casos de insolação, dos quaes 7 mortaes. Estas cifras infimas são attribuiveis, egualmente, ás medidas prophylaticas. Assim, todo soldado era obrigado, sob pena de castigo, a usar o chapéu e o colete dos tropicos. Durante o dia nenhuma gota de *alcool* á disposição. Após o pôr do sol os soldados recebiam ao jantar um pequeno copo de vinho. Grandes marchas estafantes foram evitadas, conduzindo-se as tropas até juncto ás linhas de fogo com *carros motorizados*.

COLERA, PESTE, LEPROSA. — Durante toda a guerra do lado italiano não foi constatado um unico caso.

MORDEDURAS VENENOSAS. — Nenhum soldado italiano foi ferido ou morto por mordedura de cobra, insecto ou crocodilos, e estes nos rios GIUBA e SHEBELI eram numerosissimos.

PERDAS TOTAES. — Em resumo, o numero dos que morreram por doença foi muito menor do que a cifra dos victimados por batalha. Nos campos de batalha e consequente a ferimentos am ao todo 1.099 homens, sendo 119 officiaes e 980 praças. As doenças victimaram 599 homens, sendo 22 officiaes e 577 soldados. Na estatistica dos obitos por doença foram incluídos os accidentes mortaes. A rigor, pois, das consequencias de diversas doenças morreram 516 homens, os demais tendo sido victimados por accidentes de toda ordem.

Estas cifras ficaram muito aquém da experiencia até então em campanhas anteriores.

Em circulos bem informados contava-se com uma perda de 100 mortos e 80.000 feridos; em vez d'isso houve 1.099 mortos em combate e 599 por doença, ou sejam ao todo 1.698 mortos. (1).

A differença é enorme.

O triumpho foi do serviço sanitario modelarmente organizado.

* * *

A' primeira vista poderia parecer incrível que *a morbilidade e a mortalidade entre os soldados do exército da Africa Oriental, na guerra italo-ethiope, foram inferiores á morbilidade e á mortalidade das tropas que permaneceram na metropole.*

Este facto é digno de menção e, talvez, unico na historia recordando que em geral os acontecimentos têm provado sobejamente que as tropas de raça branca são sensibilissimas ás epidemias tropicaes e que a mortalidade, geralmente muito forte no passado, foi devida, de preferencia, ás doenças por protozoarios e parasitos mais do que aos combates com o inimigo.

São exemplos, a campanha de TONKIN, onde o exército francez, em 1890, num total de 8.505 combatentes, perdeu 1.125 por doença; a expedição de MADAGASCAR em 1895, na qual, de março a dezembro, uma terça parte dos combatentes de raça branca encontrou a morte por doenças tropicaes, isto é, num total de 9.600 homens registaram 3.417 obitos, por doenças, tendo sido entre os effectivos da marinha, num total de 3.250 homenso numero de obitos de 772.

Durante as operações militares de CAMERUM, os allemães tiveram uma mortalidade, devida ás doenças tropicaes, superior a 112 por mil, quando na metropole a mortalidade era apenas de 5 por mil.

Na guerra contra os boers o numero de obitos, devida doenças, foi o dobrado dos provocados pelos combatentes.

Na guerra italo-ethiope, como vimos, ao contrario, o mero de obitos por doença foi de muito inferior ao total dos imputaveis aos combates, ou sejam cahidos em combate ou mortos em seguida a ferimentos 1.099, mortos por doenças 599. (2)

* * *

Para finalizar seja-me licito citar o relatório feito pelo correspondente da UNITED PRESS, Mr. JAMES L. ROHRBAUGH (UNITED PRESS Red Letter, N. YORK, Julho, 11-1936): (3)

“No exército abyssínio os doentes eram excessivamente numerosos; os disentericos eram mais da metade dos effectivos. O escorbuto grassava no sul; as variolas dizimava ás tropas do Rhas MALUGHIETA na frente norte. Em DESSIE’ a pneumonia era intensa, o tifo exantematico corria de um a outro campo fazendo numerosas victimas em pouco tempo; o paludismo e a febre recorrente eram generalisadas em todas as frentes. Milhares de mulheres e creanças acompanharam os soldados para as frentes, mas, muito poucas conseguiram voltar ao seus lares, por terem succumbido ás *doenças*”.

O artigo de JAMES ROHRBAUGH terminava pelas seguintes conclusões:

“Não é exaggero affirmar-se que entre as causas que contribuíram mais para o grande successo do exército italiano deve figurar o estado sanitario das tropas, o que principalmente foi devido á perfeita organização do serviço medico.

“A sciencia medica conseguiu levar contingentes numerosissimos de soldados brancos a supportar os ataques de um clima insalubre, nas peiores condições de vida, mantendo-os, apesar de tudo, num estado sanitario muitissimo melhor que o dos indigenas, que, entretanto, estão aclimatados nesses meios ha seculos”.

A conclusão é obvia: *o valor combativo de um exército está na razão directa de sua organização sanitaria.*

BIBLIOGRAPHIA

1) “Die Leistungen des italienischen Sanitaetswesens waehrend des Abissinischen Krieges”, R. P. Ferrari (Wien-5,

Hoegelmüllerstrasse 2B-17, in "Deutsche medizinische Wochenschrift", 1849. nr. 45, de 6-11-1936.

2) Relatório entregue ao presidente do Ministerio Italiano sobre a actividade do serviço sanitario durante a guerra da Abissínia, entre 3-X-1935 e 9-V-1936, pelo Prof. Senador CASTELLANI. in "Medicina Tropical" de Roma, e "Bruxelles Médicale", Anno XVII, n.º 9, de 27-12-36, apud "Jornal dos Clinicos" n.º 8, III, 1937.

3) "Jornal dos Clinicos", n.º 8, III, 1937.

TESTAMENTO POLITICO DE BOLIVAR

Em 17 de Dezembro de 1830 fallecia obscuramente em Santa-Martha o mais desinteressado e o mais virtuoso de todos os grandes generaes do mundo: SIMON BOLIVAR. Alguns dias antes de sua morte escrevia elle o seguinte testamento politico: "Colombianos! Consagrei todos os meus esforços para implantar a liberdade onde d'antes reinava a tyrania. Trabalhei desinteressadamente, sacrificando minha fortuna e minha tranquillidade. Abandonei o poder quando vi que minha conducta excitava vossa desconfiança; meus inimigos abusaram de vossa credulidade e espedaçaram o que me era mais caro: minha reputação e o meu amor da liberdade. Perdão-lhes. No momento de deixar-vos para sempre, minha ternura por vós me diz que devo exprimir-vos meus ultimos desejos. Somente aspiro uma gloria: a consolidação da COLOMBIA. Todos vós deveis trabalhar por conseguir esse bem inestimavel que é a união: os povos si obedecerem ao governo actual livrar-se-hão da anarchia, os sacerdotes erguerão então suas preces ao céu e os soldados empregarão doravante suas espadas em defesa das garantias sociaes. Colombianos! Dedico meus ultimos votos á felicidade da Patria. Si minha morte contribuir para fazer calar as discordias e a consolidar a união, deserei tranquillo á sepultura".

SECCÃO DE CAVALLARIA

Redactor: PAIVA CHAVES

O Combate da D. C.

Pelo Cap. ELEUTERIO BRUN FERLICH

TITULO II

COMBATE OFFENSIVO

CAPITULO I

GENERALIDADES

A) Physionamia do combate offensivo da Cavallaria.

A cavallaria é uma arma de movimento; sem movimento não ha manobra.

A manobra permite impôr-se a vontade a inimigo, muitas vezes superior em meios.

O fogo deve ser considerado como meio (meio poderoso) para se manobrar, isto é, a base de todo movimento no ataque.

Um inimigo que consegue impedir a cavallaria de **mover-se** que a fixa ao solo (salvo casos particulares impostos pela missão e pelo terreno) marca um tento a seu favor.

A tactica de toda a unidade de cavallaria deverá, então, consistir na **continuação do movimento** de modo a attingir o objectivo que lhe foi fixado para o cumprimento da missão.

Si encontrar resistencias inimigas, deverá já estar advertida da presença d'ellas por intermedio dos seus órgãos de informação; evitará essas resistencias na medida que lhe permittam a missão e o terreno. Num certo momento será obrigada a fazer face a ellas, isto é, fixal-as ou desbordal-as. O fogo permittirá fixal-as, mas, é preciso que ao fixal-a pelo fogo não seja tambem por ellas fixada.

Eis, um aspecto particular do problema do fogo, que toma uma importancia consideravel quando se trata de cavallaria.

Com effeito, uma G. U. de infantaria que se encontra com o inimigo esforça-se por "manobrar seus fogos" para adquirir superioridade sobre elle; a protecção dos seus órgãos de fogo resulta do seu escalonamento sobre o terreno, da sua progressividade e do seu reforçamento possível. Em summa: a G. U. de infantaria póde **durar**.

O mesmo não se passa com uma unidade de cavallaria que, quando pede o apoio de seus fogos é obrigada a empregar a quasi totalidade dos meios de um só golpe e a proteger sua acção por elementos que deixam, a partir d'esse momento, de ser moveis numa acepção bastante ampla.

A unidade de cavallaria, em taes circumstancias, transforma-se em **uma unidade de infantaria**, isolada de qualquer apoio e dispondo apenas de uma quantidade limitada de munições.

O combate pelo fogo demanda que se apoie num certo numero de elementos e atrás da unidade que se bate, ficam órgãos **essenciaes** representados **por cavallos de mão**, viaturas, trens, etc., que são órgãos de mobilidade, de manobra, isto é, de um valor consideravel para a cavallaria.

Nessa situação, não ha muito a temer na direcção perpendicular á frente; o perigo existe **sobretudo nos flancos**, que necessitam ser bem cobertos; toda ou parte da reserva deverá estar em condições de intervir instantaneamente para assegurar a sua protecção em caso de necessidade.

E' indispensavel a protecção dos órgãos de manobra contra qualquer tentativa do inimigo; sua destruição equivale a um desastre. Eis ahi, o ponto vulneravel de uma unidade de cavallaria **imobilisada momentaneamente** por uma **acção a pé**.

Em summa, toda a unidade de cavallaria que combate a pé deve antes mesmo de collocar seus elementos em posição — ter organizado, pela informação e pelo fogo, uma zona de segurança que fórme "um campo fechado", uma verdadeira **arena** na qual os elementos a pé combaterão sem que se preocupem com a conservação dos seus **meios de transporte**, os quaes devem ficar em condições de ser utilizados a qualquer momento; essa **arena** é constituída inicialmente, na frente pela Vg., nos flancos pelos Fg., na retaguarda pelas unidades em reserva.

O combate a pé, indispensavel na maioria dos casos representa então, para a cavallaria (pelo facto de perder momentaneamente a sua mobilidade) um **periodo de crise**. Deve haver

um interesse primordial em reduzir-se ao minimo a duração d'esta crise. Isso será facil si se souber utilizar as propriedade particulares da arma e os meios rapidos de que ella dispõe.

Quando uma unidade de cavallaria vae empenhar-se a pé, o chefe deve ter seu **grosso** (em dispositivo que corresponda á idéia de manobra) esclarecido e coberto tanto na frente como nos flancos. Em seguida dá, aos Cmts. dos diversos elementos, instrucções visando o seu emprego.

Reconhecimentos rapidos, graças ao sesu meios de transporte e ao treinamento do pessoal, são logo enviados afim de prepararem a entrada em acção dos elementos que os destacaram, enquanto que estes — dissimulados das vistas e dos tiros — permanecem em **posição de espera** com os repectivos meios de transporte, isto é, **conservam sua mobilidade**.

A acção do grosso é, d'esse modo, minunciosamente preparada por alguns elementos apenas, e com uma discreção tal que o inimigo não pôde deduzir a manobra que deverá parar.

Reconhecimento de unidades tem lugar nos diversos escalões; comprehendem sómente o pessoal e os meios de ligação estrictamente necessarios. Ha reconhecimentos de Divisão, Agrupamento tactico, Regimento, etc..

Quando a **ordem** é dada, graças ao trabalho d'esses reconhecimentos, as unidades — guiadas por agentes de ligação — tomam formações apropriadas e por itinerarios já reconhecidos ganham o local do apoiar e depois a base de partida.

Assim, a ameaça só é revelada ao inimigo no ultimo instante; as suas réservas não terão tempo de attingir os pontos onde o seu emprego será necessario: **o inimigo será surprehendido**.

Sobresahe a importancia d'esses reconhecimentos preparatorios ao emprego da cavallaria, particularmente no ataque, pois são elles que dão ao combate o **effeito de surpresa**, a caracteristica de **ataque brusco e violento**, que **differe nitidamente de um ataque de infantaria**. A partir do momento em que as unidades alcançam a **base de partida**, ou mesmo quando apeiam, não ha nenhuma differença entre o ataque da infantaria e o da cavallaria a pé. **Não ha dois modos de atacar**.

Comprehende-se então, a importancia que tem o treinamento dos **quadros** na execução dos reconhecimentos, treinamento esse que deve ser em tempo de paz, a preocupação constante de todos os chefes. Assim como não se concebe a entrada em acção de

um grupo de Art. sem os reconhecimentos preparatorios, tambem não se deve conceber um ataque de cavallaria que não seja precedido e preparado por reconhecimentos de unidades:

Em conclusão:

- o combate offensivo d'uma unidade de cavallaria deve ter **curta duração**, de fôrma a reduzir-se os riscos resultantes de sua **imobilização** e permittir-lhe desenvolver toda a **intensidade do seu fogo**;
- deve ser levado a effeito com um **maximo de fogos** (maioria das armas atirando com alcance efficaz maximo, de modo que não sejam fixados pelos fogos inimigos) e com um **minimo de combatentes a pé**, porque todos os elementos submittidos aos fogos aproximados do inimigo, deixam de ser **moveis**.
- uma manobra desbordante deve ser systematicamente montada e confiada a elementos moveis, que visarão o ponto vulneravel do inimigo: o flanco. Esta manobra desbordante será coordenada no tempo e no espaço com a **ameaça frontal**; as duas acções serão **jamaiz separadas**;
- os flancos serão cobertos, no minimo pela informação;
- uma **acção frontal** sómente será tentada quando não se puder descobrir a localização dos flancos do inimigo.

Essas considerações, que resaltam dos principios expostos pelo R. E. C. C., devem ser trazidas **á luz** si se quizer bem comprehender o mecanismo de ataque commum ás pequenas e grandes unidades de cavallaria.

B) Limites das possibilidades de ataque das unidades de Cavallaria

Já vimos no combate defensivo que os meios são empregados em determinados **limites de frente**. A mesma cousa se passa no combate offensivo.

Uma unidade que ataque numa frente demasiado larga em relação aos seus meios de fogo, não poderá realizar nenhum esforço importante, porque desapparecerá a **coesão**; por outro lado, uma unidade que ataque **embolada**, ficará sujeita a uma facil destruição.

No combate offensivo é necessario, antes de tudo, obter-se

desde o inicio — na frente das unidades que atacam — a **pleni-tude do fogo**, isto é, o **minimo de potencia necessaria para assegurar a superioridade** de fogo e evitar-se reforçamentos perigosos no caso de se accentuar a resistencia. Eis, porque o escalão de fogo deve ter **tanto maior profundidade quanto maior o esforço que se quer fazer**.

Adeante veremos ha nos ataques uma **certa proporcionalidade** entre os meios e os compartimentos do terreno.

Como, em geral, é a compartimentação do terreno e o **esforço** desejado que condicionam a repartição dos meios, será de utilidade definirmos aqui uma terminologia que deve ser bem comprehendida por todos. Assim, comprehende-se por:

- frente de combate, a frente sobre a qual se pode bater offensively, uma unidade, com seus meios organicos, em terreno médio, levando-se em conta os elementos que deve manter em reserva;
- frente de ataque, a parte da **frente de combate** sobre a qual o chefe decide fazer seu **esforço principal**; a extensão d'essa frente é proporcional aos meios de que se dispõe, particularmente de artilharia. Na D. C. a art. só poderá apoiar um ataque em **força** em frentes comprehendidas entre 800 a 1.200 metros (300 metros por grupo).

O quadro abaixo indica os limites das possibilidades de ataque das unidades de cavallaria (frente em metros).

Unidade	Frente de combate		Frente de ataque
	Normal	Larga	
D. C.	4.000 a 5 000	—	800 a 1.200
Bda. C.	1.000	3.600	400 a 500
R. C.	400 a 700	1.500 a 1.800	200 a 300
B. I. M.	400 a 700	1.500 a 1.800	200 a 300

CAPITULO II

ACÇÕES DE ALA

No combate offensivo o cmt. da D. C. procurará sempre realizar uma **acção de ala**. Tão logo os elementos de descoberta tenham encontrado os flancos do inimigo para ahi elle deverá orientar o grosso da D. C., tendo o cuidado, entretanto, de tomar as medidas necessarias para fixal-o de frente. A seguir cuidará em dar á sua acção um caracter de **rapidez e surpresa** para o que será preciso empenhar a sua divisão brutalmente e com o maximo de meios reunidos.

Uma acção de ala — para ter um caracer de rapidez e surpresa só poderá ser executada em boas condições si o chefe **empregar** na acção principal elementos a cavallo e mecanisados, bem como motorisados quando d'elles dispuzer.

A **rapidez** de um ataque não será obtida pela velocidade da marcha de aproximação, mas pela preparação previa da entrada em acção dos diversos elementos.

Para isso, o cmt. da D. C. adoptará dispositivos de marcha que facilitem a entrada em acção-no momento de contacto. Eis porque, quando o terreno permittir, sua preferencia deve recahir sempre nos dispositivos semi-desenvolvidos (Brigadas juxtapostas e artilharia repartida entre ellas); cada agrupamento tactico com um eixo de marcha bem nitido.

A seguir, para uma determinada operação, dará aos cmts. dos agrupamentos de 1.º escalão todos os elementos necessarios para que iniciem o ataque sem perda de tempo, isto é:

- auto-metralhadoras, indispensaveis para determinar rapidamente a situação numa larga frente, descobrir os intervallos, repellir os elementos avançados, tomar os primeiros contactos;
- artilharia para apoiar os ataques.

Terá por fim, o cuidado de **limitar** os objectivos dados aos agrupamentos de 1.º escalão, bem como **velar** para que esses agrupamentos se possam apoiar mutuamente; lançará o seu P. C. francamente para a frente, afim de ficar em condições de dirigir o ataque desde os primeiros contactos.

A **surpresa** será conseguida graças a uma judiciosa utilização da obscuridade e das cobertas durante as marchas que precederam o ataque, bem como pela rapidez e precisão dos reconhecimentos de unidades.

Lógo que os agrupamentos de 1.º escalão encontram o inimigo, tomam o contacto e se empenham de accôrdo com as ordens do cmt. da divisão.

Durante essas operações, de accôrdo com as informações obtidas e as resistencias assinaladas o gen. cmt. da D. C. toma sua decisão para o **ataque**.

Uma acção sobre o flanco descoberto do dispositivo inimigo será sempre tentada. Para assegurar o bom exito d'esta acção de ala será sempre necessario **fixar** energicamente a frente adversa e continuar esta fixação no decurso do ataque. Esse papel será normalmente dada o um dos agrupamentos do 1.º escalão; esse escalão, eventualmente reforçado, executará, sob forma de golpes de mão, ataques secundarios com o objectivo de illudir o inimigo.

O ataque de ala será desencadeado com o maximo de meios e numa direcção que permitta aproveitamento frutuoso do bom exito, isto é, que facilite um largo desbordamento visando a retaguarda do inimigo. Este ataque de ala deverá ser confiado a um chefe energico e bem orientado sobre sua missão.

Finalmente, o cmt. da D. C. deverá:

- ligar a ameaça frontal com o ataque de ala, no minimo por uma simples cortina de fogos;
- assegurar a cobertura do seu (ou seus) flanco descoberto;
- conservar uma reserva (a cavallo e Au.M.) para aproveitar o bom exito ou para qualquer incidente previsto.

CAPITULO III

ACÇÕES FRONTAES

A) — Generalidades

Quando um ataque de ala não póde ser levado a effeito, em virtude da extensão da rede de fogos estabelecida pelo inimigo, uma acção frontal impor-se-ha.

Do mesmo modo que para um ataque de ala o cmt. da D. C. será levado a:

- organizar um **ataque principal** nelle empregando o máximo de seus meios;
- montar **ataques secundarios** com meios e objectivos limitados e destinados a illudir o inimigo;
- constituir **agrupamentos** destinados á execução d'esses ataques;
- conservar **elementos reservados** para o aproveitamento do bom exito ou afim de parar qualquer incidente.

Nas acções frontaes — como nas acções de ala — o cmt. da D. C. deverá procurar tornar o ataque **violento e rapido**, mas para isso é preciso:

- empregar a quasi totalidade dos seus meios de um só golpe;
- procurar a surpresa pela escolha de **pontos** e horas apropriadas ao ataque.

Não atacará systematicamente ao **clarear do dia**, mas sim quando as ligações entre os combatentes a pé, os apoios de fogo e o commando estiverem em boas condições; não deverá tambem temer atacar na **parte da tarde** mesmo aproveitando a ultima claridade — pois taes ataques surperhendem o inimigo e dissimulam a fraqueza relativa dos meios empregados.

Em principio, empenhará a D. C. numa larga frente para reconhecer e fixar o inimigo e procurará a **decisão, concentrando os seus esforços sobre um ponto determinado**.

As principaes phases do combate offensivo são:

- a tomada do contacto;
- o ataque de conjuncto;
- o aproveitamento do bom exito.

B) — Tomada de contacto

Deante de um **adversario em movimento** a tomada do contacto, consiste em determinar a frente de marcha do inimigo; até

ahi levar e manter elementos destinados a constituir uma linha de fogos, ao abrigo da qual os grossos vêm tomar suas disposições de combate.

Deante de um **adversario em posição** ella consiste em **precisar** a linha sobre a qual o inimigo offerece resistencia sólidamente organizada.

A tomada de contacto é realizada de fórma progressiva.

E' iniciada pelos "elementos de descoberta" e as informações por elles fornecidas permitem ao chefe orientar a sua manobra; algumas vzes essas informações bastarão e elle passará directamente ao ataque, tirando maiores vantagens do effeito da surpresa.

Outras vezes a situação do inimigo não ficará sufficientemente definida pela descoberta; incumbe, então, ás vanguardas completar as primeiras informações e tomar contacto. Estas procedem por infiltração, progridem assim até que tenham attingido seus objectivos ou até que não possam mais avançar; aferram-se finalmente ao terreno para cobrir o **desdobramento** do grosso da D. C..

Em geral essas operações effectuam-se automaticamente, por iniciativa dos commandantes das vanguardas e de accôrdo com a missão que receberam.

Si o cmt. da D. C. não se julgar sufficientemente esclarecido pelas informações obtidas nesses primeiros contactos ou si decidir montar um "**ataque de conjuncto**" que dependa da occupação preliminar de um certo objectivo, poderá prescrever "**ataques parciaes**", si fôr o caso, escalonados no tempo e no espaço.

Os "**ataques parciaes**" podem ser realizados:

- quer pelas vanguardas reforçadas com elementos tirados do grosso;
- quer por uma Bda. C. dotada dos meios necessarios da artilharia.

Esses "**ataques parciaes**" são **verdadeiros ataques**, que só differem do "**ataque de conjuncto**" pela importancia dos effectivos a pé postos em linha.

São, em principio, ataques de alcance limitado, desencadeados sobre objectivos bem determinados, mas que devem ser sempre **apoiados pelo maximo de artilharia disponivel**.

O conjuncto d'essas operações — tomada de contacto e acções parciaes destinadas a completal-a — constitue o primeiro acto do

combate; elle deve ser desencadeado o mais rapidamente possivel e não se prolongar senão na medida necessaria para informar o commando.

C) — Ataque de conjuncto

O cmt. da D. C. acompanha o mais de perto possivel as operações da "tomada de contacto" de modo a ficar em condições de:

- em caso de necessidade aproveitar sem perda de tempo o successo de um ataque parcial;
- tomar sua **decisão** e determinar, si um ataque de conjuncto lhe parecer necessario, o ponto mais vantajoso para pronuncial-o.

Desde que tome a decisão de executar um "**ataque de conjuncto**" o cmt. da D. C. estabelece seu "**plano de ataque**" de accôrdo com uma **idéa de manobra** clara, simples, facil de realizar e geralmente **inspirada pelo reconhecimento do terreno** que deve pessoalmente ter feito.

a) — ATAQUE PRINCIPAL

O "**ataque principal**" é desencadeado sobre o ponto em que o cmt. da D. C. quer fazer o seu maior esforço.

1) Ponto de ataque.

O ponto de ataque é, em principio, escolhido em funcção da importancia que ella apresente para o desenvolvimento da manobra; outras considerações, entretanto, interferem tambem na sua determinação, taes como:

- importancia dos meios a empenhar no ataque;
- facilidades offerecidas pelo terreno á progressão das tropas tanto na marcha de aproximação como no ataque;
- possibilidades apresentadas para o aproveitamento do bom exito.

2) Meios.

O ataque principal é "**montado em fôrça**" e as unidades encarregadas de executal-o escalonam-se de modo a conduzir um

combate em **profundidade**. E' geralmente, na acção frontal, executado pelo B. I. M. reforçados por unidades de cavallaria e Au. M., si necessario. Póde tambem, em certas circunstancias e particularmente nas acções de ala, ser confiado a uma Bda. C. reforçada.

3) **Commando.**

Seja qual fôr o **conjuncto das tropas** encarregadas do ataque principal, será **sempre** collocado sob o commando de um **chefe unico**: Cmt. de Bda., Cmt. do B. I. M. ou R. C..

4) **Eixo de ataque**

O eixo de ataque é determinado em funcção dos objectivos successivos a conquistar; deve ser sempre que possivel, perpendicular á "base de partida" de modo que o ataque parta normalmente ao sentido da frente.

5) **Base de partida.**

A base de partida — onde as tropas tomam o dispositivo de combate — é geralmente marcada por uma linha bem nitida do terreno (estrada, crista, orla do mato etc.) e si fôr occupada durante o dia, deverá sel-o ao abrigo das vistas terrestres do inimigo.

Ha sempre vantagem em se fazer coincidir a base de partida com a linha sobre a qual foram detidos os elementos que tomaram o contacto, pois o desencadeamento do ataque se tornará mais violento.

6) **Compartimentação do terreno.**

O compartimento do terreno para o ataque principal deve corresponder á importancia dos meios empregados: combatentes a pé e artilharia.

A experiencia da guerra demonstrou que deve haver entre esses elementos (terreno e meios) uma certa proporcionalidade, que condiciona imperiosamente o combate. Essa proporção **determina** a extensão da **frente de ataque** e consequentemente o numero de

unidades a empenhar o qual depende também dos meios de artilharia susceptíveis de apoioal-os.

Ha sempre vantagem — respeitando as considerações acima — em dar á frente de combate o desenvolvimento maximo com o objectivo de dispersar os fógos do adversario e obter-se **convergencia** sobre o objectivo.

Esta noção de compartimento de terreno é muito importante e póde mesmo influir na escolha do "**ponto de ataque**".

7) Collocação do dispositivo

A collocação do dispositivo de ataque, quer de dia ou de noite, é sempre uma **operação delicada** que deve ser preparada com cuidado e executada com muita ordem. Consiste, essencialmente, em levar as unidades de ataque nas respectivas frentes de acção para estabelecel-as sobre a **base de partida e face ao objectivo**.

As unidades avançam a cavallo o maximo permittido pelas circunstancias (terreno, visibilidade, etc.); apeiam sob a protecção dos elementos já em contacto e proseguem o movimento a pé, em **formação de aproximação**; os cavallos de mão, confórme a situação, podem ficar repartidos e dissimulados no local do apeiar ou ser enviados para a retaguada.

8) Execução do ataque

O desencadear do ataque faz-e a uma hora fixada pelo commando ou a um signal convencionado.

A' hora H (ou signal), o ataque é lançado em uma direcção bem precisa, bem apoiado pelo fogo e protegido nos seus flancos.

Si a "**base de partida**" não coincide com a linha já occupada pelos elementos já em contacto, as unidades encarregadas do ataque fazem irrupção de um só golpe e assaltam as posições inimigas.

Si a "**base de partida**" não coincide com a linha já occupada pelos elementos em contacto, o ataque começa por uma marcha de aproximação mais ou menos longa, seguida d'uma **passagem de linha**. As unidades de ataque, depois de terem estabelecido sua **base de fogo**, ultrapassam os elementos já em contacto, tomam o combate por sua conta e se lançam ao assalto ou progridem para o **objectivo combinando o fogo e o movimento**.

O ataque principal é normalmente desencadeado sem **prepa-**

ração de artilharia de modo a obter-se o efeito de surpresa. Deve entretanto desembocar sob a protecção d'um systema de fôgos tão denso quanto possível.

9) Apoio de artilharia.

O ataque principal deve ser apoiado e protegido pelo maximo de artilharia, o que implica geralmente — quando o cmt. da D. C. dispõe unicamente da sua artilharia organica — no emprego da totalidade dos meios.

O cmt. da D. C. póde, conforme as circunstancias:

- collocar parte da artilharia á disposição do **cmt. do ataque** reservando parte para si, por exemplo:
2 grupos para o cmt. do ataque principal (apoio directo) e 1 grupo sob suas ordens (protecção contra-bia.);
- dar toda a artilharia ao **cmt. do ataque** encarregando-o de regular-lhe o emprego.

Esses processos, como podemos observar, differenciam-se unicamente pelo grau de descentralisação, desejado pelo cmt. da D. C., no commando da sua art.. Serão empregados conforme as circunstancias, mas convem frizar que:

- a descentralização facilita e accelera de maneira apreciavel o estabelecimento do **plano de emprego da artilharia**, com a condição, porém, de que possa haver um entendimento directo entre o cmt. do ataque principal e o da artilharia posta á sua disposição;
- quanto mais accentuada fôr a descentralisação tanto mais justa será a adaptação dos fôgos de artilharia ao movimento dos combtentes a pé, consequentemente mais intima será a coordenação dos esforços.

D) — Ataques secundarios

Os “ataques secundarios”, têm por fim:

- enquadrar o “ataque principal” e assegurar-lhe a cobertura dos flancos;

ração de artilharia de modo a obter-se o effeito de surpresa. Deve entretanto desembocar sob a protecção d'um systema de fôgos tão denso quanto possivel.

9) Apoio de artilharia.

O ataque principal deve ser apoiado e protegido pelo maximo de artilharia, o que implica geralmente — quando o cmt. da D. C. dispõe unicamente da sua artilharia organica — no emprego da totalidade dos meios.

O cmt. da D. C. póde, confôrme as circumstancias:

- collocar parte da artilharia á disposição do **cmt. do ataque** reservando parte para si, por exemplo:
2 grupos para o cmt. do ataque principal (apoio directo) e 1 grupo sob suas ordens (protecção contra-bia.);
- dar toda a artilharia ao **cmt. do ataque** encarregando-o de regular-lhe o emprego.

Esses processos, como podemos observar, differenciam-se unicamente pelo grau de descentralisação, desejado pelo cmt. da D. C., no commando da sua art.. Serão empregados confôrme as circumstancias, mas convem frizar que:

- a descentralização facilita e accelera de maneira apreciavel o estabelecimento do **plano de emprego da artilharia**, com a condição, porém, de que possa haver um entendimento directo entre o cmt. do ataque principal e o da artilharia posta á sua disposição;
- quanto mais accentuada fôr a descentralisação tanto mais justa será a adaptação dos fôgos de artilharia ao movimento dos combtentes a pé, consequentemente mais intima será a coordenação dos esforços.

D) — Ataques secundarios

Os "**ataques secundarios**", têm por fim:

- enquadrar o "**ataque principal**" e assegurar-lhe a cobertura dos flancos;

- realizar **diversões** destinadas a illudir o inimigo sobre o ponto onde se produz o **"ataque principal"**.

Esses **"ataques secundarios"** são executados por unidades constituidas — Bda., R. C. ou B. I. M. — que recebem frente de acção e objectivos determinados em funcção do **"ataque principal"**. Essas unidades ganham a base de partida do mesmo modo que as encarregadas do **"ataque principal"**; ahi tomam formações de ataque **muito nitidamente articulados em largura** de modo a **amarrar** o inimigo sobre a maior frente possível.

A' hora H ou signal convencionado essas unidades desencana-deiam o ataque, esforçando-se por ligar sua progressão á do **"ataque principal"**.

A fraca dotação de artilharia da D. C. não permite geralmente apoiar pelo canhão as unidades encarregadas dos **"ataques secundarios"**. As mais contarão apenas, na maioria dos casos, com os próprios recursos; haverá entretanto interesse em reforçar-as com Au. M. que terão emprego judicioso na cobertura dos flancos.

E) — Reservas

O cmt. da D. C. mantém em reserva os elementos não engajados. Essas reservas constam em principio de unidades de cavallaria e elementos de Au. M., são articuladas e collocadas no terreno de accôrdo com o seu provavel emprego, isto é:

- protecção d'um flanco ameaçado;
- para o aproveitamento do bom exito;
- acolhimento, num caso de insuccesso.

Em principio, não são ellas muito importantes porque a **violencia** que se deve dar ao ataque — para obter a surpresa — impõe geralmente a collocação da maioria dos meios em linha, desde o inicio da operação.

F) — Emprego dos reforços eventuaes

Quando o cmt. da D. C. recebe reforços eventuaes, emprega-os de accôrdo com os principios seguintes:

1) Esquadrilha Aviação.

A esquadrilha é empregada para o ataque em missões de acompanhamento e de observação em proveito da artilharia. Em circunstancias excepcionaes, poderá intervir no combate com suas metralhadoras.

2) Carros de combate

Os carros de combate são normalmente empregados no "ataque principal"; si a dotação fôr sufficiente, podem ser empregados tambem nos "ataques secundarios". De qualquer modo são tomadas providencias no sentido de que desemboquem por surpresa e sempre protegidos contra os engenhos anti-carros do inimigo.

3) Artilharia

Si os esforços de artilharia forem sufficientes, o cmt. da D. C. depois de ter dado ao "ataque principal" toda a artilharia necessaria, poderá attribuil-a tambem para os "ataques secundarios". Nesse caso, reparte a Art. em duas fracções:

- uma organizada em "agrupamentos de apoio directo", adaptada a um dispositivo de ataque da D. C. (ataque principal e ataques secundarios);
- outra em "agrupamento de acção de conjuncto", comprehendendo a art. 75 disponivel e a pesada que houver recebido; será empregada no decurso da acção na contra-bia. e nas concentrações de fôgos sobre os pontos mais importantes do ataque principal e secundarios.

4) Aproveitamento do bom exito.

O Cmt. da D. C. segue de perto o desenvolvimento do combate de modo a ficar em condições de accionar opportunamente suas reservas.

Logo que as tropas de ataque attingem o objectivo, aferram-se ao terreno; si o inimigo se retrahе ellas mantêm o contacto por meio de elementos ligeiros porque o grosso não fica geralmente em condições de iniciar a perseguição immediata, entretanto, elle

alarga sua conquista por meio de pequenas operações locais e sobretudo mantem-se em condições de repellir os retornos offensivos do inimigo.

O aproveitamento profundo do bom exito cabe ás **reservas**. O Cmt. da D. C. tira das suas reservas, no momento preciso, os elementos que julga necessarios e os organiza num "**agrupamento tactico**" que é lançado sobre um objectivo preciso.

Si o "**ataque principal**" **falha**, o cmt. da D. C. poderá transportar seu **esforço** sobre um "**ataque secundario**" que se desenvolva com successo, apoiando-o com toda a artilharia e alimentando-o com as reservas disponiveis.

PUNIÇÕES

Em face d'uma **infracção disciplinar** é preciso que o Chefe atteste inequivocamente — de maneira positiva — que seus sentimentos continuam uniformes e em nada variaram; que elle possui sempre a mesma fôrça, e que, — a seus olhos — a regra, prescrição ou norma é sempre a regra a ser indiscutivelmente obedecida; que ella nada perdera de seu prestigio e que tem indubitavelmente direito ao mesmo respeito apesar da offensa de que ella fora objecto. Para isso é necessario que o Chefe recrimine ostensivamente o **acto** que fora comettido e que o reprove com a maxima energia. Esta reprovação energica da má acção — acompanhada em alguns casos de sancções directas — eis o que constitue essencialmente a pena ou **punição**.

Punir não é torturar outrem no seu corpo ou em sua alma; é, em face da falta comettida voluntaria ou involuntariamente, affirmar categoricamente a regra que a falta procurou negar.

O Official de qualquer posto que finge — por commodismo — não vêr a infracção disciplinar e não a reprova immediata e energicamente não cumpre o seu dever: é um pusillanime.

SECÇÃO DE AVIAÇÃO

Redactor: A. S. M. ARARIGBOIA

Emprego das Unidades Aereas

Estudo de um caso concreto — Un. Ae.
de Ex. — Un. Ae. Div.

Pelo Ten. Cel. A. S. M. Ararigboia

Apresentando aos nossos leitores um caso concreto do emprego de Unidades Aéreas, buscamos synthetizar num unico estudo as modalidades que elle pode offerecer, partindo do ambito superior do Exército, passando pelos escalões intermediarios constituidos pelas aviações divisionarias e descendo aos grupamentos de bombardeio, grupos de caça e de reconhecimento.

As operações terrestres sobre as quaes se baseia, evidentemente, o emprego das Un. Ae., serão descriptas summariamente e terão em vista a comprehensão das consequentes decisões tomadas pelos commandantes dos diversos sectores de Aviação, considerados assim genericamente.

Este estudo não contem novidades, nem pretende alterar as linhas basicas da doutrina de emprego da arma, ao contrario, elle visa atrair a attenção dos nossos officiaes do Ar, tanto do Exército como da Marinha, para a necessidade sempre crescente de serem encarados estes problemas de uma fórmula objectiva e tendo em vista a preparação para a guerra.

Muna-se agora o leitor de uma carta de S. Paulo, na escala de 1:1.000.000 e das folhas de CASA BRANCA, MOGY MIRIM, CAMPINAS, ITU', SOROCABA, RIO CLARO e PIRASSUNUNGA, estas na escala de 1:100.000.

E passemos, rapidamente, a vista sobre a situação de partida dos dois partidos classicos, aqui os Azues sendo os do Sul.

SITUAÇÃO DA PARTIDA

I — SITUAÇÃO GERAL — O Partido Vermelho (do Norte) lançou-se ao ataque do Partido Azul (do Sul) no eixo constituído pelo valle do PARAHYBA.

Após diversas alternativas, os Vermelhos attingem a frente: BELESOPOLIS, STA. BRANCA, JACAREHY-IGARATA'-PIRACICABA, fracassando todas as tentativas feitas para proseguir na direcção de S. PAULO.

Tendo em vista realizár um desbordamento por W., o Alto Commando Vermelho decidiu reunir um novo Exército (2.º Exército) na região de CASA BRANCA. No início do mez de Novembro esta reunião está concluída.

Simultaneamente novas forças se concentraram na região de de AMPARO-BRAGANÇA (4.º Exército).

II — SITUAÇÃO PARTICULAR DO 2.º EXÉRCITO VERMELHO

a) O 2.º Ex. comprehende inicialmente 3 D. I. e 1 D. C., bem como elementos de exército.

A concentração na região de CASA BRANCA foi inicialmente coberta pela 2.ª D. C. lançada sobre MOGY MIRIM e por elementos levados para o MOGY GUASSÚ na região de PIRASSUNUNGA.

Depois, progressivamente, o 2.º Ex. trouxe sua frente para a linha MOGY MIRIM-ARARAS.

b) No dia D á noite a situação é a seguinte:

2.ª D. C. em MOGY MIRIM-MOGY GUASSÚ com a segurança afastada sobre o ATIBAIA nas regiões de JAGUARY e Est. COSMOPOLIS.

2.ª D. I. em ARARAS-LEME, tendo o R. C. D. em LIMEIRA e RIO CLARO com postos de segurança afastados no PIRACICABA, regiões de VILLA AMERICANA e PIRACICABA, margem Norte.

4.ª D. I. na região de CASCAVEL, testa a 20 km. ao N. do MOGY GUASSÚ e cauda em Est. LAGOA. Seu R. C. D. está em MOGY GUASSÚ com a 2.ª D. C.

6.ª D. I. em CASA BRANCA-S. JOSÉ DO RIO PARDO, onde acaba de ultimar seus desembarques.

ELEMENTOS DO EXÉRCITO

O 2.º Ex. dispõe ainda dos seguintes elementos:

— Artilharia — Como lembrança: 2 R. A. 75 Q. T., 2 R. A. L. Q. T. (105 L), 1 R. A. P. Q. T. (155 C).

— Engenharia — como lembrança: 1 Bt. Sap., 1 R. I. P.

— UNIDADES AÉREAS:

1.º — O 2.º Ex. dispõe dos seguintes elementos a D:

a) **Orgãos de Commando:**

— Um Cmd. Un. Ae. Ex. e elementos addidos: CASA BRANCA.

— Um Cmd. Un. Ae. Div. e elementos addidos: MOGY MIRIM (2.ª D. C.).

— Dois Cmds. Un. Ae. Div. e elementos addidos: CASCABEL.

— Um Cmd. Un. Ae. Div. e elementos addidos: PIRASSUNUNGA.

b) **Tropas**

AVIAÇÃO

— 2.º grupo de reconhecimento — CASA BRANCA.

— 2.º grupo de caça (3 Esq. a 10 aviões) — PIRASSUNUNGA.

— 5.ª Esqd. do 3.º grupo de observação (8 aviões) — MOGY MIRIM (2.ª D. C.)

— 4.º grupo de observação (2 Esqd. a 8 aviões) — CASCABEL.

AEROSTAÇÃO:

— 2.º Btil. Aerostação de observação (3 Cias.) — PIRASSUNUNGA.

ARTILHARIA ANTI-AE'REA:

3.º Regimento A. A. Ae. (75 rebocado):

1 grupo — MOGYMIRIM.

1 grupo — ARARAS

1 grupo — CASA BRANCA.

c) Serviços:

- Parque de Av. de Ex. (n.º 2) — Est. GERIVA'.
- 2.ª Cia. Prep. Terreno...
- 2.ª Cia. Mont. Hangares...
- 3.ª e 4.ª Sec. de Depanagem...

d) Munições:

Depósito de bombas, com saldo de 100 toneladas no dia D em Est. MATTO SECCO. A partir de D-/-1, de dois em dois dias, chegarão 100 toneladas a este depósito.

2.º — No dia D-/-1 chegarão os seguintes reforços:

— Um Cmd. Un. Ae. Div. e Elementos addidos — CASA BRANCA.

— 5.º Grupo de observação (2 Esq. a 8 aviões) — CASA BRANCA.

— 4.º Regimento A. A. Ae. (E. M. e 2 grupos) — Com a 1.ª D. I. M..

3.º — Os aviões de observação são do typo multiplace. Sua capacidade de bombardeio é de uma tonelada a 1.000 km.; ou, uma e meia toneladas a 500 km.

III — Informações sobre o inimigo

No dia D á noite o Cmt. do 2.º Exército tem as seguintes informações:

a) Informações do contacto terrestre:

Contactos com a cavallaria Azul (motorizada ou não) bastante numerosos nos rios PIRACICABA e ATIBAIA. As descobertas lançadas pela 2.ª D. C. e 2.º R. C. D. não puderam transpôr esses rios.

b) Informações sobre as retaguardas:

Confirmadas as informações relativas á concentração das fôrças importantes na região SOROCABA-TATUHY-SARAPUHY-ITAPETININGA e PORTO FELIZ, cujos acantonamentos estão occupados, avaliando-se em 3 D. I. as fôrças que ahi se acham.

Parece ainda que SALTO DO ITU' é mantido solidamente e que em CAPIVARY ha uma cavallaria numerosa (uma D. C. ?).

Não se poude determinar se CAMPINAS estava ou não occupada, mas não ha ahi forças importantes.

c) — Informações da zona a Leste da linha CAMPINHAS-SOROCABA:

Numerosas forças na região de S. PAULO (tropas vindas, pelo menos em parte, por via maritima e desembarcadas em SANTOS).

JUNDIAHY está solidamente occupada ha varios dias. A estrada JUNDIAHY-CAMPINAS está barrada na altura de LOUVEIRA. ROCINHA e ITATIBAIA estão occupadas pelo adversario.

d) — Nenhum indicio da presença de forças inimigas a W. da linha PIRACICABA-TIETE-TATUHY.

e) Informações sobre a Aviação:

Aviação de reconhecimento activa. Sobrevoou varias vezes a zona ARARAS-CASA BRANCA-MOGY MIRIM. Nenhum indicio até agora da presença de aviação de bombardeio.

Terrenos de aviação assignalados em ITAPETININGA, TATUHY e CAMPO LARGO.

A A. A. Ae. actua nas regiões de PORTO FELIZ e SALTO DO ITU'.

f) — Conclusão:

O inimigo reuniu forças importantes atrás da sua esquerda ao mesmo tempo que procedeu á organização de forças na região de S. PAULO.

Está em condições de prolongar em curto prazo sua frente por CAMPINAS-PIRACICABA.

IV — Instrucções recebidas pelo Commando do 2.º Exército Vermelho

Desde sua chegada á base de concentração, o Commandante do 2.º Ex. recebeu varias instrucções e directrizes do G. Q. G. No

dia D, pela manhã, chega ás suas mãos a Instrucção cujo extracto damos a seguir e que resume e confirma as anteriores:

a) **Situação geral e Inimigo** — como lembrança.

b) **Intenção do General Cmt. em Chefe.**

Mantendo uma attitude aggressiva no vale do PARAHYBA, fazer um esforço decisivo em breve prazo na direcção CASA-BRANCA-SOROCABA, afim de contornar por W. a região de S. PAULO e cortar suas communicações com o Sul do paiz. Obtido esse resultado, numa segunda phase de operações, ataques concentricos serão desencadeados visando limpar a região de S. PAULO e pôr a mão em SANTOS.

Consequentemente — O 2.º Exército indo ao encontro dos Azues que acabam de se concentrar em ITAPETININGA-SOROCABA, enquanto que o 4.º Exército (recentemente constituido em AMPARO) atacará eixado por AMPARO-JUNDIAHY-COTIA cobrindo o 2.º Ex. e ligando-o ás forças do valle do PARAHYBA.

c) — **Missão do 2.º Exército.**

Transpondo a D+1 a linha ARARAS-MOGY MIRIM, o 2.º Exército Vermelho assegurará primeiro seu desembocar ao Sul dos rios ATIBAIA e PIRACICABA entre a estrada (inclusive) MOGY MIRIM-CAMPINAS e a região (inclusive) de VILLA AMERICANA. Progredirá em seguida na direcção SW..

Consequentemente, seus objectivos são os seguintes:

O₁ — CAMPINAS-VILLA AMERICANA;

O₂ — Rio TIETE (de SALTO DO ITU', inclusive, ao TIETE' inclusive);

O₃ — SOROCABA-CAMPO LARGO-TATUHY.

— Conforme prescripções anteriores, o P. C. do 2.º Exército funcionará em MOGY MIRIM a 0.00 h. de D-/-1. Deslocamento ulterior no eixo MOGY MIRIM-CAMPINAS-ITU'.

O P. C. do 4.º Exército deslocar-se-ha de AMPARO, no eixo AMPARO-JUNDIAHY.

— O limite L. da zona de acção do 2.º Exército será a linha CAMPINAS-ITU'-SOROCABA (inclusive). Sobre tal linha a ligação ficará a cargo do Exército do Centro.

Em consequencia d'esta Instrucção, o Cmt. do 2.º Ex. redigiu o seu Plano de Manobra e expediu as ordens relativas á jornada de D-/-1.

D'este conjuncto de documentos extrahimos a essencial e que pôde ser synthetisado da seguinte fórma:

— **Intenção do General:** A intenção do Gen. Cmt. do 2.º Ex. é de iniciar o movimento sem perda de tempo, deslocando os seus grossos numa primeira phase para a linha CAMPINAS-VILLA AMERICANA (1.º objectivo do Ex.), onde esses grossos se disporão de modo a poder continuar o movimento offensivo para SW., seja na direcção de MONTE MO'R, seja na de INDAYATUBA. Em consequencia:

— Cobrindo-se face á VILLA AMERICANA e mais para W. forçará a cobertura inimiga entre VILLA AMERICANA (excl.) e JAGUARY (incl.), de modo a se apossar ainda na jornada de D-/-1 do divisor entre o Rib. QUILOMBO e o Rio ATIBAIA.

— **Missão das Grandes Unidades:**

2.ª D. C. — cerrará na noite de D para D-/-1 sobre o rio JAGUARY, de modo ao alvorecer d'esse dia romper a cobertura inimiga, repelindo-a para o S. e S.W., tomando pé successivamente nas linhas:

— LAGOA-S. FRANCISCO-Est. CAPÃO FRESCO-TIJUCO.

— SAMAMBAIA-B. do RIBEIRÃO-CAMPINAS.

— Em caso de encontro com forças superiores se empenhará por attingir no minimo a linha LAGOA-S. FRANCISCO-CAPÃO FRESCO-TIJUCO, cobrindo o desembocar das D. I. de 1.º escalão para o S. do ATIBAIA. Esta linha deverá ser mantida em qualquer hypothese até a chegada das Vgs. das citadas D. I., o que se dará provavelmente na jornada de D+3.

Eixo de esforço: — ARTHUR NOGUEIRA-Et. COSMOPO-LIS-JOSE' PAULINO-MONTE MO'R.

2.ª D. I. — deslocar-se-há ás 0.ªs horas de D+1 pelo eixo ARARAS-LIMEIRA-VILLA AMERICANA, de modo a attingir em fim de movimento a região de LIMEIRA-NUCLEO DO CASCA-LHO.

— Cobrir-se-ha sobre o corte do PIRACICABA, particularmente face a Sta. BARBARA, VILLA AMERICANA e PIRACIBACA.

— Lançará um Dest. de segurança afastada composto no mínimo de - Btl. Trns. - Gr. A. e uma ala do seu R. C. D. para a região de VILLA AMERICANA, o qual deverá ao alvorecer de D+1, em íntima ligação com a 2.^a D. C., forçar a cobertura inimiga, procurando tomar pé nas alturas a L. de VILLA AMERICANA, cobrindo ahi a acção da D. C..

4.^a D. I. — deslocar-se-ha na noite de D/D+1 pelo eixo CASCAVEL-MOGY GUASSU'-CAMPINAS, devendo em fim de movimento attingir a região MOGY-GUASSU'-MOGY MIRIM.

6.^a D. I. — deslocar-se-ha na noite de D/D+1 pelo eixo CASCAVEL-MOGY GUASSU'-CAMPINAS, de modo a attingir ao alvorecer de D+1 a região de CASCAVEL-ORINDIUVA.

Vemos que, de accôrdo com a decisão do Cmt. do 2.^o Ex. Vermelho, nas operações terrestres para a jornada de D+1 somente as da 2.^a D. C. podem offerecer algum interesse. As outras G. U. vão realizar simples movimentos para a linha do ATIBAIA e cobertas por aquella D. C.

O trabalho das Un. Ae., entretanto vae ser intenso, abrangendo o emprego de quasi todos os seus meios. A Ordem Particular ás Un. Ae. dada pelo Cmt. do Ex. é a seguinte, cujos paragraphos principaes depois commentaremos:

II Ex. Verm.

E. M. Q.G. em Est. BALDEAÇÃO, dia D, ás 20.00 horas
2.^a e 3.^a Sec.

N.^o....

Cartas:....

Esc.

INSTRUCCÃO PARTICULAR A'S UNIDADES AE'REAS N.^o....

(Valida a partir das 20.⁰⁰ horas do dia D)

I — SITUAÇÃO GERA — como lembrança.

II — MISSÃO DO EXE'RCITO.

III — IDE'A DE MANOBRA.

IV — ZONAS DE ACÇÃO AEREA.

— Limite L.: a estrada (inclusive): ITAPIRA-PEDREIRA-ROCHINHA-SOROCABA.

— Limite em profundidade entre as zonas de acção aerea das Av. Div. e a Av. de Ex.: — a via ferrea CAPIVARY-INDAIATUBA-JUNDIAHY.

V — ORGANIZAÇÃO DE COMMANDO.

— Um Cmdo. Un. Ae. de Ex. e elementos addidos — CASA BRANCA.

— Um Cmdo. Un. Ae. Div. e elementos addidos — com a 2.^a D. C. (MOGY MIRIM).

— Um Cmdo. Un. Ae. Div. e elementos addidos — com a 2.^a D. I. (PIRASSUNUNGA).

— Um Cmdo. Un. Ae. Div. e elementos addidos — com a 4.^a D. I. (CASCAVEL).

— Um Cmdo. Un. Ae. Div. e elementos addidos — com a 6.^a D. I. (CASA BRANCA).

VI — REPARTIÇÃO E DESDOBRAMENTO.

A) Repartição

a) — Aviação.

Com a 2.^a D. C. — 5.^a Esqd. 3.^o G. O.

Com o o Ex. — Elementos restantes.

b) — Aerostação

1.^a/2.^a Btl. Ae. — 2.^a D. C.

2.^o Btl. Ae. menos 1 Cia. — sem alteração.

c) — A. A. Ae.

Dispondo do 3.^o R. A. A. Ae., são constituídos 3 Agrupamentos destinados á protecção dos campos e dos movimento das G. U. em linha.

d) — Serviços — Sem alteração.

B) Desdobramento

a) — Aviação e Aerostação — Sem alteração.

b) — A. A. Ae..

1 Gr. — MOGY MIRIM.

1 Gr. — PIRASSUNUNGA.

1 Gr. — CASCAVEL.

VII — MISSÕES

A) Informação

Asseguradas pelas Un. Ae. Ex. tendo por objectivo precisar:

1.º — Si o inimigo, em particular a G. U. de cavallaria assignalada na região de CAPIVARY, mantem-se nos actuaes estacionamentos ou se desloca para a frente dos rios PIRACICABA-ATIBAIA. Neste caso orienta seu grosso por:

— CAPIVARY-VILLA AMERICANA?

— CAPIVARY-MONTE MOR-REBOUÇAS-S. FRANCISCO?
Est. DESERTO?

— CAPIVARY-MONTE MOR-CAMPINAS?
TIJUCO.

2.º — Si o inimigo assignalado nas regiões de SOROCABA-SARAPUHY-TATUHY-ITAPETININGA e PORTO FELIZ mantem-se nos actuaes estacionamentos ou, ao contrario, se desloca para N. E. ?

3.º — Retira o inimigo fôrças de sua zona de concentração face ao II Ex. Verm. para reforçar suas frentes de Leste?

4.º — Recebe o inimigo reforços vindos da frente de Leste ou do interior do paiz ?

— Relatorios a enviar ao P. C. do Ex. ás 2.º, 6.º, 12.º, e 18.º horas.

— Informações relativas á hypothese n.º 1 a transmittir egualmente ao P. C. da 2.ª D. C..

B) Caça.

A cooperação da Caça terá por fim:

1.º — Participar na conservação do segredo, assegurando a cobertura do fim de movimento com prioridade para a 2.ª D.C..

2.º — Cobertura dos grossos da D. C. durante a travessia dos rios JAGUARY e ATIBAIA.

3.º — Protecção da Av. Div. da 2.ª D. C., em principio duas vezes na jornada de D, de 7.º ás 8,30 hs. e de 11.º ás 12,30 hs..

4.º — Eventualmente, oppôr-se a acção do bombardeio inimigo sobre as concentrações e columnas em movimento.

C) Bombardeio

1.º — Cobertura indirecta, bombardeando durante a noite de D/D+1 os campos assignalados em ITAPETININGA, TATUHY e CAMPO LARGO.

2.º — Ataque ás columnas inimigas assignaladas ao N. da linha: CAPIVARY-INDAIATUBA.

3.º — Ataque ás concentrações inimigas em suas zonas de desembarque.

D) A. A. Ae.

1.º — Protecção dos movimentos durante a noite de D/D+1, com prioridade sobre os eixos:

a) MOGY MIRIM-JAGUARY.

b) ARARAS-LIMEIRA.

2.º — Cobertura entre os bombardeios inimigos dos campos de Av., com esforço sobre os campos de PIRASSUNUNGA, CASCAVEL e CASA BRANCA.

3.º — Cobertura contra as vistas e bombardeios inimigos das passagens do rio ATIBAIA pelos grossos da 2.ª D. C..

4.º — Cobertura contra as vistas e os bombardeios dos estacionamentos das 2.ª D. C., 2.ª D. I., 4.ª D. I. e 6.ª D. I., em fim de movimento.

Confere:

Gen. X

Chefe E. M.

(as.) Gen. X

Cmt. II Ex. Verm.

Destinatarios:

.....
.....

Em consequencia da Instrucção ás Un. Ae. dada pelo Cmt. do Ex., o Cmt. das Un. Ae. do II Ex. Verm. redige a sua ordem de operações precisando os objectivos para o restante da jornada.

A manobra das Un. Ae. estando intimamente ligada á manobra terrestre, o seu emprego decorre naturalmente das operações visadas pelo Chefe por suas G. U. D'ahi a repartição inicial observada e consequente desdobramento.

O Commando dispõe inicialmente de 1 Gr. de Obs. a 2.ª Esqd.

além de 1 Esqd. já affecta á 2.^a D. C. Como as operações preliminares vão caber á 2.^a D. C., somente esta G. U. contará com meios em Un. Ae., isto é, 1 Esqd. O. e 1 Cia. Ae.

O Gr. de Obs. restante, isto é, o 4.^o Gr. Obs. ficará reservado para o bombardeio, cujo papel vai ser de importancia excepcional na noite de D/D+1.

A Busca de Informações, decorrente do Plano de Informações do Cmt. do Ex. ficará a cargo do 2.^o Gr. de Rec. e das Un. Ae. da 2.^a D. C. dentro dos limites respectivos e já assignalados na Instrução.

Vejamos agora a Ordem de Operações dada pelo Cmt. das Un. Ae. do II Ex. Verm. em consequencia da Instrução anterior e já transcripta.

II Ex. Verm.

Un. Ae. P. C. em Est. BALDEAÇÃO, dia D, ás 21.⁰⁰ horas
E. M.
N.^o

ORDEM DE OPERAÇÕES N.^o Ua-1
(Para a noite de D/D+1 e dia D+1)

I — Situação e informações sobre o inimigo

O inimigo occupa solidamente JUNDIAHY e SALTO DO ITU' e termina a concentração de fortes elementos de todas as armas na região de SOROCABA-TATUHY-SARAPUHY-PORTO FELIZ. Sua cobertura se estende ao longo dos rios PIRACICABA e ATIBAIA, onde foram detidos os nossos D.D..

Parece que uma D. C. em cobertura de seu flanco cionava tarde de hoje em CAPIVARY. Esta cavallaria poderá attingir na jornada de D-1 o corte dos rios PIRACICABA-ATIBAIA, porém os grossos inimigos somente na jornada de D-3 poderão alcançar a linha VILLA AMERICANA-CAMPINAS.

Terrenos de aviação foram assignalados em ITAPETININGA, TATUHY e CAMPO LARGO. A A.A.Ae. inimiga actua nas regiões de PORTO FELIZ e SALTO DE ITU'.

II — Organização de commando.

— Um Cmdo. Un. Ae. Ex. e elemento addidos — CASA BRANCA.

- Um Cmdo. Un. Ae. Div. e elementos addidos — com a 2.^a
D. C. — MOGY MIRIM.
— Um Cmdo. Un. Ae. Div. e elementos addidos — com a 2.^a
D. I. — PIRASSUNUNGA.
— Um Cmdo. Un. Ae. Div. e elementos addidos — com a
4.^a D. I. — CASCAVEL.
— Um Cmdo. Un. Ae. Div. e elementos addidos — com a 6.^a
D. I. — CASA BRANCA.

III — Repartição.

- a) — Aviação:
5.^a Esqd. 3.^o Gr. O. — 2.^a D. C.
Elementos restantes — com o Exército.
b) — Aérostação.
1.^a/2.^o Btl. Ae. — 2.^a D. C..
2.^o Btl. Ae. menos 1 Cia. — sem alteração.

IV — Desdobramento

- a) — Aviação
Sem alteração.
b) — A. A. Ae.
3.^o R. A. A. Ae.
1 Gr. — MOGY MIRIM e JAGUARY-COSMOPOLIS
(em fim de movimento).
1 Gr. — PIRASSUNUNGA.
1 Gr. — CASCAVEL.
4.^o R. A. Ae.: a partir de D+1 — CASA BRANCA.

V — Zonas de acção aérea.

Limite Leste: — a estrada (inclusive) ITAPIRA-PEDREIRA-ROCINHA-SOROCABA.

— Limite entre as zonas de acção da Av. Ex. e as Av. Div.:
— a via ferrea CAPIVARY-INDAIATUBA-JUNDIAHY.

VI — Missões de informação.

Serão asseguradas pelo 2.^o Gr. Rec. tendo por objectivo precisar:

1 — Os estacionamentos assinalados em CAPIVARY continuam ocupados? Estão ampliados?

2 — Ha movimentos de tropas e comboios nas estradas que de CAPIVARY conduzem á região dos rios PIRACICABA e ATIBAIA? (Sentido do movimento — importancia e natureza das columnas-frentes de marcha e frentes attingidas — photos).

3 — Estão ampliados ou diminuidos os estacionamentos das regiões de ITAPETININGA, PORTO FELIZ, SOROCABA, SARAPUHY, TATUHY? (Photo).

4 — Ha movimentos de tropas e comboios, particularmente I. e A., nos eixos que conduzem da região de concentração para N.E., principalmente nos de:

PORTO FELIZ-CAPIVARY-CAMPINAS?

ITU'-CAMPINAS?

SOROCABA-CAMPINAS?

(Natureza e importancia das columnas — Sentido do movimento e linhas attingidas).

5 — Ha movimentos de tropas e comboios na estradas que de PORTO FELIZ e SOROCABA conduzem a JUNDIAHY? (Natureza e importancia, frentes de marcha, linhas attingidas, sentido do movimento. Photos das columnas).

6 — Ha movimento de embarque e desembarque de tropas nas gares de SOROCABA, ITU' e JUNDIAHY? (Natureza e importancia — attitude depois dos desembarques — Vigilancia sobre as rodovias e ferrovias que das frentes de L. e do interior conduzem aos pontos de estacionamento. — Pontos de desembarque e attitude posterior).

— Relatorios a enviar ao P. C. do Ex. ás 2.^{as}, 6.^{as}, 12.^{as} e 18.^{as} horas.

VII — Missão da Caça

Até 12.^{as} horas de D+1:

1 — Cobertura dos fins de movimento da 2.^a D. C. e 2.^a D. I. — de 6.^{as} ás 7.30 hs.

2 — Cobrirá contra as vistas do inimigo a transposição do rio ATIBAIA pelos grossos da 2.^a D. C., de 7.^{as} ás 9.^{as} hs. A cobertura será estabelecida na frente entre JAGUARY e VILLA AMERICANA.

3 — Assegurará a protecção da Av. da 2.^a D. C., a pedido d'esta, entre 8.^{oo} e 10.^{oo} hs.

4 — O Gr. C. ficará em condições de eventualmente intervir contra o bombardeio aéreo.

A partir de 12.^{oo} hs. — previsão :

1 — Assegurar a cobertura contra ataques aéreos na frente attingida pela 2.^a D. C..

2 — Cobrir os estacionamento das 2.^a D. I. e a 4.^a D. I., mediante a permanencia de patrulhas em alerta.

VIII — Missões de bombardeio

1 — Bombardeio durante a noite de D/D+1 dos campos assignalados em ITAPETININGA, TATUHY e CAMPO LARGO.

2 — Ataque ás columnas e aos estacionamento assignalados ao N. da linha CAPIVARY-INDAIATUBA (incl.).

3 — Ataque ás concentrações inimigas na região de SOROCABA-TATUHY-SARAPUHY-ITAPETININGA-PORTO FELIZ.

As missões de bombardeio serão asseguradas pelo 4.^o Gr. Obs.,

IX — Missões da A. A. Ae.

A partir de 22.^{oo} horas de D:

1 — Protecção dos movimentos durante a noite de D/D+1, com prioridade para os eixos:

MOGY- MIRIM-JAGUARY.

ARARAS-LIMEIRA.

2 — Cobertura dos campos de Av. de PIRASSUNUNGA e CASCABEL.

3 — Cobertura contra as vistas e bombardeios inimigos passagem do rio ATIBAIA pelos grossos da 2.^a D. C..

— Em fim de movimento a linha de escuta deverá ficar estabelecida entre JAGUARY e VILLA AMERICANA.

(as.) Cel. B

Cmt. Un. Ae. II Ex.

A ordem dada pelo Cmt. das Un. Ae. completa a instrucção baixada pelo Cmt. do Ex. e faz chegar aos executantes as missões que lhe vão competir na noite de D/D+1 e 1.^a parte da jornada de D+1.

A ordem par o bombardeio, entretanto, será detalhada pelo Cmt. das Un. Ae. numa ordem dada a seguir e dirigida ao Cmt. do Grupamento de Bombardeio. Esta ordem será a seguinte:

II Ex. Verm.

Un. Ae.

P. C. em BALDEAÇÃO, dia D, às 21,30 hs.

E. M.

N.º

ORDEM DE OPERAÇÕES N.º Ua-2
(Para o bombardeio na noite de D/D+1)

I — Situação e informações sobre o inimigo.

(Ver Boletim de Informações n.º)

II — Missões de bombardeio

1 — Bombardeio durante a noite de D/D+1 dos campos assinalados em ITAPETININGA, TATUHY e CAMPO LARGO.

2 — Ataque às columnas e aos estacionamentos assinalados ao N. da linha CAPIVARY-INDATIATUBA (incl.).

3 — Ataque às concentrações inimigas na região de SOROCABA-TATUHY-SARAPUHY-ITAPETININGA e PORTO FELIZ.

III — Objectivos a atacar.

1 — Campo de ITAPETININGA.

2 — Campo de TATUHY.

3 — Campo de CAMPO LARGO.

4 — Estacionamentos na região de CAPIVARY.

5 — Columnas em marcha de CAPIVARY-PORTO FELIZ para o N. e N.E.

IV — Itinerarios

1 — Bombardeio n.º 1.

CASCAVEL-LIMEIRA-PIRACICABA-CONCHAS-GUAREHY.

2 — Bombardeio n.º 2.

CASCAVEL-LIMEIRA-SANTA BARBARA-LARANJAL-TIETE-TATUHY.

3 — Bombardeio n.º 3.

CASCAVEL-MOGY MIRIM-AMPARO-VALINHOS-CABREU-
VA-CAMPO LARGO.

4 — Bombardeio n.º 4.

CASCAVEL-LIMEIRA-PIRACICABA-CAPIVARY

5 — Bombardeio n.º 5.

CASCAVEL-VILLA AMERICANA-CAPIVARY-PORTO FE-
LIZ-INDAIATUBA-CAPIVARY-CAMPINAS.

V — Attitude do bombardeio.

O Bombardeio terá em vista a neutralização total dos campos assignalados, dos pontos de concentração e columnas em marcha visadas.

Carga por avião — 1,5 T.

VI — Hora de partida

— Bombardeios ns. 1, 2 e 3 — 23.^{oo} (vinte e tres) horas.

— Bombardeios ns. 4 e 5 — 00.^{oo} (zero horas).

— Renovação dos bombardeios:

Ns. 1, 2 e 3 — 2.^{oo} (duas) horas.

Ns. 4 e 5 — 3.^{oo} (tres) horas.

VII — Maneira do ataque

Cada bombardeio será executado por patrulhas de 3 aviões.

As patrulhas seguirão os itinerarios determinados para os bombardeios respectivos, de accôrdo com o item IV.

VIII — Informações a colher.

No decurso das missões deverão ser assignaladas a importancia e attitude das forças inimigas encontradas.

IX — Objectivos eventuaes.

Na impossibilidade dos objectivos determinados serem attin-
gidos, as patrulhas procurarão descarregar sua carga sobre os ob-
jectivos seguintes:

— Bombardeio n.º 1 — Estacionamento de PORTO FELIZ ou TATUHY.

— Bombardeio n.º 2 — Estacionamento de CAPIVARY ou ITAPETININGA.

— Bombardeio n.º 3 — Estacionamento de SOROCABA ou CAPIVARY.

— Bombardeio n.º 4 — Columnas em marcha encontradas.

— Bombardeio n.º 5 — Idem.

X — Balisamento

Os pharões de balisamento estarão distribuidos nos seguintes pontos: (como lembrança).

XI — Meteorologia

Vento.....

Temperatura.....

Pressão.....

Estado hyprometrico do ar.....

Visibilidade.....

(as.) Cel. B.

Cmt. Un. Ae. II Ex.

A ordem do Cmt. do Grupamento de Bombardeio, que no caso considerado é Cmt. do 4.º Gr. O., baseada na ordem acima, conterá os seguintes itens:

I — Situação e Informações sobre o inimigo

II — Missão do bombardeio.

III — Objectivos

IV — Repartição.

V — Condições de ataque

1 — Carregamento.

2 — Processo de tiro.

3 — Execução.

VI — Partida

A ... Esqd. iniciará a partida ás ... hs., nas seguintes condições:

1.º Pel — ...hs.

2.º Pel. — ...hs.

3.º Pel. — ...hs.

A ... Esqd. iniciará a partida ás ... hs., nas seguintes condições:

1.º Pel. — ...hs.

2.º Pel. — ...hs.

VI — Itinerarios**VII — Reconhecimentos a executar durante a missão.****VIII — Balisamento****IX — Meteorologia**

A Busca de Informações será iniciada ainda na noite de D/D+1 e d'ellas ficará encarregado, por parte das Un. Ae. do Ex., o 2.º Gr. Rec., cujo campo base estaciona inicialmente em CASA BRANCA. Ao receber a ordem do Cmt. das Un. Ae. do Ex., o Cmt. do Gr. de Rec. expede a sua ordem de operações para a noite de D/D+1, nas seguintes condições:

ORDEM DO CMT. GR. RECTO

IIEx.

U. Ae.

2.º Gr. Rec.

P.C. em CASA BRANCA, dia D. ás 21,30
(vinte e uma e trinta) horas.

ORDEM DE OPERAÇÕES N.º Gr. 1
(Para a noite de D/D+1)**I — Situação geral e informações sobre o inimigo.**

O inimigo occupa solidamente JUNDIAHY e SALTO DE ITU' e termina a concentração de fortes elementos de todas as armas na região de SOROCABA-TATUHY-SARAPUMY-PORTO FELIZ.

Sua cobertura se estende ao longo dos rios PIRACICABA-ATIBAIA, onde foram detidos os nossos D.D. Parece que uma D. C. em cobertura do seu flanco W. estacionava na tarde de hoje em CAPIVARY.

Esta cavallaria poderá attingir na jornada de D+1 o corte do PIRACICABA-ATIBAIA, os grossos inimigos, porém, só na jornada de D+3 poderão alcançar a linha VILLA AMERICANA-CAMPINAS.

Terrenos de aviação foram assinalados em ITAPETININGA, TATUHY e CAMPO LARGO.

A A. A. Ae. actua nas regiões de PORTO FELIZ e SALTO DE ITU.

O 2.º Ex. vae reiniciar o movimento para o S. na noite de D/D+1 devendo a 2.ª D. C. transpor o rio ATIBAIA ao alvorecer de D..

II — Missão do Gr. Reconhecimento.

O Gr. Rec. tem por missão a Busca de Informações, tendo por objectivo precisar:

1 — Estão ampliados ou diminuidos os estacionamentos das regiões de ITAPETININGA-PORTO FELIZ-SOROCABA-SARA-PUHY-TATUHY ?

2 — Ha movimentos de tropas e comboios, particularmente I e A. nos eixos que conduzem da região de concentração para N. e N.E., principalmente nos de:

PORTO FELIZ-CAPIVARY-CAMPINAS?

SOROCABA-CAMPINAS?

(Natureza e importancia das columnas. Sentido do movimento. Frentes de marcha e frentes attingidas).

3 — Ha movimentos de tropas e comboios nas estradas que de PORTO FELIZ e SOROCABA conduzem a JUNDIAHY?

(Natureza e importancia — frente de marcha — linhas attingidas — sentido do movimento).

Recebe o inimigo reforços vindos da frente de Leste ou do interior do paiz?

(Vigilancia sobre as rodovias e estradas de ferro que das frentes de Leste e do interior conduzem aos pontos de estacionamento — pontos de desembarque — attitude depois do desembarque — importancia e natureza.).

III — Missão para a noite de D/D+1

A — 1.^a parte da noite.

1 — Reconhecimentos n.º 1.

Partida: 22,00 (vinte e duas) horas.

Missão: — Procurar os movimentos de tropas nos eixos que conduzem da região de concentração dos grossos inimigos: SOROCABA-SARAPUHY-TATUHY-PORTO FELIZ — para N. e N.E., particularmente nos eixos:

ITAPETININGA-TATUHY-CAPIVARY-CAMPO LARGO
-SOROCABA-INDAIATUBA.

Responder ás seguintes perguntas:

— Ha reconhecimento de tropas e comboios nas estradas: INDAIATUBA-ITU'-SOROCABA-CAMPO LARGO ?

— Physionomia dos estacionamentos nas regiões acima.

Itinerario: CASA BRANCA-CAMPINAS-INDAIATUBA-SALTO-ITU-SOROCABA-CAMPO LARGO.

2 — Reconhecimento n.º 2.

Partida — 22,00 (vinte e duas) horas.

Missão — Procurar movimento de tropas no eixo: CAPIVARY-TIETE'-TATUHY-ITAPETININGA — em direcção a N. e N.E..

Responder ás seguintes perguntas:

— Ha movimentos de tropas e comboios na estrada: CAPIVARY-PORTO FELIZ-TIETE'-TATUHY-ITAPETININGA-SARAPUHY ?

Sentido do movimento — natureza e importancia das columnas — frentes attingidas.

— Physionomia dos estacionamentos das regiões acima.

Itinerario: CASA BRANCA-LIMEIRA-PIRACICABA-CAPIVARY-PORTO FELIZ-TIETE'-TATUHY-ITAPETININGA-SARAPUHY.

3 — Reconhecimento n.º 3.

Partida: 23,30 (vinte e tres e trinta) horas.

Missão — Reconhecer os estacionamentos da região de PORTO FELIZ-TATUHY-ITAPETININGA-SARAPUHY-SOROCABA-ITU' e a actividade nos campos de TATUHY, ITAPETININGA e CAMPO LARGO.

B) — 2.^a Parte da noite.

1 — Reconhecimento n.º 4.

Missão — Procurar os movimentos de tropas e comboios nas estradas que de PORTO FELIZ e SOROCABA conduzem a JUNDIAHY.

Ha movimentos de tropas e comboios nas estradas:

PORTO FELIZ-ITU'-JUNDIAHY?

SOROCABA-ITU'-JUNDIAHY?

Natureza e importancia — frentes atingidas — sentido do movimento.

2 — Reconhecimento n.º 5.

Missão — Correntes de transporte a assignalar do interior do paiz para a região de concentração.

3 — Reconhecimento n.º 6.

Missão — identica a do reconhecimento n.º 1.

4 — Reconhecimento n.º 7.

Missão — Identica á dos reconhecimentos ns. 2 e 3.

IV — Missão para a manhã de D+1 Esq. N.º 2.

4 equipagens em alerta a partir de 5,30 (cinco e trinta) horas.

(a.) Maj. Y

Cmt. do 2.º Gr. Rec.

A autoridade é uma influencia exercida por um individuo estabelecido como superior ou que se apresenta com credenciaes para tal.

A autoridade é uma verdadeira pressão exercida na intelligencia e no livre arbitrio d'um inferior. Essa pressão é de natureza moral, posto que não use de violencias physicas, senão posteriormente a titulo de s a n c ç õ e s.

O que a autoridade deve sempre procurar, é — conforme disse o General DEBENEY — “attingir o proprio individuo na sua razão e nos seus sentimentos”.

A Formação Cultural na Escola Militar

Dentro das directrizes do plano de instrucção deste anno cumprido no Realengo, teve a nossa juventude militar o ensejo de assistir ali a uma série de conferencias, promovidas com o objectivo de orientar a formação cultural dos nossos futuros officiaes. Sobre themas de palpitante actualidade e do mais alto valor para os que se traçaram o destino de servir ao Brasil, fizeram-se ouvir, em sua maioria, destacados elementos da direcção do ensino e do corpo docente da nossa Escola Militar.

Presente a algumas d'essas palestras, pudemos verificar, nesta hora de duvida para tantos espiritos, o innegavel beneficio da iniciativa, em favor de uma pleiade de moços — os aspirantes d'este anno, de cuja formação e de cuja consistencia espiritual está o Exército está a Nação a exigir immediatas e decisivas affirmações.

Foi o seguinte o quadro d'essas lições opportunas e convincentes:

- 1.º) — Necessidade da formação cultural — Papel do official na vida politica e social do paiz. Conhecimentos uteis. — Pelo Maj. Tristão de Alencar Araripe.
- 2.º) — A economia nacional e seu reflexo na Politica brasileira. — Pelo Ten. Cel. Dr. Azor Brasileiro de Almeida.

- 3.º) — As Constituições brasileiras e os militares. — Pelo Cap. Dr. José Rodolpho Toledo de Abreu.
- 4.º) — A Psychologia como base de acção educadora official. — Pelo Ten. Cel. Dr. Eurico Figueiredo Sampaio.
- 5.º) — A Defesa Nacional — sua comprehensão, suas bases e seus factores. — Pelo Cap. Ayrton Lobo.
- 6.º) — O Movimento philosophico moderno — Pelo Cap. Dr. Waldemar Pereira Cota.

Tivemos a impressão de que foi feliz o auditorio, ao receber, curioso, a inspiração e a proficiencia da quasi unanimidade dos illustres conferencistas. Mas é de accentuar-se, sobretudo, o enthusiasmo suscitado por velhos mestres, pelo illustre director do Ensino Militar e por alguns dos elementos novos e já consagrados do magisterio superior do Exército.

Magnifico precedente, é de crêr-se que a sabedoria dos que o criaram frutifique, e novas series venham a ser organizadas em ulteriores programmas de instrução, fixando uma attitude nova — e necessaria — dos que têm o dever de ensinar e o premio de conduzir a mocidade.

A Pedagogia, como o Direito e como a Economia Politica, ramo precioso das Sciencias Sociaes, vale menos pela discussão puramente doutrinaria de seus principios ou pela intransigencia de suas theorias, do que pela objectividade de seus methodos, pela experiencia directa de suas possibilidades e pela arte de realizal-a.

A transmissão directa de verdades que não de percutir a intelligencia e fecundar a alma dos homens, — eis acaso a idéa nuclear de que se originou o pensamen-

to, a que se conformou a acção, e a que parece terem correspondido os resultados mais sensíveis d'essas conferencias.

Possa a velha casa de Benjamin Constant, recolher no seu recinto cheio de tradições — que são sonoridades inaudíveis, — écho de futuras prelecções, cujos ensinamentos se transformem, na intelligencia e na alma dos moços, em sementeira de virtudes para o serviço da Patria.

E' facil commandar homens livres — disse um dia o legendario Osorio aos seus soldados — basta apontar-lhes o caminho do dever.

Apparelho de carregar

Pelo 1.º Ten. José Carneiro de Oliveira

Com auxilio dos recrutas Oscar Henrique da Silva e Frederico Willig, ambos da C. M. R., pude executar a idéa que tive de fazer um aparelho para carregar os carregadores da Madsen.

Os referidos soldados comprehenderam e melhor ainda confeccionaram o aparelho que agora venho apresentar aos meus collegas.

E' um aparelho simples e de facil fabricação, conforme se pode verificar por um simples exame. O presente aparelho ainda nos é vantajoso porque trabalha, indifferentemente, com munição em pentes ou munição para armas automaticas.

Aproveito a oportunidade para deixar, aqui, registrado o meu reconhecimento, aos soldados Oscar Henrique da Silva e Frederico Willig, pelo serviço que tão bem souberam dedicar ao nosso Exército.

APPARELHO DE CARREGAR

O aparelho compõe-se de tres partes:

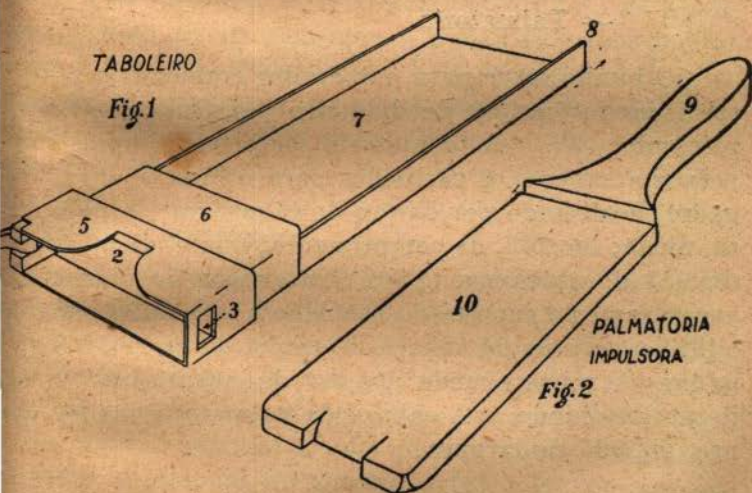
- a) Apparelho propriamente dito;
- b) Palmatoria impulsora;
- c) Tampa do taboleiro.

A) — Apparelho propriamente dito. (Fig. 1)

E' a peça principal e nella encontramos:

— O receptor (5), onde se aloja o boccal do carregador; onde se aloja e funciona o retém do carregador (4). Notam-se nelle: o encaixe, do bico do boccal do carregador (3); o alojamento do retém do carregador, com dois olhaes para o eixo do retém; o retém do carregador (4), destinado a prender o carregador, com o seu dente, pela armela do boccal; a passagem da cabeça do retém da mola do carregador (2).

O receptor do aparelho de carregar só não é **egual** à peça porque aqui a "passagem da cabeça do retém da mola do carregador" é mais profunda (23 mm.) para evitar que os cartuchos introduzidos no carregar voltem quando cessar a pressão exercida pela cabeça da palmatoria impulsora.



Taboleiro, mede 20 cm. de comprimento e 8 cm. de largura. E' uma peça de metal, ligada ao receptor. Notam-se nelle: passagem da palmatoria (6), que serve

para firmar o movimento, para a frente, da palmatoria impulsora e deter o carregador para Fz., quando se empregar essa munição (7). A passagem da palmatoria mede 0,028, rebarbas (8) para adaptação da tampa quando se empregar munição para armas automaticas.

No caso de se empregar munição em pentes, isto é, carregadores com 5 cartuchos, o aparelho dispensa a tampa.

B) — Palmatoria impulsora (Fig. 2)

E' uma peça auxiliar que no caso presente foi feita de madeira, mas que o Arsenal de Guerra está fazendo de metal por ser mais resistente. Nesta peça encontramos:

- Punho.
- Palmatoria.

O punho serve para o operador empurrar a palmatoria, mede 0ms.,03 de diametro por 0ms.13 de comprimento. (9). A palmatoria serve para impulsionar, pela sua cabeça, os cartuchos para o interior do carregador, deslizando por dentro do taboleiro. A palmatoria mede: 0m,265, de comprimento; 0m,08 de largura e 0m,011 de espessura (10). Na cabeça da palmatoria encontramos o encosto do cartucho e o rebaixo para facilitar o acesso da cabeça do retém da mola do carregador. O rebaixo mede: 0m,023 de largura por 0m,007 de profundidade. A cabeça da palmatoria mede, apenas, 0m,065 de largura.

C) — Tampa

A tampa do taboleiro é uma peça de metal, com encaixes para prendel-a ás rebarbas do taboleiro.

Essa peça será utilizada quando se empregar munição para armas automáticas, para evitar que os cartuchos, comprimidos, pelo encosto do cartucho na cabeça da palmatoria impulsora, saltem fóra do taboleiro. A tampa mede: 0m,18 de comprimento, por 0m,09 de largura. É um pouco menor que o comprimento do taboleiro para facilitar a introdução da palmatoria.

FUNCCIONAMENTO

Colloca-se um carregador vazio no receptor do aparelho e no taboleiro, um pente (si se empregar munição a granel, será necessario o emprego da tampa e neste caso pode-se collocar 16 cartuchos); colloca-se o conjunto sobre a mesa ou qualquer outro ponto de apoio e com a mão direita segura-se a palmatoria pelo punho e com a esquerda o aparelho, pelo receptor. Empurrando-se a palmatoria com a mão direita, de modo que ella deslize pelo interior do taboleiro, os cartuchos comprimidos pela cabeça da palmatoria impulsora serão introduzidos, com a rapidez dada pelo operador, para o interior do carregador.

O aparelho que acabo de apresentar aos meus colegas e camaradas do Exército, foi por ordem do Snr. Ministro da Guerra, Gal. de Divisão Eurico Gaspar Dutra, levado, por mim, á presença do Snr. Gal. Castro Junior, Director do Departamento do Material Bellico. Este, depois de examinal-o, com seus officiaes auxiliares, autorizou o Arsenal de Guerra a fazer 20, eguaes ao que levei para modelo, e a distribuil-os aos Corpos para mittirem opiniões.

Agora, em setembro, quando voltei ao Arsenal de Guerra, já encontrei o serviço bem adeantado e tudo

leva a crêr que antes do fim d'este anno, os 20apparelhoss possam ser examinados pelos Corpos.

Esta maquina de carregar os carregadores da metralhadora Madsen, além de muito simples, de facil fabricação e economica, é ainda empregada para trabalhar com os carregadores Madsen modelos: 1919, 1932 e 1935.

Ha a **disciplina preventiva** obtida pela instrucção e educação militares, cujo fim é evitar sejam cometidas transgressões ás normas, regras e preceitos regulamentares ou legaes.

Ha a **disciplina coercitiva** — que obriga — por meio de sanções severas — o respeito ás leis e regulamentos militares. Ambas visam a mesma finalidade: estabelecer o conformismo militar, seja pela voluntaria acceitação das normas existentes nas fôrças armadas, seja pela implacavel eliminação dos inadaptados á vida e ao dever militar.

NOTICIARIO E VARIEDADES

Conclusões

do RELATORIO apresentado ao C. A. de A DEFESA NACIONAL pelo Major TRISTÃO DE ALENCAR ARA-RIPE, ao terminar o seu mandato.

1 — Preliminarmente, devo recordar ser esta a minha segunda gestão da revista.

Coube-me dirigil-a, pela primeira vez, no periodo de 1929 a 1931. Graças á cooperação de varios camaradas devotados foi possivel melhorar consideravelmente a situação da revista, tanto no ponto de vista financeiro como no da producção.

Esse surto de progresso foi quebrado pelos acontecimentos de 1930, quando "A Defesa", destruidas as suas installações e queimados os archivos, teve a sua vida seriamente ameaçada. Para vencer a crise, tive a feliz idéa de appellar para os grandes chefes do Exército, no momento, Klinger, Goes Monteiro, Paes de Andrade, Leitão de Carvalho, Valentim Benicio, etc., os quaes, emprestando effectivo apoio á revista, permitiram que ella continuasse a sua utilissima actuação com muito maior efficiencia.

Em 1934 fui novamente chamado á direcção da revista.

2 — Durante estes tres annos, foram sensiveis as transformações por que passou a mesma.

Por um lado, cumpre assignalar o grande beneficio decorrente da constituição em sociedade civil, convenientemente registrada, por iniciativa da administração anterior.

Por outro lado, consegui realizar nesse periodo:

- a modificação do formato e apresentação da revista;
- maior efficiencia das secções;
- duplicação do numero de assignantes;
- registro da revista na Alfandega e na Associação de imprensa, com o direito de adquirir papel de imprensa;
- solução completa do problema da publicidade;
- melhora consideravel da situação financeira;
- montagem de uma séde condigna para a redacção e administração.

Nesses empreendimentos, foi valiosa a cooperação dos:

fallecido Major JOÃO RIBEIRO PINHEIRO e Snr. HENRIQUE VELHO, que muito contribuíram para a nova organização material da revista;

Major ALEXANDRE CHAVES e Cap. JOÃO BAPTISTA DE MATTOS, os verdadeiros criadores da vida commercial de A DEFESA COMMERCIAL;

Major LIMA FIGUEIREDO, a alma da parte redaccional e o incentivador e coordenador da collaboração;

Snr. MOACYR SAMPAIO, Director da Publicidade, cujo dynamismo soube resolver o problema dos annuncios, que durante os vinte annos de vida da revista parecia insolúvel;

Snr. ANTONIO DE FREITAS, Chefe do Gabinete Photocartographico do E. M. E., o velho amigo a quem muito deve a revista.

3 — Tambem procurei criar uma Secção de Estudos para auxiliar a preparação dos candidatos ás Escolas de Estado Maior e das Armas. Essa iniciativa bem

intencionada, contudo, fracossou devido á incompreensão de alguns camaradas, que nella só enxergaram exploração commercial, quando a nossa Sociedade nada lucraria com isso, arriscando-se, ao contrario, a prejuizos, como aliás os teve no valor de dez contos.

Foi uma pena, porque essa Secção prestaria grandes serviços na preparação á Escola de Maior, que agora preocupa o Estado Maior do Exército.

4 — Ainda era pensamento resolver o problema da remuneração da collaboração para poder selecciona-la. Tinhamos resolvido inicial-o no anno vindouro, o que certamente tentará fazer a nova Directoria.

5 — Transmitto, portanto, á nova Directoria uma situação que se pode ter como invejável.

6 — Finalmente, sirvo-m ed'este meio para exprimir a todos os amigos de "A DEFESA NACIONAL", membros da administração, auxiliares, collaboradores, assignantes, socios, representantes, annunciantes, etc., os mais vivos agradecimentos, porque, na realidade, elles é que foram os verdadeiros factores do successo da revista, nesta phase da sua vida.

O Dia do Professor

Conferencia pronunciada pelo Major JOSE' DE LIMA FIGUEIRÊDO na Bibliotheca Central do Professorado, a convite da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Pará.

Se é verdade que o espirito domina a materia, as funcções do professor são as mais nobres, as mais elevadas e as mais delicadas que se possam imaginar.

Os professores são os agricultores que cultivam o alimento do cérebro, são os magicos que transformam terrenos mentaes, ás vezes totalmente safaros, em fontes productivas de fartas messes — recebem o cérebro em embryão ou já desenvolvido como uma cousa inutil e, no fim de certo tempo, apresentam o fructo do trabalho persistente e laborioso, as boninas candidas e bellas que brotam, com côres vivissimas, da intelligencia. Aquelles que cultivam sua propria mentalidade e contribuem para o desenvolvimento da do proximo desempenham a missão ultra-sublime de elevar o nivel intellectual, não só das nações isoladamente, mas, o que é principal, da humanidade em conjuncto. E tão importante é a acção sobre o cérebro humano, que os afficionados de Allan Kardeck constata-na, através de varias encarnações e explicam os prodigios obtidos neste seculo da conquista do ether, o aperfeiçoamento da mentalidade em varios estagios, caracterizados pelas successivas passagens do individuo pela Terra.

Tres officinas devem concorrer poderosamente na formação do individuo: constituindo uma cadeia syllogistica: o lar, a escola e o quartel. Geometricamente poderiamos represental-os como tres circulos concentricos, dos quaes o lar seria o interior e a caserna a da periphéria.

A educação mental recebida no lar é heterogenea, polymorpha e cahotica. Factores mil influem para isso — o grau de cultura dos paes, as condições de vida dos mesmos, a alimentação, a hygiene, o clima etc.. No primeiro cyclo, onde muitas vezes, a creança adquire solido alicerce para a edificação da sua futura estructura intellectual, cabe ás mães o principal esforço, trabalhando denodadamente para a formação perfeita dos sentimentos moraes e religiosos — é a formação do coração precedendo a do cérebro; é o desenvolvimento do amor e da bondade antecedendo ao da intelligencia que se vae processando automaticamente. O trabalho é ingente e, digamos com franqueza, muitas mães desertam no momento em que sua acção é de todo necessaria e os brutamontes semeadores de guerras surdem violentamente com sanha assassina, procurando levar a derrocada em todos os sectores da vida, gosando as desgraças alheias e invertendo os principios basilares da civilização. Está pesada culpa cabe ás mães que desamparam seus filhos, deixando que nos peitos d'elles tomem vulto não corações de homens, mas de feras sanguisedentas.

A doutrina de Jesus é o vehiculo que une os homens, que con-

grega toda a humanidade na rôta do bem, que nos ameniza os rancores, que nos aplaina as asperesas rudes da vida, que nos faz sentir a alegria de viver... E contra ella se investem os novos Atilas, os modernos Tamerllões, os inimigos do socêgo humano, cujos corações de ferro foram forjados na infancia mercê do descuido de mães indignas d'este nome! Aprioristicamente, sem ambages e sem mais argumentos, podemos pallear com firmeza que a sanguieira desenfreada que corre na Iberia é culpa das mães que se esqueceram de Jesus Christo: é falta da educação no lar.

O commodismo, o luxo, a preguiça dos paes foram os principais factores da destruição da creança e, inconscientemente, vão esses progenitores impellindo para as escolas individuos com defeitos difficeis de serem corregidos.

A escola é a segunda officina, aperfeiçoa os dotes do coração e inicia o cultivo do cerebro. E assim como na primeira se exigem mães desveladas, carinhosas e attentas, nestas se fazem mistér professores com accentuada vocação pela carreira que abraçaram. E' preferivel ficar ignorante d'um assumpto do que aprendel-o com um mestre que não sabe transmittil-o.

Aqui no Brasil qualquer um julga-se com capacidade para ensinar e os desastres são frequentes — alumnos tomam verdadeira ogerisa pela materia ministrada e fogem, todas as vezes que podem, do minimo contacto com a mesma. Os verdadeiros mestres topam a cada instante os maiores obstaculos provenientes da falta de systematização do ensino que contribue em larga escala para a desmoralização do mesmo. A este respeito pontifica o inclito pedagogo Isaias Alves: "Somos um paiz de autodidátas que se aforçuram por formar a propria escola, e nessa construcção gastam metade das energias que deviam servir ao bem da sociedade. Raros vingam os alcantis, muitos divagam na esterilidade farfalhante do verbalismo; alguns se dessedentam nas enseadas bonançosas da sciencia. Estes adornam a alma, engrandecem o espirito. Não vêem o panorama completo das actividades scientificas, porque as arvores não deixam ver a floresta. Rarissimos enrijam a vontade, alargando o espirito e servindo ao bem commum".

A falta de um methodo se juncta a carencia de livros. O interesse commercial supera o colectivo, enriquecendo autores inextruculosos e editores negociastas, ambos exploradores da desgraça alheia, ambos inimigos do proximo, egoistas e egocentricos.

Na escola continúa a formação moral iniciada no lar e, tendo em vista o bem estar do continente em que vivemos e da nossa querida Patria, devemos incutir no espirito da creança idéas de aproximação americana e, tomando a Patria por mystica, arraigar, profundamente, no coração e no cerebro dos instruendos, um nacionalismo sadio capaz de, no momento azado, fazer, nos corações dos quarenta e cinco milhões de habitantes, palpitar o coração de um só patriota.

A esse respeito vou citar um facto historico, grandiloquente, que exprime o alto conceito em que é tida a escola no Imperio do Sol Nascente. De volta da grande guerra russo-japoneza, o general Nogui foi recebido á guisa dos antigos heroes romanos — era uma influencia, um bom costume occidental absorvido pelos nipponicos. O povo vibrou de entusiasmo e o imperador deante dos serviços prestados pelo bravo cabo de guerra, disse-lhe que no dia immediato mandar-lhe-hia a mais mimosa recompensa. Dito e feito: na manhã seguinte Nogui recebia um papel com o sinete imperial. Abriu-o com soffreguidão e verificou que acabava de ser nomeado director da maior escola publica de Tokio. As rugas da face se contrahiram e, sem comprehender o gesto do imperador, julgou-se diminuido, aniquilado, abatido. Procura o aulico competente para explicar-lhe a significação de tudo que se estava passando e obtem do proprio imperador a seguinte resposta: — “Mandei-o para a escola, porque não o podia mandar para outro lugar, lá o senhor fará a felicidade do Japão ensinando as creanças de nossa Patria a amal-a como o senhor a ama!” Na caserna o cidadão se torna apto para defender a terra em que ensaiou seus primeiros passos. E’ a ultima officina e o ultimo estagio. Recebendo-o com optima educação moral adquirida no lar e sufficiente instrucção recebida na escola, o Exercito tem a certeza absoluta de fazer soldados dignos d’esta maravilhosa terra de Santa Cruz. Todavia, ao contrario d’isso, individuos chegam á idade de prestarem o serviço militar em completo estado de ignorancia, analphabetos, com o cerebro completamente obturado. As difficuldades multiplicam-se quando se antolham cerebros assim. São em tudo semelhantes ás sementes de certas arvores como a castanheira, que tem suas sementes envoltas em duros pixidios: torna-s mistér quebrar em primeiro lugar o envólucro. O professor ou o instructor de um homem assim tem que se revestir de uma paciencia evangelica para sem ferir susceptibilidades, des-

ferir violentas marteladas na carcça que envolve o cerebro bronco.

Por fallencia mais de fiscalizaçaõ do que de legislaçaõ, as casernas estãõ repletas, em alguns logares, de individuos nimia-mente cegos intellectualmente. E como as guerras de hoje nãõ mais se fazem com musculos como outrõra e sim com massa cerebral, como soluçaõ foi introduzido o professor no quartel, com o fito de tornar esses homens, que nãõ passaram pela segunda officina de formaçaõ, aptos a exercerem as suas funcções no combate hodierno. Contudo, por infelicidade nãõ succede sãõ isto. Quantos individuos nãõ chegam aos vinte annos sem terem tido a educaçaõ religiosa e moral que deviam receber no lar juncto aos paes. Verdadeiros filhos das hervas sãõ creados ao Deus darã, ao lãõ, formadores de contingentes de párias, ilotas que se prestam a qualquer acçaõ malevola, joguetes dos individuos que tem formidavel cultura mas que nãõ tiveram os effluivos maternos para educar-lhes o coraçãõ. Em todo o mundo existem uns e outros em maior numero que os que fazem os estagios de formaçaõ normalmente, e, como da confusãõ sãõ poderã sahir confusãõ, porquanto sãõ Deus tem a omnipotencia de fazer o bello do cãõs, o mundo anda em sentido inverso e as doutrinas mais esruxulas pullulam em todos os recantos, levando aos lares a fome, às nações a guerra e a humanidade á desgraca, á descrença, ao luto e á tristeza, metamorphoseando o globo numa vastissima caldeira de Lucifer.

O Exército recebe ohs párias, os iconoclastas e os normaes e os funde num sãõ cadinho, mercẽ da democracia em que vivemos, porẽm d'essa fusãõ nãõ sae um typo standard de soldado, nãõ sae o cidadãõ ideal. Com ferro mal forjado de inicio nunca se chega a ter bom açõ...

Concebendo os tres circulos concentricos de que falãmos como orbitas descriptas por tres astros — a educaçaõ no lar, na escola e na caserna — teriamos como satelites gravitando em torno d'elles: as artes, as industrias, as communicações, o commercio, as finanças... Dentro d'esta estrutura ha povos respeitados e nações fortes. Nãõ falei aqui em humanidade, friso, sãõ falei de nações, se bem que desde o berço, seguindo a doutrina sapientissima de Jesus, devamos amar ao proximo como a nãõs mesmo. E o mundo seria um paraizo de amor se pudessemos, sem distincãõ de castas e de raças, afastar do ser humano o odio,

a inveja, a vaidade, a soberbia, elementos geradores das guerras que alguém definiu como uma *therapeutica* que Deus emprega para purificar a humanidade e que Ruskin considerava como "a mães da virtude e do genio" e com convicção sentenciava que "todas as artes puras e nobres da paz são fundadas sobre a guerra. Nestas condições não podemos desprezar a formula si vis pacem para bellum e temos que incutir no cerebro, no coração, enfim na intelligencia e no sentido da creança, em primeiro lugar, acendrado espirito de nacionalismo, a unica cousa que nos fará crescer aos olhos dos alienigenas, seguindo o exemplo de nações agonizantes como a Allemanha, a Italia e Portugal que completamente desmoralizadas, d'uma hora para outrá se transmudaram em potencias respeitadas pelas demais, graças aos esforços de Hitler, de Mussolini e de Salasar. Com acrisolado amor á Patria em que nascemos, estaremos em breve prazo face a face com as mais adiantadas nações do globo, porquanto saberemos nos defender das fallaciosas promessas d'aquelles que exploraram e exploram a nossa incipiente organização para nos chafurdar, cada vez mais, na lama putrida do descredito e assanhar os argentarios que corvejam sobre o nosso destino, aguardando o dia da desgraça. Depois de um nacionalismo quasi sem limites, a união americana em proseguimento da doutrina de Monroe — a America para os americanos — que nos porá em condições de enfrentarmos com vantagem os imperialistas e impedir que um nóvel Pizarro pise plagas do novo continente, nem que aqui sejam reeditadas as scenas da recente campanha abyssinica que envergonhou a face do homem civilizado, fazendo a roda da historia desandar seculos atrás. Por ultimo cultivemos o amor á grande familia universal. E aqui surge a estrutura tambem formada de circulos concentricos, concebida por Alba Cañizares — o nacionailismo, o americanismo e o humanismo partindo do centro para a periphéria, em sentido justamente contrario ao que imaginei na concepção da formação do individuo. As duas figuras se completam: numa estão representados os meios, e, noutra, os fins a attingir. Todo esse resultado grandiloquente que ambicionamos estão em vossas mãos senhores professores, tudo isto será trabalho obtido com perseverança e carinho. Hoje, dia a vós dedicado, devo congratular-me convosco com os exitos obtidos e saudal-os da maneira mais terna e mais amiga, como um representante da classe que aproveita o trabalho anonymo que

diuturnamente desempenhais com abnegação e ânimo forte, na defesa sacrosanta dos ideais de um povo, na formação da intelligencia brasileira e na execução da mais justa aspiração dos que se empenham a fundo para alargar os horizontes do proximo!

O Brasil precisa de vós, senhores professores, afim de que seja movido combate fulminante aos dois cancros que procuram corroer a sua grandeza. O communismo e o separatismo ameaçam-nos, como os dragões lendarios que espirravam fogo e ameaçavam perennemente os habitantes do lugar onde existiam. O separatismo é filho dilecto do communismo e o exemplo palpavel é o quadro dantesco que se contempla em terras banhadas pelo Ebro e o Gualdalquivir. Corre mais sangue na patria de Cervantes do que agita neste ultimo rio. A piedade, o amor do proximo e o espirito de humanidade não encontram mais abrigo no coração hespanhol. A justiça, bella e séria, é lá representada por uma mégera horripilante que encarna a célebre sentença — olho por olho, dente por dente. Mata-se quasi por prazer de matar e a furia de sangue e odio, como um temporal demolidor e violento alastra-se por toda a Iberia majestosa e avança como um raio mortifero pela ponta septentrional da Africa, pelas mimosas Baleares e pelo largo golfo de Biscaya. Por todo lado, a ronda eterna da desgraça e o espectro terrificante da Morte...

Não mais se ouvem os sons saltitantes das castanholas nem o gemido dolente das guitarras. A symphonia sonora, agora, é muito differente — estampidos e estrondos — vozes diabolicas do canhão, da metralhadora, do fuzil e o berro fulminante da dynamite! Parece que o omnipotente equiparou a grande nação hespanhola ás impias cidades de Sodoma e Gomorrha, e sobre ella fez chover fogo sob a fórma de bombas, balas e granadas. Será que nem dez justos foram encontrados na grande peninsula?

Foram encontrados, sim. Não dez, mas uma enorme legião de bravos e justos. E ao invés do Anjo emissario guiar para fóra do paiz a familia santa de Lot, armou o braço dos sublimes legionarios da fé para, em bem da humanidade, esmagar o monstro nascido das temporas d'um louco — Lenine — que fôra atrahido á terra feiteiceira, encantado pelo canto argentino das madrilenhãs.

Conquistada a Hespanha, facil seria uma progressão para a Africa e, através do Atlantico, para a America, onde o communismo vive escondido como as larvas nas aguas estagnadas.

Deus está attento ! A Hespanha será salva pelas forças de Franco ! Esse impavido general sabe que nunca foram vencidos os que souberam lutar em defesa da fé. Lembra-se que Judas, o Machabeu, com um pequeno contingente, desbaratou as tropas aguerridas do rei Antiocho e, com arrojo, tomou a cidade santa: Jerusalem.

Arriba Hespanha! Para frente soldados da fé! Animo patriotas hespanhoes ! O mundo vos contempla, ancioso por assistir á quéda fragorosa do maldito leão de Moscow que não morde como os africanos, mas envenena as consciencias e gangrena a alma popular.

Se, de facto, é verdade que a historia se repete, teremos luta para muito tempo.

A guerra com os mouros durou 700 annos.

A penna mirifica do harmonioso Alexandre Herculano, de emoção em entção, nos descreve, através de um romance sentimentalissimo, as phases da luta gigantesca, desde a travessia do estreito que Hercules abriu com um empurrão, até á verdadeira caçada nas serranias.

Assiste-se á luta nas margens do Chryssus, onde o gardingo de Carotéa, Eurico, apellidado o Cavalleiro Negro, mostrou o quanto vale a força de vontade de um homem, maximé quando lhe arma o braço o desgosto do amor proprio offendido. Lendo-se o livro maravilhoso de Herculano sente-se innumeros pontos de contacto entre aquella guerra de raças differentes e a que agora se desenrola entre gente da mesma raça, mas de ideaes antagonicos.

Um d'elles é a tomada do mosteiro da Virgem Dolorosa dos Nervasios. Os arabes invadiram a casa santa e, numa anciedade de goso e luxuria, procuraram o local onde se achavam as virgens purissimas que se tinham de todo o coração entregado á doutrina de Jesus Christo. No momento em que julgavam apoderar-se das mimosas joias, encontraram um montão de cadaveres ao pé do altar — todas preferiram a morte, o martyrio, a serem desfiguradas pelos impios invasores inimigos da Patria.

E hoje, luta de irmãos, Abel e Caím, os conventos são profanados, as freiras despidas e açoitadas, os sacerdotes fuzilados, em completa nudez, as imagens profanadas e as igrejas — Iguamas seculares — metamorphoseadas em montões de escombros. Nada detem a furia dos iconoclastas nem a idade de um santo hispo

que, com 81 annos, foi despido, banhado em alcool e queimado vivo.

Deus, meu Deus, a corôa dos martyres já está grande em demasia! Sustae o braço assassino! Derramae um pouco de luz na consciencia d'aquelles que, após perderem a fé, deixaram rolar tudo para as profundezas do abysmo: o sentimento da patria, o amor á familia... e quiçá a propria honra.

Senhores professores! Nesta rapida digressão que fizemos pelo outro lado do Atlantico, tivemos sómente em mira pintar-vos, em pinceladas ligeiras, o scenario do Brasil em dias muito proximos, se não tomarmos a maxima cautela, se não degolarmos, já, a hydra com certa cutilada. Factores ecológicos e climatericos influem differentemente sobre os habitantes, distancias enormes separam os filhos d'este grande paiz e, com olhos cubiçosos, aventureiros namoram esta "colmeia onde sobre mel", promptos para o avança, enquanto seus proselytos, por meios escusos espalham a confusão, estabelecem a desordem, derramando combustivel para a fogueira. A espada de Damocles está prestes a cahir. Mistér sustal-a. E a vós, senhores professores, que possuis a tribuna mais honrosa e o auditorio que representa o Brasil de amanhã, está confiada a tarefa de garantir a integridade da patria e o socego da familia brasileira, inculcando paulatinamente os dogmas capazes de afastar de nós o tufão demolidor e nos levar ao caminho da felicidade! Pois como muito bem disse preclara professora patricia — "educar é dar ao ser, intellectual, moral e socialmente em formação, uma directriz de pensamentos e acções, através da criação de disposições de espirito, de attitudes e de hábitos". Um bom professor cria nos alumnos reflexos seus, em virtude da mocidade ser o mais fertil terreno para medrar as sementes das acções grandiosas, das attitudes patrioticas e dos hábitos que contribuem para o bem commum.

O trabalho é titanico, fatigante e desanimador, mas o professor digno d'este nome desconhece a palavra impossivel que Napoleão dizia somente existir no dictionario dos fracos. "E caminha para o bem directo como uma setta lançada contra um alvo" na cruzada sublime de salvar o Brasil pelo verbo, sem appellar para o argumento das armas.

Ainda ha pouco assistimos a um facto devéras commovente — refiro-me ás manifestações de apreço e carinho que foram feitas a professora que ensinou as primeiras noções ao extraordina-

rio escriptor maranhense Humberto de Campos e a velhinha exultou de contentamento pela recompensa que recebia no fim da vida. Quanta alegria não estaria contida nos corações d'aquelles que iniciaram na vida scientifica os grandes genios e inventores? São os premios que o Omnipotente distribue áquelles que cumprem seus deveres religiosamente, na mais sã consciencia de que está praticando um acto esplendente de patriotismo e de humanidade. Os Estados Unidos são sempre citados como o paiz das concepções mirabolantes e nas estatisticas — índices do progresso — occupam sempre as primeiras collocações. Atribuem o salto que a grande patria de Washington deu para frente como consequencia do advento da machina que alli tinha adquirido um desenvolvimento notavel, graças á riqueza do sub-solo, onde o ferro, o carvão e o petroleo existiam em abundancia. De facto essas possibilidades influiram decisivamente na balança, mas, lendo o interessante compendio "Vida e obra do Barão de Macahubas", topei este trecho de ouro: "Um paiz ha que todos citam, sempre que se trata de educação: é os Estados Unidos da America do Norte. Cerca de trinta annos são passados que um grande cidadão d'aquelle grande paiz, Horacio Mann, regenerou ali a instrução primaria. Depois d'isto, no espaço de vinte annos duplicou nos Estados Unidos a população, ao mesmo tempo que triplicou a producção. Ora, esta deveria ter duplicado sómente segundo as proporções ordinarias: porém os americanos do Norte sabem que neste mundo não se é bem succedido em qualquer industria sinão com capitaes e machinas, descobriram um facto enorme, uma verdade muito pouco attendida até o presente, a saber: que o primeiro dos capitaes é o homem que cria a riqueza; que o primeiro dos instrumentos de riqueza é ainda o homem, que é quem inventa e faz mover as machinas".

Exemplo deificante d'um paiz se transformar pela instrução é o Japão. Depois de ser offendido por varias nações que chegaram até a bombardear suas vulcanicas ilhas, mandou grandes levás de homens ao occidente, principalmente á Inglaterra, "onde podessem haurir conhecimentos praticos da vida, estudar os costumes, as sciencias e o regimen industrial". E Muthuhito, o heroe da grandeza nipponica, adoptou o seguinte lemma: instruir e reeducar no menor tempo e a todo custo o povo japonéz".

Do excellente livro de Antoine Zizscha, "Le Japon dans le monde", o major Guimarães de Souza extrahiui umas notas e or-

ganizou aproveitavel opusculo do qual transcrevo o seguinte: "As consequencias estão ahi. Em 68 annos, o Japão arrancado de uma semi-barbarie, transformou-se no que é hoje, uma potencia sob qualquer aspecto. Realizou uma mudança tão digna de ser apontada como imitada, comprovando de forma irretorquível de que, si, sociologicamente pode haver raças superiores. no ponto de vista anthropologico, é o caso japonéz, isso nem sempre é verdadeiro. Na raça a que se allude, producto de tres outras, o seu sangue está muito longe de ser considerado nobre. Esbora-se pois, parcialmente a theoria racista, segundo a qual ás raças nobres estão destinadas a vanguarda da civilização.

A instrucção racionalmente diffundida por todas as camadas sociaes, constituiu não só a primeira directriz do governo de Muthuhito, como o factor principal da transformação por que passou o Japão. A esse respeito, cabe citar o seu primeiro manifesto á nação, onde muito bem se depreheende a importancia que elle dava ao problema educacional do seu povo, a viga mestra que urgia fixar para só depois, então, tratar dos outros assumptos de importancia para o governo: "Cultivae as sciencias e as artes para desenvolver as vossas faculdades e aperfeiçoar os vossos doctores moraes".

Não satisfeito com isto, decreta e impõe successivamente:

- 1.º — que o saber seja procurado no mundo inteiro para assegurar a prosperidade do Imperio;
- 2.º — que a instrucção seja disseminada de tal sorte que não reste em nenhuma aldeia uma só familia ignorante, e em nenhuma d'esta um só membrô ignorante, sem distincção de sexo ou de classe;
- 3.º — que a cada pae ou irmão mais velho cabe o dever imperioso de administrar o ensino aos seus filhos ou irmãos mais novos, inculcando-lhes que o saber é o capital indispensavel para que prospere e se eleve;
- 4.º — que os que erram ou vivem sem tecto, arruinados e famintos, só chegam a tal extremo por falta de instrucção.

Esta tem sido a directriz do Japão, tão bem seguida annos a fio por governantes e governados. Actualmente aquelle paiz pode orgulhar-se de ter a formidavel cifra de 99,5% de sua população alphabetizada".

Vemos claramente que os dois grandes povos do Pacifico seguiram a mesma trilha, rezaram pela mesma cartilha, fazendo da instrucção obrigatoria a base de todo o programma futuro, e ha pouco a Rumania estava negociando um emprestimo externo para executar um plano de resurgimento, tendo po ponto de partida a instrucção.

No Brasil ainda não chegamos ao ponto desejado; factores de desagregação e erros imperdoaveis dos governos serviram de entraves ao desenvolvimento educacional do povo. Temos ainda uma porcentagem consideravel de analphabetos e as creanças em idade escolar dos collegios em plenas cidades, quando o governo devia compellir os paes ou responsaveis a mandal-as á escolas.

Sendo o Brasil um paiz ainda por desbravar em grande parte, não poderemos ter a pretensão de resolvermos definitivamente o problema da educação. Todavia grande parte do mesmo pôde ser solucionada — a educação dos centros populosos. Esta, em grande numero de Estados, está tendo o carinho que merece e o cuidado que deve inspirar aos governos que desejem fazer algo pela terra que dirigem, correspondendo á confiança que o povo lhes depositou. Fôra dos centros, o problema é difficilimo. Servi de testemunha ao seguinte facto: Viajava pelo sert o paranaense e, ao longo das estradas, mais ou menos de trinta em trinta km., topava com uma escola. Não é necessario dizer que me enchia de jubilo e para mim mesmo dizia — até que enfim encontrei um Estado organizado. Num certo dia, resolvi sustar a viagem e visitar uma d'essas escolas. A primeira impressão foi optima: quadro negro relusente, carteiras novinhas, material escolar em abundancia, mas ali tudo isto era inutil... a professora era analphabeta, fôra nomeada por influencia de um chefe politico! Chegado que fui a Curityba procurei o secretario encarregado da instrucção e contei-lhe o que presenciara. Elle esboçou um sorriso e disse-me: — “Já sabia d'este facto meu amigo, a senhora a que o senhor se referiu está lá, porque não encontramos uma preparada que siga para aquelle logar e para não fechar a escola vamos mantendo a mestra incompetente sempre na esperanza de encontrar uma abnegada que se resolva a partir”. A falta de communicações e de conforto no nosso “hinterland” apavoram! Contudo ainda ha provas de que d'um momento para outro poderemos contar com as Ludovinas Porto Carrero, com as Rosas Fonseca, com as Annitas Garibaldi, com as soror Marias Ange-

lica, e encontramos jovens que collocam a profissão acima de tudo e seguem para onde foram designadas. No rio Uaçã, lá nos confins do Amapá, existe uma professora que honra o magisterio brasileiro, entregando-se firmemente á educação dos selvícolas com tão alta comprehensão dos seus deveres que toca ás raíais do sacrificio.

Vou dar a palavra ao illustre pedagogo Fernando de Azevedo, o brasileiro que mais tem trabalhado pela educação do nosso povo, para finalizar a série de considerações que vinhamos fazendo: "Se a escola, por si só, não faz a nação, ella não serve apenas para augmentar a riqueza material e moral do paiz e despertar a consciencia nacional, mas tambem para unir, como um poderoso foco de assimilação, em que as diversas classes de populações vêm attenuar ou dissolver as suas differenças. E' por ella — se não perdeu a consciencia do seu papel nacional — é sobretudo por ella que se guardam as tradições moraes, a musica e as canções que são transmittidas de uma geração e outra e em que palpita a alma de um povo; é por ella, sobretudo, que se mantem a continuidade de tradição, na historia viva de todos os acontecimentos de nosso passado que faz a força nacional e na curva de cuja evolução se podem encontrar as directrizes de uma politica verdadeiramente nacional; é por ella, sobretudo, que o Estado pôde edificar, em bases cada vez mais solidas, a consciencia commum da nação, fazendo concordar a vóz da escola com a vóz da patria e preparando-nos para justificar as palavras de Mazzini: "um povo que guarda as lembranças, a esperança e a fé, dorme o somno do leão".

Senhores professores, deveis neste dia estar orgulhosos da carreira que escolhestes, as grandes e boas lições hão de fructificar, fazendo a nossa querida Patria, pelo ideal humano, tão grande como a vastidão do seu territorio. Continuae a amar a vossa profissão, seguindo as pegadas do moralista Pestalozzi que disse certa vez: "Não quero ser mais do que mestre escola... Quero que me enterrem sob o beiral de uma escola e se inscreva meu nome na pedra que recobrir minhas cinzas; e, quando a chuva do céu a houver desgastado e feito em pedaços, então, talvez os homens se mostrarão para commigo mais justos do que o foram toda a minha vida..." Resistindo ao travo das injustiças e dos dissabores antolhamos em todos os ramos da vida, lembrai sempre este conceito de Fernando de Azevedo: o professor "é, a cada

instante, em relação á creança e aos adolescentes que estão precisamente na idade mais maleavel, o artifice d'essa consciencia common que é a alma da nação e o mais activo fermento da unidade nacional".

Senhores professores e professoras, pelo dia de hoje, eu vos saúdo.

O Petroleo

Cap. JAYME ALVES LEMOS

Nas linhas abaixo procuramos dar aos nossos leitores uma ligeira noticia sobre o mui debatido problema do "Petroleo". A nós militares a questão interessa de modo especial, mormente no momento em que acabamos de assistir a uma guerra, em que um dos combatentes abriu novo capitulo na arte bellica dando inicio á phase rizada".

Claro está que a nação do mundo que fôr detentora de ricas jazidas petrolíferas poderá manter em constante e permanente accionamento as centenas de milhares de motores necessarios ás operações militares, seja qual fôr a região em que operem.

O PETROLEO — SUA ORIGEM

O petroleo, ou oleo cru, não é novidade: "NIHIL NOVI SUB SOLE".

Segundo historiadores antigos, elle já era conhecido desde os tempos mais remotos; si não fôr lenda, diz-se que Noé calafetou a arca com uma substancia, segundo parece "pixe", que havia retirado do Irak.

Os Gregos reduzem a escombros uma esquadra da Scythia, derramando oleo crú sobre as aguas e depois inflammando-o. Os Romanos tambem d'elle fizeram uso; conta-nos a historia que um acampamento inimigo foi incendiado com emprego de "combustivel vivo" (animaes embebidos em oleo e transformados em tochas ambulantes). Os martyres que Roma sacrificou no inicio da Era Christã, eram quasi sempre embebidos em petróleo, para servir de luzeiro nos seus festejos pagãos.

Até 1859, o petroleo não era explorado industrialmente; foi quando o Coronel Edward Drake o descobriu perfurando o sub-sólo na Pensylvania e realizando experiencias; foi victima da ironia popular que classificou de "lacuras de Drake" as suas experiencias.

Duas são as theorias em que se baseiam os geologos para lhe provar a origem: a inorganica e a organica.

A primeira afirma que elle foi formado na terra em consequencia das collossaes reacções chimicas que se deram em virtude de perturbações vulcanicas.

Segundo Newbury, o petroleo é de origem vegetal — immensas florestas pre-historicas soterradas pelos cataclismas por que passou o nosso planeta; são hydratos de carbono resultantes de um processo de putrefacção.

Mais acceitavel, porém, é a que o dá como originario de materias organicas (vegetaes e animaes) cuja decomposição se suppõe ser consequencia da enorme pressão existente no interior da terra, verificando-se sempre a presença de agua salgada, restos do dominio do oceano nestas regiões.

O PETROLEO — A SUA PROCURA

Vejamos succintamente como é feita a procura do petroleo. Inicialmente compete ao geologo (especializado

no assumpto) procurar e localisar o petróleo. Hoje em dia ha apparellhagem que facilita este primeiro trabalho. Uma vez identificada a probabilidade do lençol petrolifero no sub-sólo, em virtude da formação geologica favoravel, dá-se inicio á perfuração.

A perfuradora trará confirmação ou não, da sua existencia. Durante esta phase já o geologo póde ter alguma noticia da provavel existencia de terrenos petroliferos, fornecida pelos testemunhos ou sejam amostras das camadas de rocha colhidas a medida que a perfuração progride.

O tempo necessario para aabertura de um poço é função da consistencia do sub-solo e da maior ou menor profundidade em que se acha o lençol petrolifero; este periodo

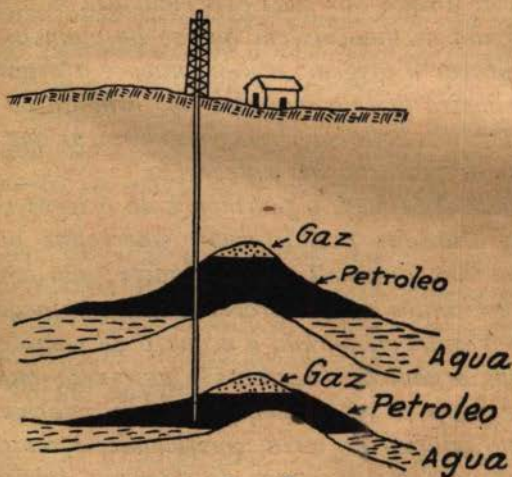


Fig.1

de 15 dias para um poço de 500 metros ou um anno ou mais para os de maiores profundidades. Ha exemplos de se haver gasto de 30 a 100 dias nas perfurações de 700 a 900 m.. Na California existem com mais de 2000 m. de

profundidade, em Salta (R. Argentina) as perfurações têm uma média de 800 m..

Encontra-se o petróleo juntamente com gases e água salgada em lençóis subterrâneos; não precisamos esclarecer que sua distribuição se processa segundo a ordem de densidade. (fig. 1)

Nem sempre é encontrado no local de origem e sim muito longe, após haver feito um enorme percurso através de rochas porosas. Às vezes acontece que o geólogo depois de um estudo criterioso e feita a sondagem, o vê esgotado após uma pequena produção; diz-se que o petróleo emigrou, o que não é nada agradável.

A figura 1 nos mostra o caso interessante que costuma acontecer: — poços já extintos em que, proseguindo-se a perfuração se encontra novamente petróleo.

Como vemos na citada figura, às vezes se apresentam dois ou mais lençóis petrolíferos superpostos.



Fig. 2

A estrutura geológica do sub-solo tem grande importância na determinação da perfuração dos poços petrolíferos; um geólogo especializado e prático é capaz de determinar esta estrutura subterrânea em função d'aquella

da superfície; podendo assim localizar com critério os pontos mais favoráveis às perfurações.

A's vezes acontece que a estrutura geologica é perfeita, mas, feita a sondagem o petroleo não jorra; isto se explica como dissemos acima, pela presença de rochas porosas, através das quaes elle haja imigrado para outras regiões.

A figura 2 nos apresenta o exemplo interessante de pequeno desvio em uma sondagem, provocado por uma anti-clinal muito aguda e pela presença de uma camada de rocha de grande dureza. Pela pouco que citamos podemos já avaliar quanta surpresa pôde encontrar o geologo.

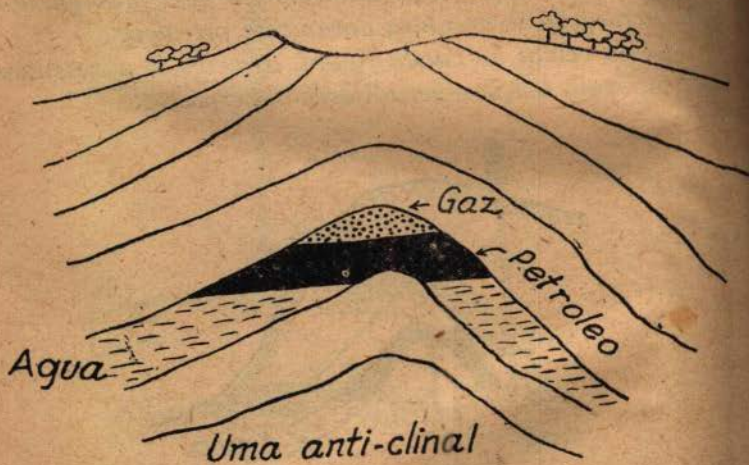


Fig. 3

As camadas do sub-solo apresentam às vezes levantamentos que se denominam de anti-clinaes (figura 3) e são nellas que se encontram os lenções petrolíferos.

O PETROLEO — PERFURAÇÃO DOS POÇOS

Dois são os systemas de perfuraçãc dos poços petrolíferos: o de percussão e o rotativo.

O de percussão consiste numa torre de aço reforçado, com cerca de 25 m. de altura ;na parte superior estão presos por um cabo de aço e um balancim os instrumentos especiaes, que se deixam cair com intervallos regulares. Este "martello pilão" vae assim abrindo caminho através das rochas as mais duras.

A' medida que se progride na perfuração, introduzem-se canos que são atarrachados aos outros vizando revistir as paredes do poço para evitar que haja desmoronamento, o que viria acarretar serios prejuizos nos trabalhos realizados.

O segundo systema de perfuração é o rotativo.

A força de perfuração em vez de actuar, como no anterior, pelo golpe, age pela rotação.

As secções dos canos vão se atarrachando no mesmo sentido em que gira o perfurador; afim de evitar que venham a desatarrachar com o movimento. Pelo interior d'esses canos bombea-se barro, para que este barro lamacento arraste, ao chegar em baixo, os fragmentos de rocha triturada pela perfuradora, fazendo-os sahir pelas paredes exteriores do cano.

Ao subir, a terra, acompanhada d'estes fragmentos de rochas, debaixo de consideravel pressão, vae endurecendo ao mesmo tempo as paredes do furo, agindo assim, como revestimento que impedirá os desmoronamentos futuros.

O instrumento perfurador chamado — trepana — é feito com o metal mais duro que se conhece, apesar d'isto, é necessario de vez em quando retemperar a extremidade e afinal-o. Para retiral-o para o trabalho acima tem-se ne-

cessidade de retirar todos os canos, desatarrachal-os, depois refazer tudo afim de proseguir no trabalho.

Para se avaliar grosso modo quão trabalhosa é a perfuração de um poço, basta que se diga que elles alcançam profundidades de 2.500 a 3.000 metros, o que acarreta a necessidade de 400 a 500 secções de canos atarrachados uns aos outros. Ha accidentes que vêm ás vezes crear serios embaraços aos trabalhos.

Quando, por exemplo, acontece romper um dos canos, então torna-se necessario pescal-o. Outras vezes, na perfuração, o poço perde a linha vertical, principalmente quando a anti-clinal é muito aguda.

Um desvio num aperfuração significa perda de dinheiro e tempo, si o furo não vae ter ao deposito de petroleo (fig. 4).



Quando isto acontece, torna-se necessario tapar a parte desviada e continuar a perfuração na vertical.

Para se manter um controle constante, em cada 10 m. perfurados lança-se uma sonda simples como podemos ver na fig. 5. Ella consiste em um pequeno frasco contendo

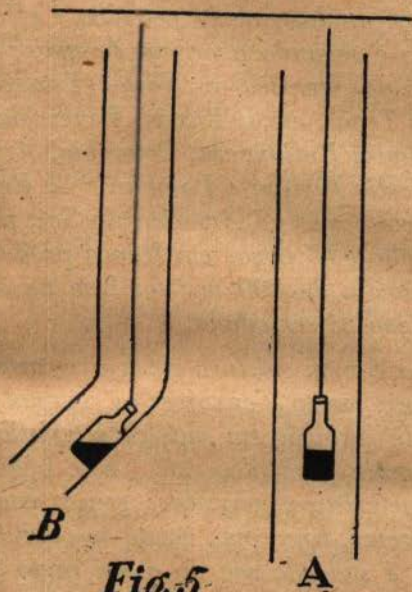


Fig. 5

A

pela metade ácido hidrófluídrico. No trecho cuja verticalidade se deseja comprovar, deixa-se a sonda parada cerca de 20 minutos; uma vez retirada verifica-se si o ácido atacou o vidro segundo o plano horizontal (A) ou não (B).

O PETROLEO — TRANSPORTE — EXPLORAÇÃO — COMPOSIÇÃO

O petróleo ou óleo cru é transportado em canalizações de diâmetro entre 6 e 10 centímetros, chamados oleodutos. Estes oleodutos o levam da fonte onde é extra-

hido até ás refinações, onde soffre as destilações necessarias. Este transporte tambem pode ser feito por via ferrea, fluvial ou de rodagem.

A exploração industrial do petroleo é effectuada nos seguintes paizes e segundo a ordem de maior producção: Estados Unidos da America do Norte (Estados Pensylvania, California, Texas, etc.), Russia, Venezuela, Rumania, Irak, Mexico, India Hollandeza, Colombia, Argentina, Perú, Trindade, India Inglesa e Polonia. A Republica Argentina, a 3.^a collocada na America do Sul, possui só na provincia de Salta 115 poços em franca producção e uma profundidade media de 800 m.; tambem na de Jujuy a producção é digna de ser citada.

O petroleo é uma mistura de hydro-carburetos derivados do exigenio, azoto e enxofre; os compostos representam uma grande variação em suas caracteristicas; não ha uma unica formula para oleo cru. Elle póde apresentar innumeras caracteristicas physicas: grosso como alcatrão, pastoso como creme, fino como azeite ou volatil como a gasolina; quanto á sua cor vai do quasi preto ao amarello pardo, podendo variar do verde ao incolôr.

Pelo que vemos as analyses physico-chimicas do petroleo apresentam verdadeiros contrastes. A sua classificaçao é feita pelo residuo deixado após a destilação; assim se diz que é de base asphaltica (origem animal); parafinica (origem plantas gelatinosas) ou mixta conforme apresente em residuo alcatrão, parafina ou ambos.

Entre os innumeros derivados de oleo cru podemos obter: gasolina, kerozene, oleos (combustivel ou lubrificante), alcatrão, parafina, etc..

O petroleo norte americano dá em média o seguinte: 40 % gasolina, 36 % oleo combustivel, 8 % miscellaneas,

6 % kerozene, 3 % lubrificantes e o restante para outros productos.

O PETROLEO NO BRASIL

No nosso paiz, o problema do petroleo tem sido assumpto para muita polemica, mas, quanto á sua exploração industrial ainda não temos, infelizmente, conhecimento.

O schisto betuminoso, que é encontrado quasi que superficialmente em varias regiões de nosso paiz, embora possa destilar petroleo, não é ainda empregado industrialmente.

Passemos a palavra ao Chefe do Governo que na mensagem enviada ao Congresso Nacional nos enche de esperanças.

"O programma de trabalhos traçado para este sector da producção mineral vem sendo cumprido a contento, sem embargo dos recursos relativamente escassos. A acção official, além dos auxilios e assistencia prestados á iniciativa particular, se fez sentir notadamente nos Estados de Matto Grosso, Pará, Alagôas e Territorio do Acre. Em Matto-Grosso foi realizado um reconhecimento geologico preliminar na região do pantanal mattogrossense, prolongamento do Chaco boliviano. No Pará, na chapada de Monte Alegre, activou-se a sondagem n.º 84. No Estado de Alagôas, com o objectivos de procurar estruturas favoraveis ao accumulo de petroleo e localisar os pontos mais propicios ás perfurações, desenvolveu-se uma campanha de prospecção geo-physics na faixa sedimentaria.

Os trabalhos cobriram uma área aproximada de 1.250 kilometros quadrados. A interpretação dos dados obtidos permite as seguintes conclusões sobre as estruturas regional e local:

A) Os sedimentos apresentam espessuras superiores a 1.000 m. nas partes mais profundas da bacia sedimentarias e 700 a 800 m. na área levantada ao longo da costa e proximo ao porto de Jaraguá;

B) Obtiveram-se indicações de um levantamento aparente, de fôrma anticlinal, alguns kilometros a leste de Maceió, com direcção NE.. O extremo nordeste da estrutura tende para a área pesquisada pela Companhia de Petroleo Nacional em Riacho Doce; o extremo S.W. attinge o oceano, nas proximidades do porto de Jaraguá, Ponte Verde, alguns kilometros a leste de Jaraguá, representa o local, em terra firme, mais proximo do eixo da estrutura. A localisação offerece, com outras vantagens, a probabilidade de encontrar o embasamento crystalino numa profundidade aproximada de 800 m., fornecendo excellente referencia para posteriores estudos estruturales e confirmação ou revisão dos dados geophysicos, além de facil e economico transporte de maquinaria e material para a sondagem.

O segundo ponto que pôde apresentar alguma possibilidade encontra-se a 4 kilometros a NE. de Campo da Air France. O material necessario para a sondagem já se acha depositado em Ponta Verde.

Os trabalhos levados a effeito na região do Alto Ju-ruá, no Acre, são francamente animadores. Ultimaram-se os estudos geologicos de detalhe e levantamento topograficos para individualização de estruturas favoraveis ao petroleo, afim de localisar as futuras sondagens. Já se pôde encarar com algum optimismo as possibilidades da existencia de petróleo no Territorio do Acre, salvaguardando as surpresas inherentes á pesquisa d'esse mineral.

As primeiras perfurações serão efectuadas na serra da Moa, em local situado a cerca de 10 kilometros acima de Gibraltar. Foram transportadas para Cruzeiro do Sul,

naquella região, duas sondas aparelhadas de material sobressalente e de revestimento, com capacidade para abrir poços de pesquisa e de produção até a profundidade máxima de 1.500 m."

E é com satisfação que nós brasileiros vamos assistindo, embora em marcha lenta, o aproximar do dia da nossa — Independencia Economica — pois D. Pedro I unicamente no Ipiranga proclamou a Independencia Política.

"Faze bem o que tens de fazer, é nisto que consiste a honra". Falando do homem, na sua immortal obra "Os ensaios", assim se exprimiu Toze acerca d'essa subtil definição. E se difficil e perigoso é definir — segundo a maxima do sabio grego — Toze scube vencer perigos e difficuldades mostrando a suavidade de se ser honrado.

Eleição da nova Directoria da "A Defesa Nacional"

Em assembléa geral ordinaria realizada no dia 26-X-1937, foram eleitos para administrar os interesses da Sociedade "A Defesa Nacional", no bienio 1938-1939, os seguintes socios:

Directoria:

Presidente — Coronel ALCIDES DE MENDONÇA LIMA FILHO.

Secretario — Capitão ALUIZIO DE MIRANDA MENDES.

Gerente — Capitão ARMANDO BAPTISTA GONÇALVES.

Conselho de Administração:

General BERTHOLDO KLINGER.

Major TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE.

Major EMILIO RODRIGUES RIBAS.

Major OCTAVIO DA SILVA PARANHOS.

Capitão JAIR DANTAS RIBEIRO.

A nova administração tomará posse em Assemblé que se realizará em 31 do corrente ás 17 horas na su séde social.

O handicap da Artilharia e Cavallaria

A falta de parallelismo no accesso dos quadros das armas e serviços

Pósts	Infantaria				Cavallaria				Engenharia				Aviação				Medicos				Int. de Guerra				Artilharia			
	Org. Definitiva	Org. Provisoria	Diff.	Percentagem	Org. Definitiva	Org. Provisoria	Diff.	Percentagem	Org. Definitiva	Org. Provisoria	Diff.	Percentagem	Org. Definitiva	Org. Provisoria	DIFF.	Percentagem	Org. Definitiva	Org. Provisoria	Diff.	Percentagem	Org. Definitiva	Org. Provisoria	DIFF.	Percentagem	Org. Definitiva	Org. Provisoria	Diff.	Percentagem
Cel.	42	39	3	92 %	21	19	2	90 %	17	14	3	82 %	2	2	0	100%	8	8	0	100%	12	12	0	100%	44	25	19	57%
Ten.Cel.	62	53	9	85 %	34	26	8	76 %	24	24	0	100 %	7	7	0	100%	18	18	0	100%	21	21	0	100%	62	45	17	73%
Major	149	129	20	87 %	84	62	22	74 %	60	58	2	97 %	16	16	0	100%	48	48	0	100%	52	52	0	100%	150	89	61	59%
Cap.	549	430	119		226	183	43		177	158	19		41	41	0		208	180	28		—	—	—		422	261	161	
1.º Ten.	642	432	210		380	213	167		179	154	25		77	77	0		300	251	49		—	—	—		622	334	288	
2.º Ten.	459	332	127		230	143	87		68	49	21		77	77	0		—	—	—		—	—	—		248	110	138	
Média				88 %				80 %				93 %				100%				100%				100%				63%

Eis ahi, demonstrada pelos numeros, em toda a sua insophismavel eloquencia, o formidavel "handicap" da Artilharia e Cavallaria em relação ás outras armas e, principalmente, em relação á Aviação, Engenharia e Intendencia de Guerra. Enquanto que na Aviação, no Corpo de Saúde e Intendencia de Guerra, os aviadores, medicos, etc. attingem os 100 % da organização definitiva e a Engenharia, 93 % (!), a Artilharia attinge apenas 63 % e a Cavallaria, 80 %.

O escandalo é de tal natureza chocante que basta citar um exemplo. Tomemol-o ao accaso:

- a) — Um Aspirante da arma de Artilharia, sahido em 30 de Dezembro de 1919, **precisamente ha 18 annos passados**, fora promovido a Capitão em 26 de Janeiro de 1937, ha quasi 10 annos portanto.
- b) — Um Aspirante da arma de Engenharia, sahido em 24 de Dezembro de 1924, isto é, **precisamente 5 annos depois** do primeiro, fora promovido a Capitão em 7 de Julho de 1932 e já é **Major desde meados do anno corrente!!** Ha precisamente na Aviação casos semelhantes.

Enquanto o primeiro tem 18 annos de serviços prestados ao Exército e cerca de 10 annos no posto de Capitão, o segundo chega fagueiramente 5 annos depois, presta apenas 13 annos de serviço — serviços perfeitamente equiparaveis — e com 5 annos apenas de posto de Capitão attinge o majorato para o qual está em vias de completar o interticio legal!... E como este, dezenas de outros casos que servem tão somente para matar o estimulo mesmo dos crentes.

Não ha positivamente parallelismo no accesso dos quadros das differentes armas. E não havendo semelhante parallelismo, ha indubitavelmente injustiça ou falta de sabedoria das leis que moralmente deveriam recompensar equitativamente o esforço desinteressado e os valores equivalentes.

E' facilimo obter-se o parallelismo no accesso dos quadros das differentes armas e serviços. A lei pode perfeitamente regular o de modo a attender — dentro de limites razoaveis — o accesso por merecimento.

Agora que o Exército vae passar por grandes e radicaes remodelações, na sua organização e legislação, a "A Defesa Nacional" appella para os seus grandes e nobres Chefes Militares para — d'uma vez por todas — pôrem o merecido paradeiro em tão injustificavel pratica, e o faz com fundamento no Art. 161 da Constituição Federal que organiza as forças armadas "**sobre a base da disciplina hierarchica**".